Manchete

esportiva

RIO-SÃO PAULO

A GRANDE REBELIÃO DOS CARTOLAS

INTERNACIONAL

OS MAIORES SALÁRIOS DO ESPORTE NO MUNDO

SURFE NO HAVAÍ

SERGINHO ELE PREPARA UMA VOLTA TRIUNFAL

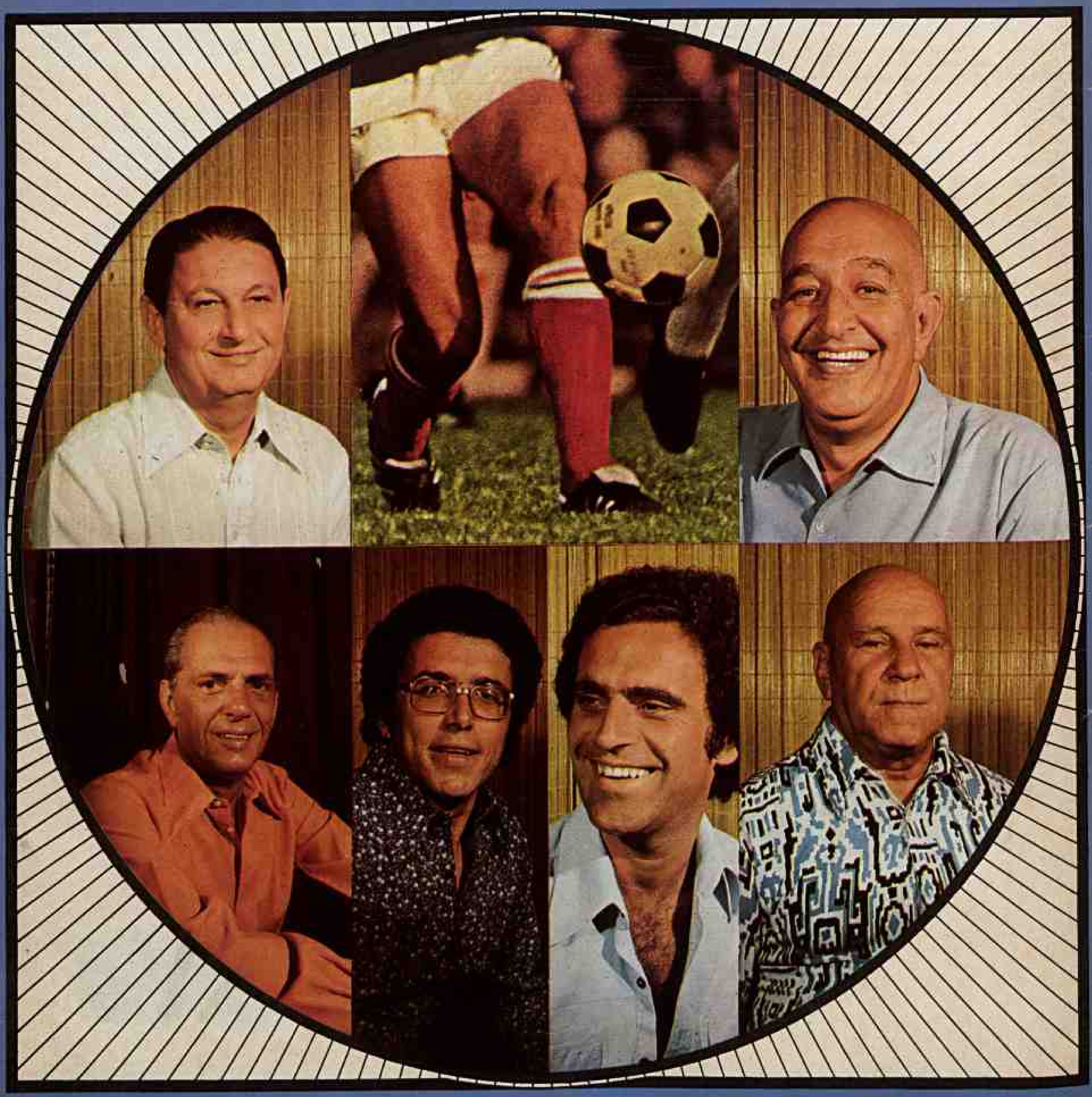
Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1979 — n.º 65 — Cr$ 20,00 (Amazonas, Pará, Acre, Roraima, Rondônia e Amapá, via aérea: Cr$ 24,00)

DN
IV 282
1 18

bloch

FUTEBOL MAIOR PARA TODAS AS TORCIDAS

Rádio GLOBO
1220 KHz



Waldir Amaral - Jorge Curi - João Saldanha - Mário Vianna - Kleber Leite - Loureiro Neto

Escrete do Rádio COM UM BRASIL DE AUDIÊNCIA

Manchete esportiva

Revista Semanal ● Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1979 ● N.º 65

SUMÁRIO

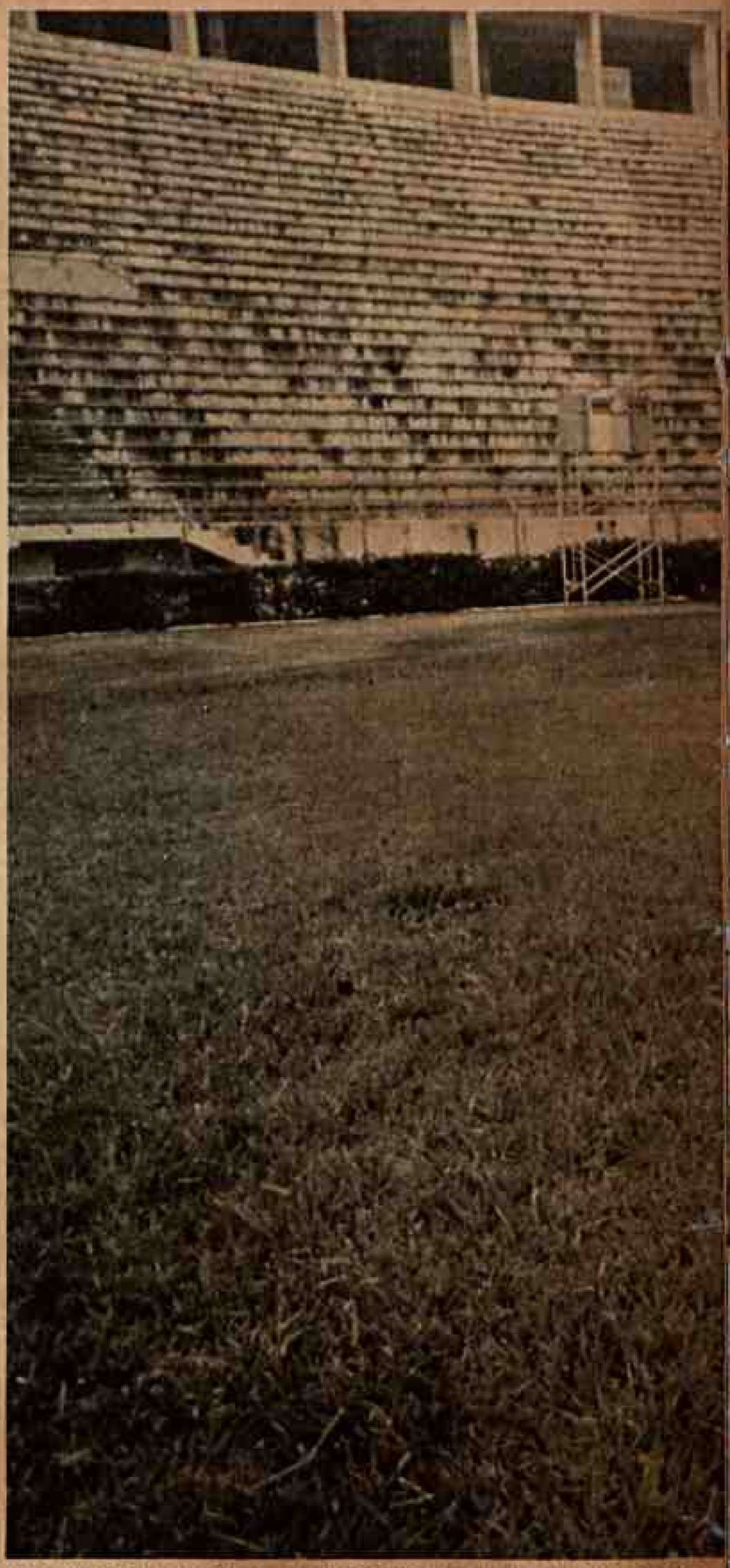
A volta de Serginho	4
Gente — Palhinha, Falcão e Valdomiro	7
Pesca de oceano	9
Ney Bianchi	10
Os maiores salários do esporte	11
Marcos de Castro	19
A guerra dos cartolas	20
O banho de bola da ESPORTIVA	24
Sul	27
Careca: a vocação para o gol	28
Renault Turbo	32
Poster do Flamengo	34
Seleção brasileira juvenil	36
Horácio Marana	39
O dia de glória de Amarildo	40
Ricardo Serran	43
Loteca	44
O Craque Responde	46
Piquet e Alex	48
Cartas	50
Mineiras	51
Surfe no Havaí	52
João Paulo/Nilton Batata	56
Nordeste	59
Vestibular do Futebol/Xadrez	60
A Semana/Esporte Amador	61
Solange Bibas/Mundo	64
Sport Press	65
Sim & Não	66



Na festa do futebol, em Copacabana, a homenagem de Zico e Tita a MANCHETE ESPORTIVA (foto de Gil Pinheiro*). Na capa, Serginho, que, perdoado, se prepara para voltar com os seus gols de raça (foto de* Flávio Canalonga*).*



Durante dez meses ele esteve impedido de vestir a camisa para defender seu time.



Mas hoje se considera um jogador bem mais maduro e tem

SERGINHO

A FERA VEM AÍ, COM FOME DE GOLS

De Artur Appolinário ● Fotos de Flávio Canalonga

SERGINHO volta ao futebol dia 28, contra o Santos. Mas ele não sabe definir a sensação que terá ao percorrer o túnel dos vestiários, subir as escadas de acesso e entrar em campo. O mesmo gramado do qual ficou afastado por dez meses, dos quatorze da pena inicial, considerada por muitos como rigorosa demais. Ele sabe que possivelmente a torcida estará gritando seu nome em coro e as faixas de boas-vindas estarão estendidas pelo estádio. Sabe, também, que essa mesma torcida estará esperando os gols que tanto fizeram falta ao time no primeiro turno do Campeonato Paulista. Para ele, será uma partida especial, a do seu regresso. E só ele sabe como foi penoso o caminho de volta. Serginho retorna para fazer aquilo que sempre fez: perseguir o gol durante toda a partida. A única certeza que tem é a de que entrará em campo um jogador que amadureceu muito, depois de ter passado por uma dura experiência. De resto, ele garante que continuará o mesmo, o **fuçador** de sempre, e espera pagar uma promessa que fez no dia de seu julgamento, no Rio de Janeiro: **"em 82, na Espanha, a camisa nove será minha".**

Em casa, tranqüilo, Serginho confessa que sentiu receio de ser esquecido durante seu afastamento. Ele sabe que o futebol é ingrato e muitos dos que o cercavam anteriormente poderiam sumir.

— A gente só é lembrado quando está por cima!

Mas o receio não se confirma. Serginho

consciência de que a torcida, privada durante tanto tempo de seus gols de raça, vai recebê-lo em festa, com muitas faixas de boas-vindas.



ficava contente quando lhe pediram autógrafos pelas ruas.

— Nem a torcida e nem a diretoria do São Paulo me esqueceram, ainda que eu não estivesse jogando. Isso é bom para qualquer jogador que esteja afastado do time.

Serginho pouco mudou. Continua cultivando os mesmo hábitos dos tempos em que morava com a família no bairro da Casa Verde, em São Paulo. Descontraído, alegre e simples, ele não deixou faltar as brincadeiras nos vestiários do Morumbi, nas vésperas das partidas do São Paulo. Mas também não soube dimensionar, das cadeiras numeradas, a tristeza quando via o time entrando em campo.

"O gol que ele poderia ter feito" — lembraria um torcedor ao seu lado, em qualquer lance de ataque desperdiçado.

E gol sempre foi o negócio de Serginho. Desde os tempos em que corria pela ponta esquerda dos campos de várzea, defendendo o Vasco da Gama e o Casa Verde. Um jogador de garra, lutador, que sempre acreditou em seu futebol. Um rapaz perseverante que, depois de aprovado na **peneira** de Firmo de Mello — que dirigia os juvenis em 71 —, acordava às seis horas da manhã e, juntamente com Mauro (atualmente no Cruzeiro de Belo Horizonte), tomava ônibus lotado para não chegar atrasado aos treinos das nove. E não desanimou quando foi emprestado para o Marília, por oito meses, em 73, e regressou para ser reserva do ponta-esquerda Piau.

— Desde o início, eu sempre achei que o meu negócio era jogar futebol e nunca desanimei. Pelo contrário, sempre acreditei em mim e acho que isso é a coisa



Durante seu afastamento, o grande temor de Serginho era ser esquecido pelos torcedores.



Ele quer que 79 seja o seu ano

"Hoje nada mais conseguirá me abalar. Sofri um golpe e aprendi minha lição. Amadureci muito e hoje estou pronto para agüentar qualquer pancada"

mais importante para qualquer pessoa que deseja vencer na vida. Joguei no interior, ganhei alguns riscos na canela e me esfolei em muito campo de terra. Mas tudo valeu como experiência para mim.

E a experiência que José Poy fez contra o América de Rio Preto, quando Mirandinha quebrou a perna, deu certo. Serginho foi escalado no meio e acabou fazendo dois gols da vitória tricolor. Daí para frente, terminou o ano de 75 como artilheiro do Campeonato Paulista, identificando-se com a boa fase do time nesse ano. Em 76, as coisas não deram muito certo para ele nem para o São Paulo e Minelli decidiu corrigir algumas deficiências do time e de Serginho. O centroavante passou a deixar de cair somente para o lado esquerdo — como via Dadá Maravilha fazer — para se movimentar por todo o setor de ataque, colocando-se melhor dentro de campo. O futebol de Serginho, que também admirava o estilo de César (ex-Palmeiras), cresceu. Ficou do tamanho do Brasil nos teipes de seus gols pela televisão. O filho mais novo da humilde família Bernardino passou a ser cogitado para ir à Argentina. Mas o sonho tornou-se impossível com a agressão ao bandeirinha, naquela desastrosa derrota para o Botafogo de Ribeirão Preto, pela Copa Brasil de 77. Veio o julgamento e a condenação a 14 meses. Junto, a tristeza de ficar fora da Copa e longe dos gramados.

— Cometi um erro e acredito que já tenha pago por ele. Só sei que agora devo jogar meu futebol, sem me preocupar com reclamações a quem quer que seja. Perdi muita coisa, mas estou de volta para recuperar o terreno perdido.

Serginho modifica-se quando fala no passado. Um passado recente que o forçou a treinar sozinho no Morumbi e a disputar vinte e cinco partidas, entre jogos beneficentes e amistosos na várzea, para não perder a forma.

— A diretoria do São Paulo, com seus advogados, fez de tudo para me ajudar. O possível e o impossível. Não tenho nada a reclamar. Recebi meus ordenados certinhos durante o tempo em que estive parado. Só não peguei os bichos. Agora é lutar, pois o meu contrato termina no próximo dia 17 e, apesar de falarem que eu já tinha acertado por três meses, até agora não conversei com o clube sobre isso. Mas acredito que não haverá problemas.

Serginho aprendeu muito nesse tempo em que ficou fora dos gramados. Assim como Pedro Rocha e Mirandinha, que o aconselhavam sempre quando começara como profissional no Morumbi, ele transmite o aprendizado aos juvenis que o procuram.

— E preciso ter uma boa estrutura para suportar as coisas da vida. Eu tive um problema muito difícil, ainda bem cedo, em minha carreira profissional. Hoje, posso afirmar, com toda certeza: nada mais conseguirá me abalar. Quanto mais se vive, mais se aprende. Acho que estou pronto para agüentar qualquer pancada.

Em nenhum momento Serginho demonstrou ressentimento. A época é de conciliação e de reencontro com a galera saudosa de seu futebol rápido. Murici ou Neca, pouco importa. Ele já jogou com os dois e sabe que qualquer um deles é importante para seu futebol e para o sucesso do São Paulo.

"Com Serginho no time, a esperança de gols é sempre maior!", salientou um torcedor tricolor desencantado pelas vitórias magras e resultados negativos do time no primeiro turno do Campeonato Paulista. **"O inimigo que se cuide, pois a fera foi solta"**, completa ao receber o autógrafo de Serginho.



No dia da volta, contra o Santos, Serginho pretende fazer aquilo que sempre fez em campo: perseguir o gol. Depois, espera cumprir a promessa feita no dia do julgamento: conquistar a camisa 9 da seleção.

SÃO PAULO

Fase mais técnica da equipe favoreceu a boa forma de Palhinha

ELE já tinha sido um dos heróis da guerra de 77, aquela guerra surda e odiosa contra os vinte e três anos de fila. Mas, apesar do título paulista, qualquer coisa dizia que faltava ainda um estalo para que o brilho do futebol de Palhinha chegasse à sua plenitude. Porém, o ano de 78 — e isto é uma opinião unânime na imprensa paulista e entre todas as torcidas — se encarregou de tudo: Vanderlei Eustáquio de Oliveira, 28 anos, transformou-se num garoto de 20, pareceu voltar aos melhores tempos do Cruzeiro e terminou como o craque do ano em São Paulo. Embora seu nome hoje esteja ligado ao de Sócrates, com quem forma a melhor dupla de ataque no futebol paulista, não foi o **doutor** quem lhe deu um novo sopro de vida. Mesmo porque, Sócrates só jogou um grande futebol a partir de setembro. Antes, passou pelos problemas de adaptação. Então, a que se deve o renascimento de Palhinha, no seu pleno e total brilhantismo?

— No ano passado, o futebol do Corintians era essencialmente competitivo — explica Palhinha. **— Individualmente, o futebol aparecia muito pouco e quem fosse apontado como o melhor em campo, por exemplo, recebia essa escolha pelo que tinha feito coletivamente. Agora em 78, o Corintians transformou-se num time mais técnico.**

Palhinha acha mesmo que o Corintians adotou o estilo do Cruzeiro, dos bons tempos, **"sendo agora um time técnico, que contratou jogadores de alto nível!".**

— Tendo ainda uma excelente defesa, o que acaba aparecendo é o futebol individual. Talvez, por isso, dentro dessa liberdade, eu tenha conseguido jogar um futebol mais vistoso.

Palhinha — presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais no Estado de São Paulo, cargo que assumiu após a transferência de Leão para o Vasco da Gama — aparece como o jogador do ano no futebol paulista e — no âmbito nacional —, junto com Paulo César Carpeggiani, o melhor do Rio em 78, e Careca — revelação, pelo Guarani. Se mantiver o nível, certamente será convocado para a Copa-América de 79, se bem que Palhinha pode ser relacionado (como Dirceu Lopes, Ademir da Guia e outros) na lista dos **mais constantemente esquecidos.**

— Acho que no caso de Ademir e Dirceu Lopes, excelentes jogadores, aconteceu um problema de adaptação. No Palmeiras e no Cruzeiro, eles podiam jogar de uma forma mais solta. Já na Seleção, onde os esquemas têm que ser mais respeitados, acredito que eles se sentiram presos. Daí, não puderam jogar como faziam nos seus clubes.

— E com Palhinha, o que tem acontecido?

— Eu tive oportunidades, poucas. Fui convocado algumas vezes, mas nessas ocasiões não me deram chance de permanecer no time. Numa seleção, um jogador precisa de continuidade. O técnico sabe disso. Então, mesmo jogando mal, a gente deve ser apoiado porque, afinal, todos sabem de nossa capacidade. Mas no meu caso, não tive chance de jogar seguidamente, embora tenha jogado bem nas vezes em que fui escalado.



Flávio Canalonga

Palhinha: renascendo um craque.

Palhinha encara a Seleção com espírito de independência. Significa que ela só merecerá sua atenção a partir do momento em que for realidade. Uma mistura de renúncia e indiferença com a disposição de encará-la normalmente, se voltar a ser convocado.

— Agora, o que eu quero é passar as férias em Belo Horizonte. Depois, volto para São Paulo e sigo para o Guarujá.

E no Guarujá vai pensar tranqüilamente na reforma de contrato com o Corintians, que vence em janeiro.

— Foi um bom ano, este de 78, não posso negar. O Corintians foi o primeiro clube a se classificar para o turno decisivo do Campeonato Paulista. E a gente está fazendo tudo para conseguir o bicampeonato. (Horácio Marana)

FRANÇA

Henri Michel, com 31 anos, é a esperança do país na Eurocopa

DURANTE muitos anos ele foi o capitão da Seleção francesa, mas com a subida de produção de Marius Trésor, perdeu esse posto, com o surgimento de Michel Platini, perdeu também a posição. No entanto, não eram poucos os que afirmavam que ele não poderia ficar de fora da equipe. E na última Copa do Mundo, ele esteve defendendo o futebol francês, mas fracassou.

Depois de 13 temporadas oficiais em um só clube, o Nantes, fato inédito na história do futebol francês, Henri Michel é apontado, por unanimidade, como o melhor jogador do seu país, seis meses depois da aventura argentina e em meio à temporada oficial. Aos 31 anos, ele tem o reconhecimento de todos. No momento em que Platini, a maior estrela nacional, quebra a perna, é em seu futebol que todos depositam as esperanças de classificação às finais da Eurocopa — a Copa das Nações Européias. À revista **Onze**, ele disse que não entende bem o motivo pelo qual apenas agora surgiu esse reconhecimento pelo seu futebol.

Sempre muito discutido, Michel explica que sua atitude diante das críticas foi de total silêncio, pois sua resposta só poderia ser dada no campo. Ele tem 54 jogos pela Seleção, e considera tudo o mais simples literatura.

— A Copa da Argentina foi o ápice de minha vida como jogador de futebol. Eu participei das campanhas eliminatórias de 1970 e 1974, quando fomos eliminados pela Suécia e URSS, respectivamente. Então, participar da Copa de 78 foi uma experiência gratificante. Para os mais novos, essa nossa ida à América do Sul vai permitir que os erros sejam corrigidos.

Mesmo que muitos lamentassem o grupo em que a França caiu, Michel aponta três erros fundamentais com respeito à desclassificação: 1 — um campeonato nacional muito difícil e longo; 2 — apenas 15 dias de treinamento específico para a Copa; e 3 — nenhum jogo amistoso contra qualquer equipe nesses 15 dias que antecederam a estréia contra a Itália.

— Além disso, esse período foi muito monótono. Nosso ritmo de vida mudou muito. Ficamos meio sonolentos nesses dias, principalmente na Argentina. O resultado foi que, quando precisávamos reagir, não conseguimos.

Lá, como aqui no Brasil, uma desclassificação na primeira fase da Copa gera reações violentíssimas por parte da imprensa. Muitos chegam a dizer que a imprensa da França é a mais escandalosa da Europa.

— As reações violentas são um fenômeno tipicamente francês. A verdade é que a equipe não estava bem preparada. A Copa é um evento excepcional, e dessa vez não tínhamos condições para reagir à altura de sua importância.

Com toda a experiência adquirida nesses 13 anos, Michel é chamado de sentimental, por defender apenas uma equipe. Mas explica que seu sonho, primeiro, era vencer o Campeonato Nacional com o Nantes (já conseguiu inúmeras vezes) e depois vencer uma das Copas da Europa de clubes:

— Ainda vejo o futebol com olhos de amador. O profissionalismo hipertrofiado me dá medo. Medo, porque os mais novos só pensam em ganhar dinheiro. Antigamente, nenhum pai admitia que seu filho fosse ganhar dinheiro no futebol. Hoje, a história é diferente. Ora, a França tem 470 jogadores registrados. Então, pergunto: como estes 470 podem ganhar um bom dinheiro? É isso que procuro mostrar aos mais novos. Acho que minha experiência tem que valer alguma coisa nestas horas.

Embora lamente que a boa fase do futebol francês viesse no momento em que ele é um veterano, Michel ainda não pensa no que fazer quando parar com o futebol:

— Há uma reflexão de Cyrille Guimard que diz que "quando você começa a pensar no que fazer quando parar, é porque já está na hora do fim". E isto é verdade. Para mim, não faz diferença jogar com 31, 38 ou 40 anos. Sinto-me bem física e tecnicamente. Portanto, ainda não penso no que fazer fora do campo. Quando chegar a hora, eu tomo uma decisão. (Eduardo Lacombe) ■

VALDOMIRO

Ele deu mais um título ao Inter e agora acha que já é hora de parar

HÁ 11 anos, após os seus primeiros jogos pelo Internacional, a torcida tinha ímpetos de linchá-lo como se não passasse de mais um cabeça-de-bagre. O próprio técnico Daltro Menezes, que teimava em escalar aquele jovem catarinense de Criciúma à revelia das vaias, era insultado pelos torcedores a cada partida.

Mas hoje, Valdomiro Vaz Franco, 32 anos, autor dos dois gols da decisão contra o Grêmio, é o grande herói do Internacional. Titular absoluto durante uma década inteira, nove vezes campeão estadual e duas vezes campeão do Brasil, ele pode agora se dar ao luxo de planejar o encerramento da carreira para o fim deste ano, de preferência com mais um título. E a mesma torcida que no passado sonhava com o seu linchamento, passou a ter pesadelos quando pensa que ele terá de sair do time.

A força de vontade e o espírito de luta, a humildade e a simplicidade desse ponteiro que foi sempre considerado tecnicamente limitado, são um exemplo aos jovens que se deixam dominar pelo desânimo diante da primeira crítica. E aos 32 anos, na última decisão, ele jogou como se não passasse de um garoto.

— Jogo toda decisão como se fosse a primeira e a última — explica o ponteiro.

Convencido de que nasceu para ser ponteiro, Valdomiro passou a vida inteira buscando aperfeiçoar-se nessa posição. Apesar de não ser um Garrincha e de jamais deixar de ter consciência disso, conseguia aprimorar a cada jogo o seu rendimento como ponteiro. A jogada típica de Valdomiro consiste em pegar a bola no meio campo, correr um pouco, enfrentar o lateral, ir à linha de fundo e cruzar ou chutar a gol. Ele passou a conhecer como poucos a sua região do campo — detalhe que acabou por liquidar algumas carreiras de adversários seus no Grêmio.

Em 70, um chute do meio de campo pegou o goleiro Breno desatento. Resultado: Breno nunca mais jogou no Grêmio. Em 75, um drible em Tabajara, seguido do passe que permitiu a Flávio marcar o gol do hepta suspendeu a trajetória do lateral (hoje do Inter), que jamais voltou a vestir a camisa do Grêmio. Em 78, os dois gols da decisão selaram o futuro do goleiro Corbo no tricolor gaúcho.

— Evidentemente, não posso me sentir culpado. Apenas lamento que os dirigentes de clubes adversários, ao invés de reconhecer minhas virtudes, preferam castigar companheiros de profissão, como se tudo resultasse de suas falhas.

Casado, pai de um garoto de três anos, Valdomiro já se sente perfeitamente realizado no futebol. Mas acha que a conquista de mais um título este ano seria a melhor maneira de encerrar uma carreira marcada pela persistência e pela força de vontade. **(Eugênio Bortolon)**



Gil Pinheiro

Guina: nos planos de Orlando Fantoni

FANTONI

Novo técnico do Grêmio imita Gentil e pede Guina para ser campeão

O técnico Orlando Fantoni fez certamente um dos seus melhores contratos, ao assinar com o Grêmio por Cr$ 100 mil mensais e mais Cr$ 500 mil de luvas. **Titio Fantoni** terá a dura tarefa de fazer do Grêmio novamente um time campeão, mudando alguns jogadores, que estão velhos demais, e indicando futuras contratações. Antes de começar qualquer trabalho, Fantoni disse aos dirigentes do Grêmio que gostaria de ter um só jogador novo na sua equipe: Guina, do Vasco.

— Ele é perfeito, sabe tudo da bola do meio-campo para a frente — disse Fantoni. **— É o tipo do jogador que qualquer técnico do mundo gostaria de ter. Se o Grêmio o contratar todos podem ter certeza que o time poderá ser campeão.**

A contratação de Fantoni animou os torcedores do Grêmio, mas também possibilitou algumas brincadeiras. Um cronista chegou a dizer, por exemplo, que o Grêmio terá agora um padre (Fantoni) e um sacristão (Tadeu Ricci) para reconquistar o título gaúcho. Os dois, segundo o cronista, são muito religiosos e vão vencer o campeonato gaúcho na base da fé e da crença em Deus. Brincadeiras à parte, os dois certamente vão ajudar para a formação de um bom ambiente no Grêmio, o que é, afinal, o primeiro passo para se obter qualquer coisa.

FALCÃO

Jogador fica assustado com a violência e quer fazer seguro das pernas

PAULO Roberto Falcão, do Inter, tomou uma decisão bastante curiosa para enfrentar a temporada oficial de futebol de 79: vai fazer um seguro especial para suas pernas, segundo ele perseguidas pela violência dos zagueiros adversários. A atitude de Falcão chegou a causar espanto, mas ele próprio se encarregou de explicar os motivos da sua preocupação.

— Fiquei horrorizado com a violência que vi nos campos de futebol em 78 e vou me proteger para o futuro — disse. **— Preciso cuidar do meu instrumento de trabalho e sobrevivência. Se a Fafá de Belém fez um seguro para o seu busto e o Paulo Autran para sua voz, eu também acho que tenho o direito de proteger as minhas pernas.**

Falcão ainda não decidiu qual será o valor do seguro, mas está encontrando um obstáculo à realização de seu desejo: nenhuma companhia seguradora de Porto Alegre concordou por enquanto em buscar a fórmula capaz de permitir o seguro das pernas do craque do Inter. Mesmo assim, ele pretende insistir: "Se não der para fazer no sul, vou tentar no Rio ou em São Paulo. O seguro já é uma questão de honra para mim, e não pretendo jogar mais sem essa garantia. Já cansei de ver problemas de fraturas e de ser atingido pela violência." **(Eugênio Bortolon)**

MIRANDA

Ele sonha em jogar no Rio, pois acha que seu estilo é todo carioca

QUANDO chegou no Guarani, em 1974, o lateral Miranda era um modesto meio-campo dispensado pelo Corintians, para onde tinha sido levado pelo irmão, o zagueiro Miranda, que joga atualmente no Fluminense, do Rio. A única coisa que Miranda (o do Guarani) sabia dizer é que **"queria uma oportunidade"**. Foi aí que Ladeira — técnico do juvenil do Guarani na época — aconselhou-o a jogar na lateral-direita, pois **"no meio-campo há muita gente boa e vai ficar difícil para você"**.

Mas Miranda não perdeu a oportunidade e em pouco tempo foi subindo de jogo chegando a titular da equipe juvenil. No início, Miranda tinha uma certa dificuldade em cruzar a bola, pois acostumado a jogar em outra posição, mal sabia dar a força necessária e a bola sempre atravessava toda a extensão da área.

— Até hoje ainda estou me aperfeiçoando e corrigindo todas as falhas. Tinha a mania também de carregar muito a bola e chutar pouco em gol. Mas há três anos que treino no paredão e nas peladas jogo no ataque para ter uma visão melhor de gol. Acho que o zagueiro deve saber exercer todas as funções de um atacante.

Miranda ficou os anos de 74 e 75 na equipe juvenil e em 76 subiu para o time profissional como lateral-direito. Estreou num jogo contra o América do Rio e marcou um gol. Mas Paulo Amaral, seu treinador no ano passado, decidiu experimentá-lo na ponta-direita. Fracassou. As coisas só melhoraram quando Carlos Alberto Silva assumiu e o transformou num dos melhores — senão o melhor — laterais-esquerdos do país, em 78. Quanto ao futuro, Miranda sonha em vir jogar num clube do Rio, pois seu maior sonho sempre foi atuar no Maracanã:

— Não importa qual seja o time, pois garanto que em pouco tempo serei um ídolo da torcida. Meu estilo é para o futebol carioca. (Brasil de Oliveira) ■

PESCA DE OCEANO

Índice técnico dos 3 torneios vai melhorar nas próximas etapas

EMBORA as capturas tenham sido mais significativas na 2.ª etapa da Pesca de Oceano, como provam o **sailfish** de 43 quilos capturado pelo comandante da lancha **Jenny III** (6.ª colocada), Victor Adler, e o marlim-branco de 21 quilos, do comandante da **Raclete** (11.ª colocada), Ricardo Gasparian, o índice técnico da competição ainda está longe do ideal. Pelo menos esta é a idéia geral no Iate Clube do Rio de Janeiro (ICRJ).

Para os participantes das três competições simultâneas da temporada 1978/1979 da Pesca de Oceano — 16.º Torneio de Peixes de Bico, 10.º Torneio de Peixes de Oceano e 4.º Torneio de Dourados — a segunda etapa, realizada dia 23 de dezembro, já deu mostra de que as seguintes serão mesmo as decisivas. Explicaram que, de acordo com as condições do mar em dezembro, já se podia prever melhores índices para janeiro, nas duas últimas etapas, quando ocorrerá a maior incidência de peixes de bico da temporada.

No entanto, independente do otimismo das equipes participantes, um problema não previsto pelos organizadores vem dificultando a atuação dos pescadores. Trata-se das iscas, que alcançaram índices de preços muito elevados e, praticamente, sumiram dos mercados tradicionais, como revelou o gerente do Departamento de Pesca, do ICRJ, Oscar Cardoso. A melhor delas, feita de farnangaio — uma espécie de peixe parecido com a sardinha, mas mais resistente — está cotada, atualmente, a mais de Cr$ 150 o quilo.

— **A vantagem do farnangaio** — explicou Oscar Cardoso — **é que ele é uma isca mais resistente e salta na água, de acordo com o movimento da lancha, chamando a atenção do peixe grande. Essa espécie de isca era fornecida habitualmente por pescadores profissionais de Angra dos Reis, ao preço médio de Cr$ 25,00 o quilo.**

Esse problema da isca, segundo Cardoso, ainda não pode ser contornado pelos organizadores, e vem influindo no rendimento técnico das equipes. Resta apenas aguardar que o fornecimento de farnangaio volte a ser normalizado pelos pescadores profissionais. Pelo menos essa é a esperança do Departamento de Pesca e Caça Submarina do ICRJ para o 2.º Torneio Safira, dias 24, 25 e 27 de janeiro.

O Safira — uma espécie de Master, do qual só participam os 15 primeiros colocados no Torneio de Peixes de Bico — foi criado na temporada passada e se tornou uma das mais importantes competições. Sua principal diferença para os demais torneios é que procura, ao máximo, igualar a luta entre pescador e peixe — antes desigual, por causa dos modernos materiais de pesca — além de não exigir o embarque do peixe, liberando-o imediatamente após ser declarado capturado. Os pontos são estipulados de acordo com o tempo gasto na captura.

Outra particularidade do Safira é apontar o melhor pescador da temporada, independente da equipe, e exigir que as capturas sejam feitas com a lancha parada. O campeão do 1.º torneio foi Leonardo Bochner, comandante da lancha **Binoca.** Mas o sucesso do Safira também foi conseqüência do recorde mundial conquistado pela lancha **Ponta Negra,** do comandante José Vasco da Costa, que capturou 24 **sailfishes** numa única etapa. O recorde foi confirmado pela International Light Tackle Tournement Association (ILTTA).

Os vencedores da segunda etapa da Temporada de Pesca de Oceano foram: 16.º Torneio de Peixes de Bico — 1.º) **Dona Maria III,** do comandante Paulo Tibau, com 14 peças capturadas e 6.175.000 pontos; 2.º) **Maira,** de Ivan Briggs, 10 peças e 4.226.000 pontos; e 3.º) **Ricamar,** de Raul de Souza Francisco, sete peças e 2.893.000 pontos; 10.º Torneio de Peixes de Oceano — 1.ª) **Saramandaia,** de Cláudio Rozen, cinco peças e 403.000 pontos; 2.º) **Andréa-Rio,** de Adolpho Mayer, cinco peças e 205.000 pontos; e 3.º) **Mona Lisa,** de Erix Atheniense, duas peças e 110.000 pontos, 4.º Torneio de Dourados — 1.º) **Mon Plaisir,** de Wagner Cavalcanti, 36 peças e 265.200 pontos; 2.º) **Aruanda,** de Alfredo Mário Castilho, 28 peças e 235.300 pontos; 3.º) **Arusha,** de Antônio Carlos Gondim, 21 peças e 221.000 pontos.

As líderes das três competições, após a segunda etapa, são: Bico — **Dona Maria III;** Oceano — **Marbella;** e Dourado — **Bandida. (Sérgio Martins)**

ESPERANÇA

Cláudio Duarte tem muitos planos para dar o bi ao Inter

O técnico campeão gaúcho de 1978, Cláudio Duarte, do Internacional, tem apenas 28 anos, mas, em 10 meses de profissão, mostrou suficiente competência para continuar no cargo: é, antes de tudo, amigo dos jogadores; sabe compreendê-los e, também, como conseguir obediência às suas instruções. Além dessas qualidades, Cláudio mostrou que entende de futebol, de táticas e de fórmulas. Ele lê tudo sobre o assunto, acompanha o futebol internacional e está sempre atualizado com o que acontece em outras partes.

Cláudio Duarte tem em Rubens Mineli mais que um amigo: é a ele que recorre sempre que enfrenta qualquer dificuldade para armar seu time. E, com essa ajuda, muito conseguiu ano passado:

"Em 79, acho que vou enfrentar um ano bem mais tranqüilo. A luta será para manter o título e buscar uma boa posição no campeonato nacional."

Quanto ao Inter, tudo está em paz: Cláudio tem a renovação do seu contrato garantida e já faz seus planos: garante que vai pedir um zagueiro central e um centroavante. E, assim, pretende manter o Inter em destaque este ano. **(Eugênio Bortolon).**

IDEAL

Luís Carlos Pedrosa quer mudar a imagem do massagista no Rio

LUIS Carlos Pedrosa é um carioca cheio de planos novos para a sua profissão: massagista. Entusiasmado com os rumos que a sua carreira vai tomando, ele, por outro lado, começa a se preocupar, também, com as deficiências da sua profissão, em termos de organização, segurança e proteção aos que nela trabalham. Por isso, já procurou uma turma de respeito para colocar — ou começar a colocar — as coisas em seus devidos lugares. Nocaute Jack, massagista da Seleção brasileira, Isaías, do Flamengo, e outros já se dispuseram a ajudá-lo:

"O problema — diz ele — é a desvalorização do massagista de futebol, pelo aviltamento dos salários. É preciso organizar a profissão que, no futebol, é a mais desorganizada de todas. Nós, atualmente, não temos nem proteção nem garantia. É claro que isso tem uma explicação: por tratar-se de uma profissão bastante recente — não em termos de existência, mas, sim, de regularização



Gil Pinheiro

Luís Carlos tem planos para a profissão.

— ainda possui muitos que a praticam sem condições, e, portanto, sem exigir e dar o respeito que ela merece. Antigamente, qualquer um podia ser massagista, hoje, não. Há de se fazer cursos de especialização para que se possa desempenhar as funções com decência."

E foi pensando assim que Luís Carlos se preparou no DET, no Serma, e, depois, fez o curso de técnica em recuperação física e fisioterápica, no Gapovi. Aproveitou, também, para fazer um curso de Sexologia na Faculdade de Medicina de Campos. Assim, criou o seu Centro de Recuperação, até que resolveu se dedicar ao futebol. Isso, em 1971, quando esteve no Olaria, se transferindo depois para o Bonsucesso e, um ano após, para o Goitacás. Foi de lá que ele veio, em 1978, para o Flamengo, onde está até hoje e onde pretende ficar ainda por muito tempo. **(Geraldo Mainenti)** ■

PORQUE OS CARTOLAS DEVEM IR E VIR, COMO, DE RESTO, É DO DIREITO DE TODOS OS CIDADÃOS



MEU amigo Onotônio Baldruegas vez por outra se dá ares de apóstolo e, nessas horas, gosta de citar Mateus.

— **De corde exeunt cogitationes** — Sentencia, quando me vê preocupado.

E, ante o meu ar interrogativo, traduz:

— **Do coração procedem os maus pensamentos.**

O que, em resumo, não deixa de ser uma verdade absoluta. Por que, por exemplo, a situação, no Flamengo, se bate com tanto empenho pelo continuísmo? Só por amor ao clube? Ou haverá algo mais naqueles corações rubro-negros?...

Discordo, também, de quem encara com ironia o retorno de Mendonça Falcão à vida política do futebol paulista. Falcão tinha seus defeitos. Mas também não era nenhum Metidieri...

Lembro-me de passagens folclóricas do seu tempo de cartola. Daquela noite — por exemplo — em que ele, debruçado na sacada do hotel, em Estambul, olhava o céu, preocupado porque não conseguia localizar a constelação do Cruzeiro do Sul. Ou na tarde em que, navegando pelo mar de Bósforo, chamou-o de Fósforo e disse que, ali, se colhia o material para fabricar o palito do mesmo nome. Ou na manhã em que, querendo bancar poliglota num hotel londrino, berrou, quando bateram à porta do seu apartamento:

— **Between!**

Claro que ninguém entrou...

Mas Falcão era uma doce criatura. Mutretas à parte, sempre foi amigo dos seus amigos. E batalhava como um falcão, por São Paulo. Caçado e cassado, ficou alguns anos afastado do cenário oficial. Nos bastidores, porém, sempre manteve a sua presença. Recentemente encontrei-o na Argentina, durante a Copa do Mundo. O rosto e o sorriso de Stan Laurel eram os mesmos, apenas com algumas rugas a mais. Porém havia aquele ar ingênuo de sempre, que talvez escondesse os maus pensamentos que procediam do seu coração... O que eu sei é que um sujeito como Mendonça Falcão é útil ao futebol brasileiro. Os males que possa causar ficam por conta de um indispensável percentual de **perdas e danos** que qualquer atividade requer.

Na verdade, incluo Mendonça Falcão numa lista de cartolas cujo retorno à ativa considero da maior importância. Ele, José Carlos Vilella, Francisco Horta, George Helal e alguns outros personagens que o futebol ainda não pode se dar ao luxo de dispensar.

Eu queria ver, por exemplo, o Falcão na federação paulista e o Vilella na carioca. O Horta na CBD e Helal no Flamengo.

De cordes exeunt cogitationes à parte ia ser um barato! Falcão errando na concordância, mas acertando na defesa dos interesses paulistas. Vilella revitalizando a técnica de administrar com segurança o futebol, agora estadual, do Rio de Janeiro. O Horta trocando aqui e ali, até recuperar a CBD para a sociedade dos estádios. E o Helal tendo a merecida chance de ser, também, Flamengo até morrer...

Sou pela renovação constante dos poderes no esporte, sempre que isso é possível. Os cartolas — como os políticos — têm o seu ciclo. É possível que esteja na hora do Alfredo Metidieri, do Otávio Pinto Guimarães, do Heleno Nunes e do Márcio Braga descansarem. Mesmo no futebol, o poder não deve se eternizar nas mesmas mãos. Acaba caçado e cassado, como aconteceu com o Falcão. Ou desgastado, como certamente ocorrerá com o Otávio Pinto Guimarães. Ou com o Heleno Nunes e o Márcio Braga, se insistirem num repeteco sem intervalo.

As férias são necessárias até aos cartolas. E os que descansarem devem seguir as palavras de Mateus, como recomenda o filósofo Baldruegas:

— **Diligite inimicos vestros.**

Ou seja: **amai ao vossos inimigos.** Ou ainda, numa desmunhecada cultural do próprio Baldru:

— **Güenta as pontas que depois tem troco.**

E não me perguntem por que ele diz isso...

Gil Pinheiro



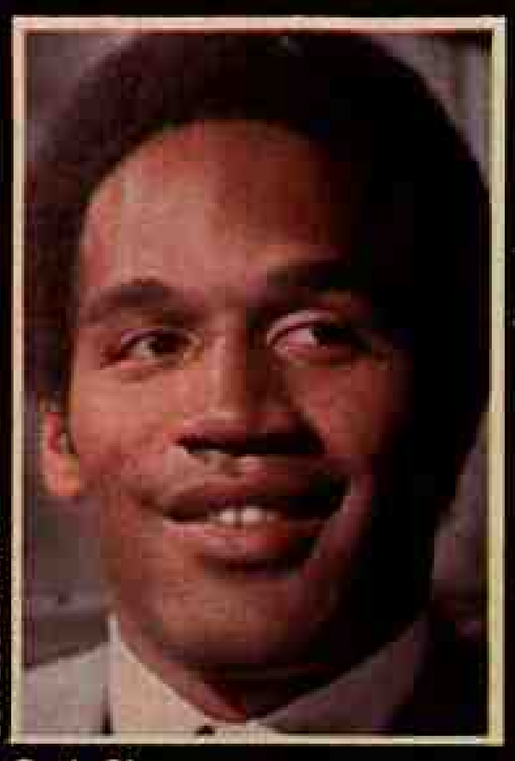
Se os cartolas tivessem férias, talvez também nos homenageassem, como esses supercraques que foram à praia com a ESPORTIVA.

Comparado ao da maioria desses atletas, o salário de Pelé, mesmo nos bons tempos, é uma ninharia

OS MAIORES SALÁRIOS DO ESPORTE MUNDIAL

de Mariângela Medeiros

Só o salário confessado do pugilista Muhammad Ali equivale a quase 10 milhões de cruzeiros por mês — como se a cada mês ele ganhasse um primeiro prêmio da Loteria Esportiva. Isso sem falar no faturamento que Muhammad prefere esconder, para escapar à avidez do Imposto de Renda americano. Mesmo sem chegar a uma cifra tão alta, outros atletas profissionais dos EUA conseguem garantir regularmente salários capazes de dar inveja ao próprio Pelé. Entre eles estão o tenista Jimmy Connors, o astro de futebol americano O. J. Simpson, o craque de basquete Karen Abdul-Jabbar, o jóquei Steve Cauthen, o jogador de beisebol Reggie Jackson, o golfista Tom Watson, o futebolista Giorgio Chinaglia.



Jon Lee/Gamma

O. J. Simpson



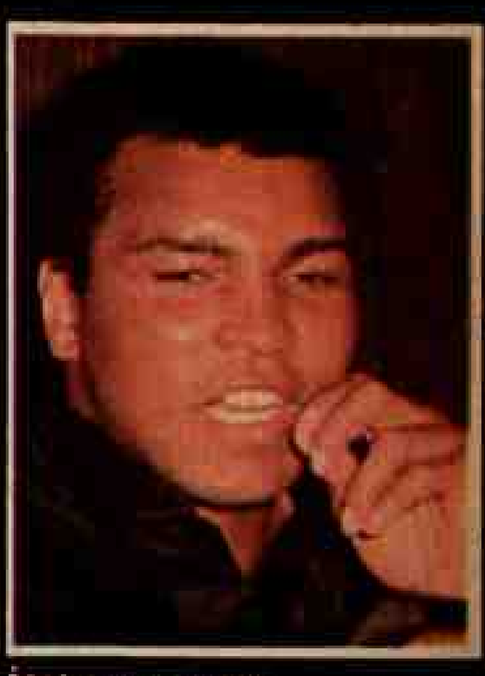
Curt Gunther/Camera 5

Reggie Jackson



Focus on Sports

Steve Cauthen



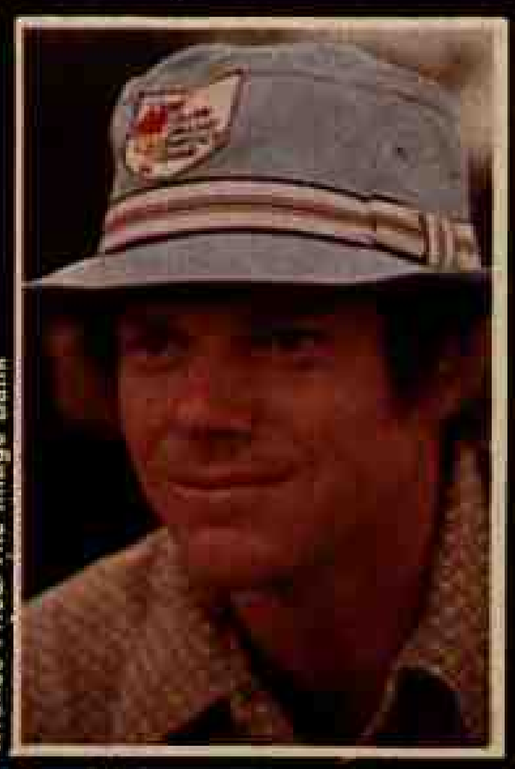
Michael Gaffney/Liaison Agency

Muhammad Ali



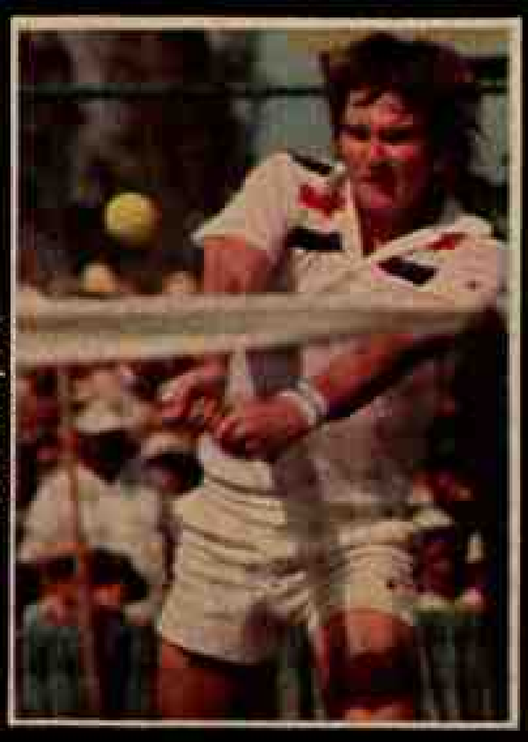
Mitchell B. Reibel/Focus on Sports

Giorgio Chinaglia



Wrence Fried/The Image Bank

Tom Watson



Focus on Sports

Jimmy Connors



Focus on Sports

Karen Abdul-Jabbar



Art Zeitz/Black Star

Jimmy Connors e a ex-noiva Chris Evert representavam dois dos maiores salários do esporte. Connors entrou em declínio, brigou com a noiva às vésperas do casamento e, embora ainda mantenha um invejável salário, já não é o mesmo.

Quando o atleta entra em cena para atuar, vira garoto-propaganda: os anunciantes disputam cada milímetro do seu corpo

O esporte, como qualquer outra coisa nos Estados Unidos, acaba virando uma indústria que rende milhões de dólares. Os atletas se transformam em superestrelas e recebem uma verdadeira fortuna mensal. Mas nenhum deles revela a quantia certa dos rendimentos. É possível, no máximo, apurar os salários que recebem dos clubes, pagamento que muitas vezes representa apenas a metade — ou a terça parte — do total de rendimentos, já que a publicidade fica sendo a principal fonte de renda.

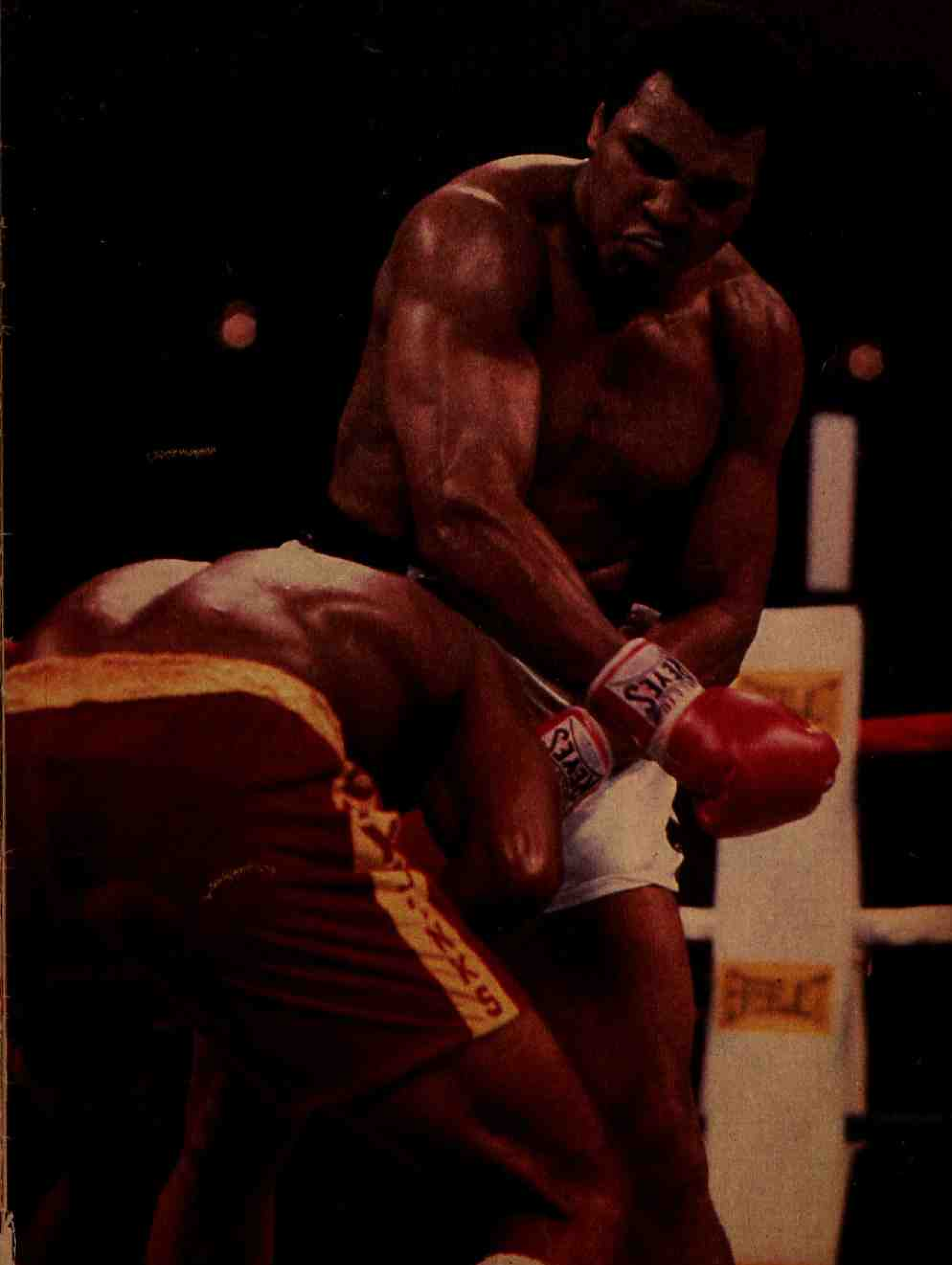
Quando um atleta entra em cena para jogar, torna-se praticamente um garoto-propaganda, com a venda de cada milímetro do corpo: o calção, a chuteira, o tênis, a meia, a camisa, tudo o que usam é em troca de um alto cachê pago pelo fabricante, fora a publicidade direta em rádio, televisão, revistas e jornais, onde anunciam desde cigarros a sabão de lavar pratos. E, no final, o rendimento dessas estrelas acaba sendo até superior aos milionários salários das outrora estrelas de Hollywood. O imposto de renda, altíssimo, é responsável pelo empenho dos atletas, em esconder os números. Assim, as quantias aqui citadas representam apenas a parte fixa que cada atleta recebe pelo seu desempenho no esporte.

MUHAMMAD ALI É o maior salário do esporte americano: 5 milhões e 750 mil dólares por ano, o que equivale a 484.166 mil dólares por mês (cerca de 9 milhões, 682 mil e 320 cruzeiros). Com 36 anos, garantindo e provando que é o maior de todos os tempos, Ali é o homem mais famoso do mundo e se vangloria de ser também a celebridade mais simples que já existiu: não tem guarda-costas e nenhum tipo de esquema de segurança; qualquer um fala com ele enquanto treina para uma luta. Isso perturba a calma da sua casa, que vira um lugar de romaria: ele mora a quatro horas de Nova Iorque, numa casa enorme que dispõe até de um ringue para treinar. Ali recebe qualquer curioso, grupos de crianças, escolas inteiras. Mas, no caso dele, é bom não confundir simplicidade com humildade: "Vou ser conhecido como o menos humilde dos homens porque é simplesmente impossível ser humilde quando se é tão grande quanto eu..." — disse Ali rindo, antes e depois de conquistar pela terceira vez o título de campeão mundial dos pesos- pesados.

JIMMY CONNORS — O jovem tenista de 24 anos chega a ter o segundo salário do esporte na América: 922 mil e 657 dólares por ano, o que lhe dá em média 176.888,00 dólares por mês (cerca de 1 milhão 573 mil e 760 cruzeiros). Mas ao que tudo indica, em plena juventude, **Jimbo** — como é chamado pelos íntimos — já é um atleta em decadência. Sua vida não passa de um emaranhado de azares consecutivos: após o sucesso de Wimbledon em 74, ele vem perdendo vergonhosamente vários torneios, brigou com a noiva Chris Evert (também grande tenista) às vésperas do casamento, perdeu o pai, dispensou o treinador. Só a mãe, Glória, continua fiel ao sonho de ter um filho campeão. Ela não se separa de Jimbo e se diz responsável pelo sucesso do rapaz, pois desde criança o criou para ser campeão. Mas, desgostoso e meio perdido, Jimbo come de quatro a

Talvez nenhum atleta na história do esporte tenha recebido tanto dinheiro como o campeão Muhammad Ali, hoje com 36 anos de idade e possivelmente às vésperas da aposentadoria. Único pugilista a conquistar três vezes o título mundial dos pesos-pesados, ele continua a ser um dos maiores fenômenos do esporte.

Focus on Sports



Além de gerar verdadeiras fortunas, o esporte nos EUA também costuma abrir aos atletas a porta do sucesso na carreira de ator de cinema

cinco grandes refeições por dia e perde aos poucos sua forma física, enquanto a técnica apurada já parece uma lembrança longínqua... Mas, por enquanto, ele ainda é um grande sucesso nos Estados Unidos e no mundo, ameaçado apenas pelo sueco Borg. Críticos e comentaristas esportivos respeitados já começam a prever o seu fim...

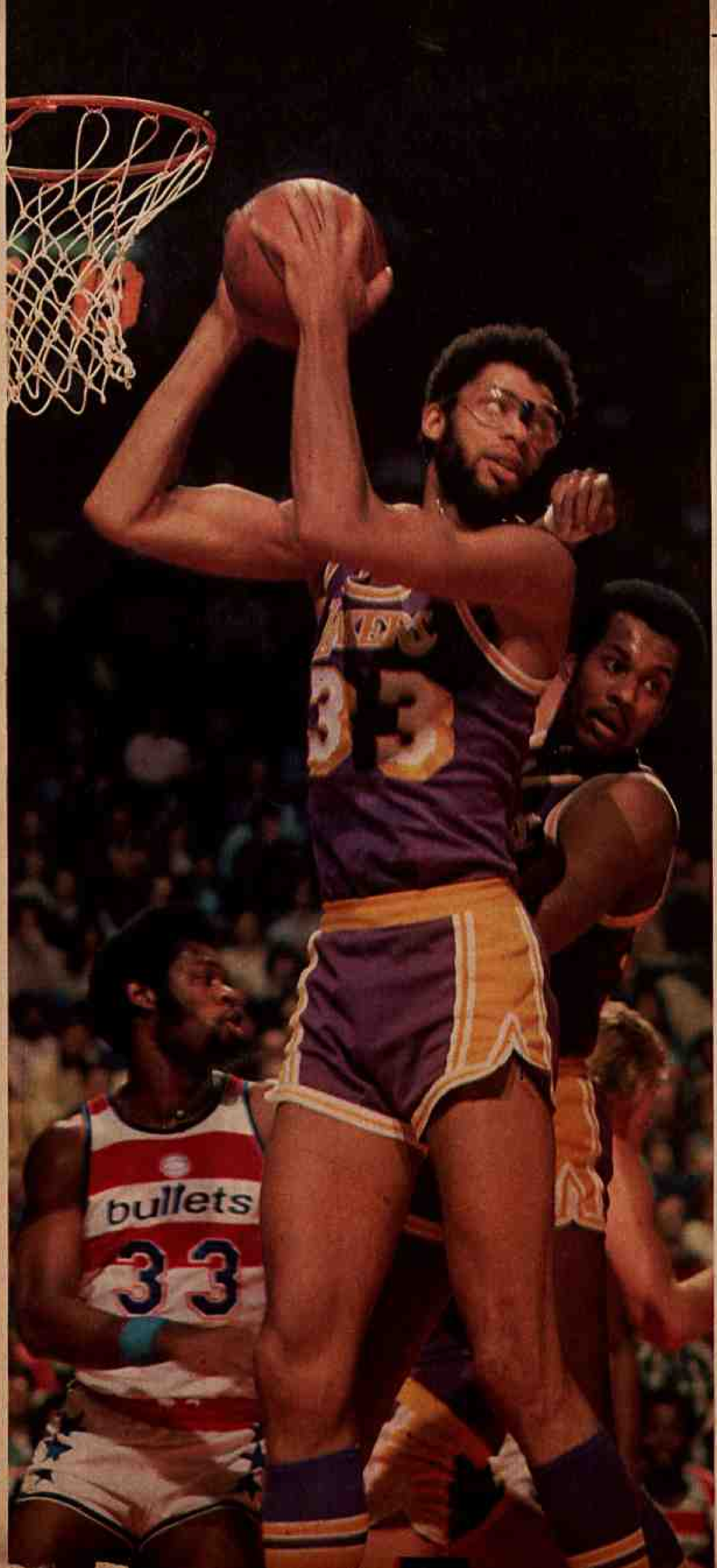
O. J. SIMPSON — E a maior estrela do futebol americano, com um salário anual de 750 mil dólares, o que resulta em 61.113 dólares mensais (cerca de 1 milhão, 222 mil e 260 cruzeiros). Com 30 anos, O.J. tem uma coleção de dez troféus, correspondentes a recordes da Liga do Football que ele quebrou. Chamado de **Orange Juice** (Suco de Laranja, por causa das iniciais), ou simplesmente de Juice (suco), ele é uma das pessoas mais conhecidas do país. A garotada o idolatra, vendo-o como um exemplo a ser seguido. Bem-humorado, bonito, saudável, O.J. é igualmente o modelo predileto das agências de publicidade para dar conselhos aos homens, às donas-de-casa, às mocinhas e às crianças. Ganha uma fortuna em publicidade. Apesar de ser um dos melhores jogadores de todos os tempos, quebrando a cada estação, no mínimo dois ou três recordes, ele acha que tem um futuro promissor, no cinema. Fora da temporada, já vem fazendo filmes para a TV, disposto a virar ator definitivamente quando parar com o esporte.

KAREN ABDUL-JABBAR — Um ídolo não só no basquete mas também como líder da juventude negra, Jabbar recebe salário anual de 625 mil dólares, o que corresponde a 52.083 dólares mensais (aproximadamente 1 milhão, 41 mil e 760 cruzeiros). Com 31 anos, esse negro cujo nome antes era Lou Alcindor, nascido e criado no Harlem de Nova Iorque, tornou-se o grande nome de sua raça depois de Ali. Em 1968, se converteu à religião muçulmana, trocando o nome para Karen Abdul-Jabbar, que significa Poderoso Filho de Alá. Quando criança, queria ser pianista, mas como era péssimo no teclado, acabou optando pelo curso universitário de História, e hoje é um **expert** em tapetes persas "está até escrevendo um livro sobre o assunto". Alto e tímido, Jabbar já conquistou todos os troféus americanos do basquete. Atualmente joga no Lakers, de Los Angeles, que passou de time medíocre à



Mickey Palmer/F.O.S.

A fama de O. J. Simpson (acima), o grande astro do futebol americano, garantiu-lhe o ingresso no cinema, como herói de filmes de televisão. No basquete, o maior ídolo dos Estados Unidos é o gigante Karen Abdul-Jabbar, venerado pela juventude negra nos quatro cantos do país. Sua impressionante média de 34,4 pontos por partida é superior à já conseguida por qualquer outro atleta nesse esporte, em qualquer época.



Jerri Wachter Photography

condição de um dos líderes da estação. A média de pontos por partida conseguidos por Jabbar é de 34,4 — superior à de qualquer outro jogador em todos os tempos.

MARTY HOGAN — Talvez o primeiro grande jogador na história do raquetebol, é um esporte relativamente novo nos Estados Unidos: foi trazido pelos irlandeses e é praticado também pelos judeus. Marty, filho de pai irlandês e mãe judia, está sendo considerado o grande "profeta" do esporte. Com 22 anos, joga desde criança e desenvolveu um estilo todo próprio, realizando façanhas inimagináveis. Temperamental e agressivo, parece talhado para o raquetebol. Menino pobre, Marty estuda na Universidade da Califórnia com bolsa de estudos concedida pelo fabricante de raquetas, também seu treinador e conselheiro. Este ano, Hogan espera não só aperfeiçoar a técnica mas elevar ainda mais o salário, que pode chegar aos 100 mil dólares anuais (cerca de dois milhões de cruzeiros).

ANDRE ARNOLD — O jovem gênio do esqui conseguiu o salário mais alto já usufruído por um praticante desse esporte em uma estação: 92.833 dólares, o que lhe significa 7.740 dólares por mês (cerca de 154.800 cruzeiros). Com 23 anos, Andre saiu da Áustria no ano passado depois de ter, desde os 17 anos, conseguido ser campeão juvenil nacional. Mas, como muitos, o jovem estava radicalmente contra algumas regras que o esqui austríaco conserva. Por isso, veio para a América no inverno passado. Chegou tão obscuramente que nem chegou a ser citado na lista do World Pro-Sking Press. Nem por isso o austríaco se intimidou: colocou seu nome para sempre nessa lista, ganhando 12 competições, inclusive uma realizada de manhã e outra à tarde do mesmo dia. E aos repórteres interessados em saber quem era o desconhecido que batia recordes até de salários, respondia após cada corrida: "Estou cansado, feliz e com fome, nesta ordem..."

STEVE CAUTHEN — Com apenas 16 anos, o jóquei mais famoso dos Estados Unidos, está recebendo por ano 615.175 dólares — o que equivale a 51.264,00 dólares por mês (cerca de 1 milhão, 25 mil e 280 cruzeiros). O garoto parece ter tanta sorte quanto genialidade. Chegam a compará-lo com personagem de livro de bolso: personalidade forte, delicado e sem maiores inquietações, Cauthen é considerado um prodígio. Dizem até que a televisão hesitaria em criar um personagem tão inverossímil. Mas como ele existe de fato, a televisão não o deixa escapar: Cauthen, faz anúncios de tudo, num contrato que chega ao total de um milhão de dólares. Até os editores de livros estão brigando pelo direito de publicar as memórias desse jovem que mal saiu da adolescência. Ele apareceu primeiro numa cidadezinha do Estado de Kentucky. Filho de ferreiro e treinador de cavalos, sonhava ser jóquei e, ao competir pela primeira vez, em uma semana venceu 24 corridas, em 51 dias venceu 132. Daí para a frente, consagrou-se nas páginas dos jornais e nos **shows** de televisão americana. Cauthen faz ioga todas as manhãs e cuida muito para não crescer nem engordar.

Com 16 anos, o jóquei Steve Cauthen ganha mais de 1 mi

REGGIE JACKSON É uma das maiores estrelas do **baseball**, com salário anual de 580 mil dólares — correspondente a 48.333 dólares por mês (cerca de 966.660 cruzeiros). Com 32 anos, Reggie é a grande atração dos Yankees — o time de **baseball** de Nova Iorque. Fascinante e controvertido, está sempre pronto a falar e nunca lhe falta uma bela frase de efeito. Em Nova Iorque ele é uma figura popular que pode ser vista desfilando tanto no seu velho Volks como no luxuoso Rolls Royce. Nos seus passeios conversa com políticos famosos ou com qualquer anônimo que o reconheça. Adora gatos e boas pinturas. E pede desculpas à imprensa — ao receber repórteres no seu apartamento da Quinta Avenida, bem em frente ao Central Park (um dos endereços mais nobres de Manhattan) — porque as paredes estão vazias: é que mandou todos os quadros caríssimos para a Califórnia, temendo que o inverno de Nova Iorque estrague as telas. Esse estranho **bon-vivant** não se considera famoso, preferindo lembrar que os 800 milhões de chineses jamais ouviram falar dele.

TOM WATSON — O melhor jogador



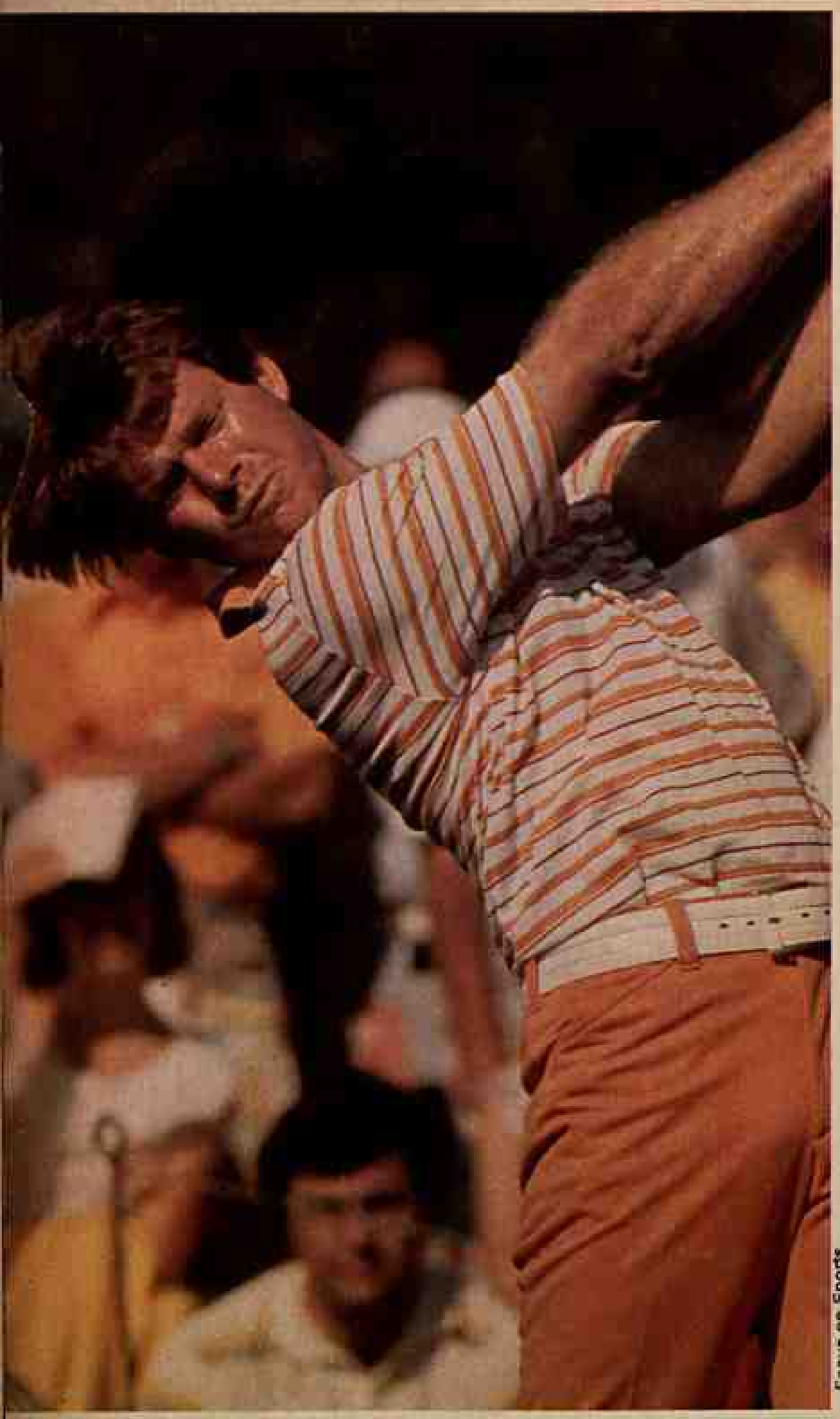
Jerry Wachter/F.O.S.

Para continuar ganhando uma fortuna, o jóquei Steve Cauthen (esquerda) tem de manter sob rigoroso controle não só o peso mas até o crescimento. Reggie Jackson (direita), uma das estrelas do beisebol, tem mais de 32 anos de idade mas ainda conserva um salário mensal equivalente a quase um milhão de cruzeiros.

Focus on Sports

lhão por mês

de golfe dos Estados Unidos, com um salário anual de 350 mil dólares — cerca de 29.166 dólares (583 mil e 320 cruzeiros) mensais. De família ilustre e tradicional na cidade de Kansas City, Tom aprendeu a jogar golfe quando criança, num dos clubes mais fechados e esnobes da América: o Kansas City Country Club. Quando cresceu, sem nunca abandonar o esporte, e como bom filho de conser-



Mitchell B. Reibel/F.O.S.



Focus on Sports

Tom Watson (acima), o melhor jogador de golfe dos EUA, começou num dos clubes mais fechados e esnobes do país e seu salário é superior a meio milhão. Chinaglia (direita) é a grande estrela do Cosmos e o mais bem pago do soccer. Mas o status desse esporte ainda é inferior.

Às vezes os atletas também freqüentam a universidade. Mas em geral têm perfeita consciência de que nenhum curso lhes garantiria rendimentos tão elevados

vadores ricos, Tom freqüentou a universidade de Stanford — uma das mais tradicionais do país. Mas com nenhum diploma ele conseguiria a pequena fortuna mensal que ganha no esporte.

GIORGIO CHINAGLIA — Desde a aposentadoria de Pelé, Chinaglia é o jogador de futebol mais bem pago na América: seu salário anual fixo se eleva a 283.333 dólares, o que representa 23.611 dólares por mês (cerca de 472 mil e 220 cruzeiros). Mas, todo esse dinheiro não consegue apagar no coração desse italiano extrovertido as lembranças dos alegres tempos em que seu nome era gritado nas ruas de qualquer cidadezinha da Itália. Aqui o futebol ainda mal consegue comover a massa das redondezas de Nova Iorque e por isto Chinaglia — sempre um dos mais ovacionados ao entrar em campo — não é tão conhecido ainda. Só para a mulher, Connie, americana de Boston, é que a mudança para a América foi melhor: pelo menos aqui as mulheres não o perseguem tanto. E Chinaglia, com uma suntuosa mansão em Nova Iorque, três filhos e esse dinheiro todo, vai se tornar cidadão americano, apesar de ainda falar inglês com fortíssimo sotaque, de telefonar freqüentemente para os ex-colegas de time na Itália, de ter seu nome sempre citado na imprensa de lá e de não conseguir esquecer o sabor delicioso dos pratos de restaurante que o pai dele tem em Cardiff. ■



TÍTULO COMEMORADO NO CAMPO NINGUÉM TASCA, É TÍTULO DO POVO

DE repente, em pleno recesso, e certamente por isso mesmo, dada a falta de notícias do período, surge a notícia vadia: o Flamengo não seria campeão carioca de 78, mas apenas um dos seis classificados para a disputa do Campeonato Fluminense relativo ao mesmo ano. Dizem até que não é brincadeira. Que é estatutário mesmo.

Ora, francamente. Não importa o estatuto, perdão, ainda que isto pareça um tanto subversivo (calma, subversivo apenas no sentido de que haveria então uma subversão estatutária no anteriormente estabelecido!). Não importa nada, rigorosamente nada, quando está em jogo a verdade do povo. Dizem que ficara estabelecido antes que o que se disputou em 78, tanto no âmbito carioca como no interior fluminense, foram apenas etapas classificatórias para uma final decisiva com 10 clubes (seis cariocas e quatro do interior), ainda referente a 1978, mas disputada já em 79.

Faltou apenas, para que isso fosse verdade, que contassem isso antes para o torcedor. Agora querem fazer o torcedor de palhaço. Ele foi lá, no Maracanã, no dia 3 de dezembro, para ver um Flamengo x Vasco decisivo do segundo turno ou, se houvesse vitória do Flamengo (como afinal acabou havendo), decisivo do próprio Campeonato Carioca de 78. O povo aplaudiu seu campeão, fez a sua festa. Alterar tudo agora seria cometer o pior dos crimes: tripudiar sobre a verdade do povo.

Haverá o burocrata de sempre querendo dizer que regra é regra, estava estabelecido assim, assim tem de ser. A esse, eu diria que deviam ter avisado antes ao torcedor. Pena que, como no programa humorístico, só tivessem contado a ele. A verdade é que o povo pagou para ver a disputa do título de campeão carioca de 78. A verdade é que esta MANCHETE ESPORTIVA e todos os outros veículos de comunicação a 4 de dezembro saudaram o "Flamengo campeão carioca de 78". Haveria um complô para que todos os jornais, revistas, rádios e tevês enganassem simultânea e inexplicavelmente ao seu público, contando com estardalhaço a **mentira** daquela verdade que deu capas e manchetes sucessivas???

E depois, quem disse que já houve a fusão das federações, quem disse que essa fusão se consumou no falecido 1978? Agora é que estão dizendo isso, mas eu não acredito. Podem até me dar pancada que eu não acredito. E creio estar forrado para isso de sólidas e justificadas razões; pois onde esteve, em país tão festeiro, a festa que consumaria fusão tão lenta, tão demorada, tão trabalhosa, tão dolorida que foi preciso fazê-la (?) a fórceps para que o rebento viesse ao mundo? Onde esteve o trêfego senhor Otávio Pinto Guimarães que não apareceu no alto das páginas ou nos jornais televisivos deitando falação demagógica numa histórica assembléia geral (ou coisa que o valha) de casa cheia que, juro por Deus, não houve? Finalmente, onde está esse rebento tirado (?) a fórceps, como disse, entretanto menor do que o ratinho do parto da montanha, pois até hoje dele ninguém sabe nada, ninguém ainda o viu? Na verdade, continuo ouvindo falar só, até hoje, em Federação Carioca (o que aliás é bom, pois o bebê tem um nome tão feio: é metido a diferente, tem medo do adjetivo pátrio **fluminense**).

Afinal, quero dizer ao torcedor que não tome susto: as artimanhas de gabinete não lhe dizem respeito, como é historicamente sabido. O que vale é que no coração da torcida ficou gravado para sempre: Flamengo, campeão carioca de 78, título comemorado no campo, ninguém tasca.

Com garra. É como trazemos o esporte até você.

Manchete Esportiva *tem a cobertura completa do que acontece durante a semana no esporte do Brasil e do mundo.*
Tudo o que a televisão não mostra está em Manchete Esportiva, *que analisa para você o outro lado do esporte.*
Leia Manchete Esportiva *e saiba tudo sobre futebol, tênis, atletismo, natação, esporte amador, automobilismo. No Brasil e no mundo.*





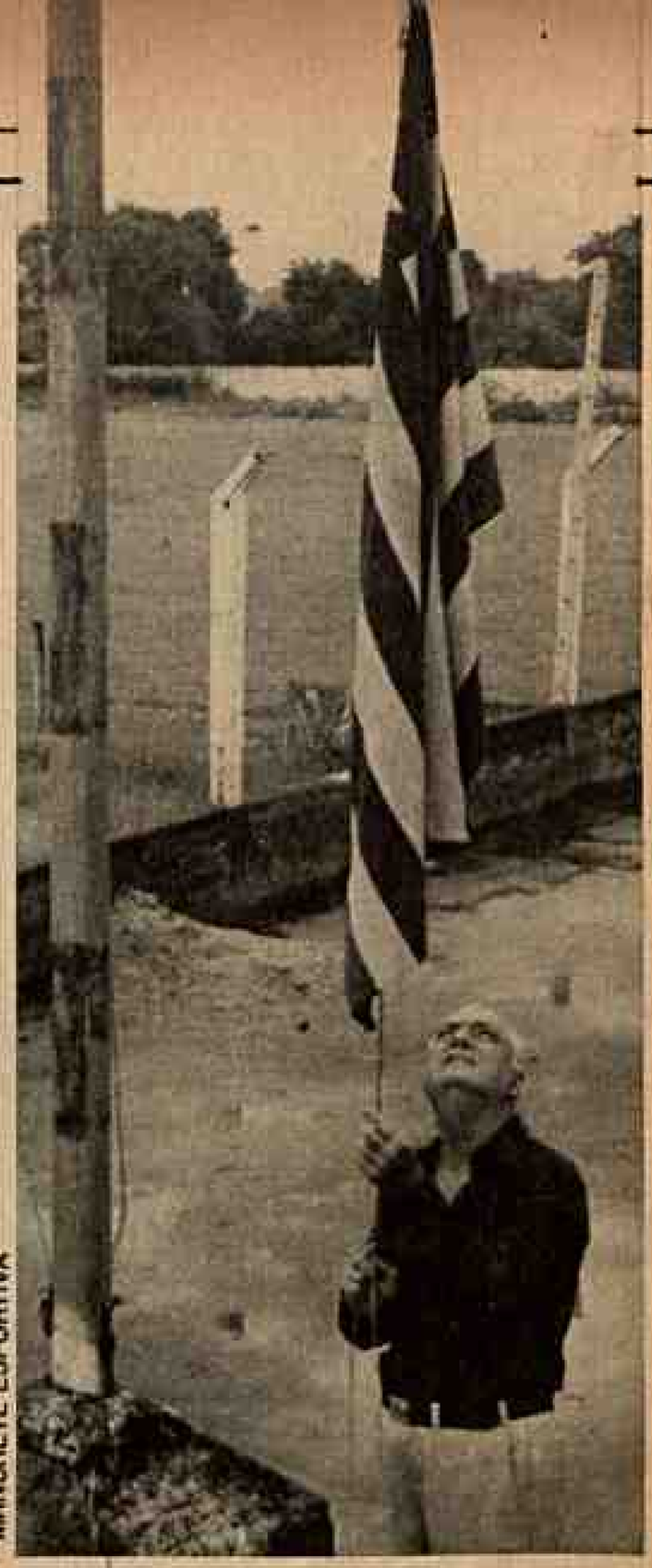


tudo sobre todos os esportes

Manchete **esportiva**


MANCHETE ESPORTIVA


MANCHETE ESPORTIVA


MANCHETE ESPORTIVA


MANCHETE ESPORTIVA

Otávio Pinto Guimarães e Márcio Braga (acima), Francisco Horta (no alto), Wilson Carvalhal (ao lado) e Charles Borer (à direita) são personagens de um velho enredo, muito conhecido do torcedor: a guerra do tapetão.

TAPETÃO

Dirigentes de clubes do Rio e São Paulo movimentam-se para influir na organização do futebol brasileiro

A REBELIÃO DOS CARTOLAS

O carioca já está acostumado às surpresas de final de ano. A primeira vez foi em 1975/76. O então presidente do Fluminense, Francisco Horta, agitou os meios esportivos com seu famoso troca-troca, envolvendo nada menos de que oito jogadores que, naquele ano, tinham conquistado o título carioca. No réveillon seguinte, era a vez do Flamengo: com um número recorde de comparecimento às urnas, Márcio Baroukel de Souza Braga derrotava Hélio Maurício na luta pela presidência do clube.

Um ano depois, faltando dias para o final de 1978, os torcedores são surpreendidos com outra bomba: os quatro clubes grandes do Rio — Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco — declaram guerra à federação, se recusando a participar do Campeonato de 197[illegible] com 18 participantes em sua primeira — e única — divisão. Mas antes de ser uma briga isolada, a atitude dos clubes é de reação a uma figura que, de uma hora para outra, tornou-se a principal atração das Assembléias Gerais da federação: o Sr. Eduardo Augusto Vianna da Silva, mais conhecido como Caixa D'Água.

É justamente o **Caixa D'Água,** com seus votos e procurações de clubes e ligas do interior, quem mais defende o campeonato do Rio de Janeiro com 18 clubes. Uma frase de Charles de Macedo Borer, presidente do Botafogo, define tudo:

— Com o Caixa D'Água, a vaca vai pro brejo. E com ela todo o futebol do estado.

Pela primeira vez, em muitos anos, os clubes estão unidos. E Márcio Braga chega mesmo a dizer que até nas divergências os clubes não podem perder a união. E essa união tem uma base muito clara: rentabilidade. É por ela que eles se unem. Até quando? Só o tempo dirá. Os quatro farão chegar às mãos do Al-

mirante Heleno Nunes o **pacote** de janeiro. Antônio Augusto Dunschee de Abranches, vice-presidente de relações externas do Flamengo, está calculando as rendas médias dos três últimos campeonatos nacionais, para exigir que essa quantia sirva de cota mínima para os clubes cariocas, quando de jogos fora do Rio de Janeiro:

— Não abriremos mão dos nossos direitos. Poderemos fazer um torneio extraordinário, ou fazer amistosos, ou um combinado Fla-Flu e outro Vasco-Botafogo. Mas aí já são aspectos que examinaremos depois, com mais calma, afirma Sílvio Vasconcelos, presidente do Fluminense. E Márcio Braga explica:

— Não temos um líder isolado. Ninguém busca um tipo de liderança que não seja aquela exercida pelos quatro clubes. O que é maravilhoso é essa união que conseguimos. Não podemos mais viver em déficit. Este ano, em média, cada um de nós teve Cr$ 5 milhões de prejuízo. Não podemos mais carregar o futebol brasileiro nas costas.

Braga aponta qual seria a solução, no seu entendimento:

— Haveria o Campeonato Carioca, o de maior tradição no Brasil, que classificaria seis equipes para o Estadual. A mesma coisa ocorreria no interior. Essas 10 equipes, como reza o Estatuto da Federação, disputariam o Campeonato do Estado do Rio. Esta fórmula é a melhor, na minha opinião.

Uma forte resistência parte de Wilson Carvalhal, presidente do América.

— Não podemos ir contra uma medida apoiada por unanimidade na federação. Vai haver o campeonato com 10 times, para o qual o América está classificado. Mas o campeonato de 79 será disputado com todos os 18 clubes. O que faremos nos meses de maio, junho, julho, agosto e setembro?

Apoiados por Carvalhal, que discorda dos grandes apenas quanto ao ano — 78 ou 79 — os demais clubes foram à CBD pedir socorro ao Almirante Heleno Nunes. Ele se disse impotente para solucionar o problema, uma vez que se trata de assunto interno da federação e só ela poderia resolvê-lo, ouvindo os dois lados.

Aos repórteres mais íntimos, Heleno Nunes confidenciou:

— Abram o olho com o Caixa D'Água. **Ele é fogo na roupa.**

A fórmula, pretendida pelos grandes, agruparia, em 79, 10 clubes: Flamengo, Vasco, Fluminense, América, Botafogo, São Cristóvão (da capital), Goitacás, Americano, Volta Redonda e Fluminense de Friburgo (interior), deixando os demais parados durante três meses.

Esta fórmula, segundo eles, evitaria os jogos deficitários. E estes, até mesmo os da Copa Brasil, terão que ser evitados. Segundo os dirigentes cariocas, clubes como Flamengo, Vasco e Corintians, por exemplo, não podem ficar num mesmo grupo. A divisão dos 80 clubes — número presumível do Campeonato Brasileiro para 79 — terá que ser muito bem feita. Cabe a Agatirno Gomes, do Vasco, apresentar um esquema que una três clubes do Rio e três de São Paulo no mesmo grupo, para que a maioria das partidas seja rentável. Esta será mais uma das reivindicações do **pacote** de janeiro. Seria uma luta em duas frentes? Talvez, mas todos acham que vale a pena.

Uma outra reunião está prevista para esta semana. Nela, coisas novas devem surgir. O próprio Charles Borer admite isso. E no dia seguinte ao famoso encontro no escritório do presidente do Botafogo, muitas coisas ficaram definidas. A principal delas foi a candidatura de oposição a Otávio Pinto Guimarães. O experiente cartola do futebol carioca conta com o apoio de **Caixa D'Água** para se manter no lugar, dando a vice-presidência ao dirigente de Campos.

Mas se a união parece firme, quando se trata de lutar por jogos rentáveis, o mesmo não acontece com relação ao nome oposicionista. Francisco Horta, uma solução quase natural, é imediatamente deixado de lado. Suas divergências com Agatirno já são por demais conhecidas. Desde o tempo em que Horta dirigia o Fluminense, os dois presidentes não se entendem. O nome terá de contar com o apoio dos quatro grandes, já que as ligas e clubes amadores do interior darão, com toda a certeza, a maioria a Otávio e **Caixa D'Água.** É a força do voto unitário. Contra ela, os grandes usarão o poder econômico, muito bem explicado por Charles Bofer:

— Se o campeonato não for nos moldes em que ficou decidido na reunião, não terá a presença dos quatro grandes. Cabe, agora, aos pequenos demonstrar bom senso. Eles precisam saber que são sustentados, em termos esportivos, pelos grandes. Eles não têm condições de sobreviver apenas com jogos entre eles. Dependem, para pagar suas folhas, do que arrecadarem nas partidas contra os quatro grandes.

(Eduardo Lacombe)

Vilela diz que candidato não deve ter compromissos

ENQUANTO os dirigentes dos clubes grandes se empolgam com a união, o ex-vice de interesses legais do Fluminense, José Carlos Vilela, que foi anunciado como sério candidato à presidência da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, vê com ceticismo este movimento.

— Não sou candidato e acho que ninguém deve ser, *afirma Vilela.* A federação precisa que seus filiados encontrem um senso comum. Só aceitaria ser candidato caso a grande maioria me convidasse. É claro que a unanimidade atualmente seria impossível, até porque a unanimidade é burra, mas não me lanço como candidato.

O principal problema da sucessão na federação, segundo ele, é que o eleito já assume o cargo muito comprometido. Uma candidatura, nos termos propostos até aqui, não serve:

— Não aceitaria assumir o cargo caso tivesse compromisso com alguém ou com algum clube. Aliás todo esse movimento só vem provar o total descomando da federação. Hoje, a entidade é uma nau sem rumo. O que falta nela é respeito. Sou contra o continuísmo, mesmo porque ele é ilegal. Mas esse tipo de movimento que os quatro grandes estão fazendo não leva a nada. É necessária a paz. O único compromisso do presidente da entidade deve ser o de administrar.

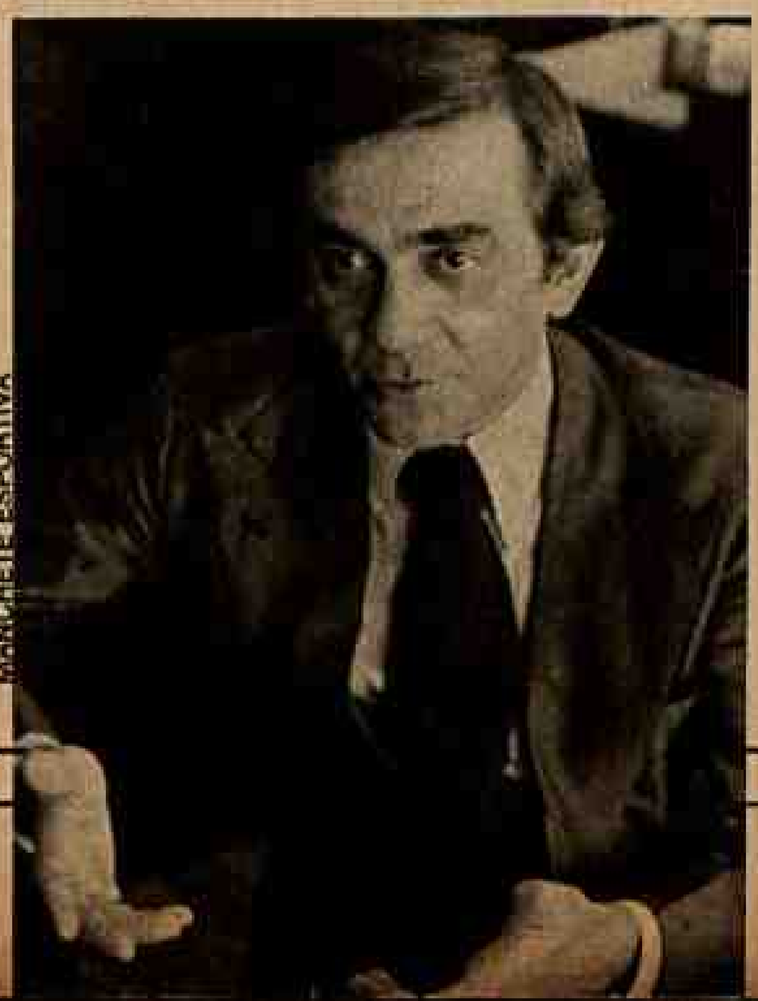
A atual posição de Vilela, segundo suas próprias palavras, é a de conselheiro. O presidente da CBD pediu-lhe que examinasse o problema do próximo Campeonato Brasileiro e sua posição é firme:

— Todos estão se esquecendo que a Federação do Estado do Rio hoje congrega representantes de todo o estado. A lei é clara. Em seu estatuto, no artigo 106, parágrafo segundo, está escrito, claramente, que "o 1.º Campeonato Estadual será disputado pelos seis melhores classificados do Campeonato Carioca e os quatro melhores classificados do Campeonato do Interior", e é relativo à temporada de 1978. Acho que o Otávio não sabe ler. É simples: basta cumprir a lei, e o problema estará resolvido.

Um plano de sua autoria será apresentado aos clubes brevemente. A principal proposta de Vilela é a comercialização do campeonato, única maneira, segundo ele, de evitar o fracasso financeiro:

— É preciso que se afastem velhos vícios do nosso futebol. O aspecto da comercialização é o mais importante atualmente. Tudo o mais é balela, e não leva a nada. Mas a falta de liderança no Rio está mais uma vez comprovada com essas falsas crises. No dia em que o Otávio cumprir a lei, acaba toda a confusão. Só que atualmente algumas pessoas não querem acabar com ela, pois viraram notícia de jornal... E com isso, tudo o mais foi esquecido, em troca da vaidade pessoal. *(E.L.)*

"A federação é uma nau sem rumo."



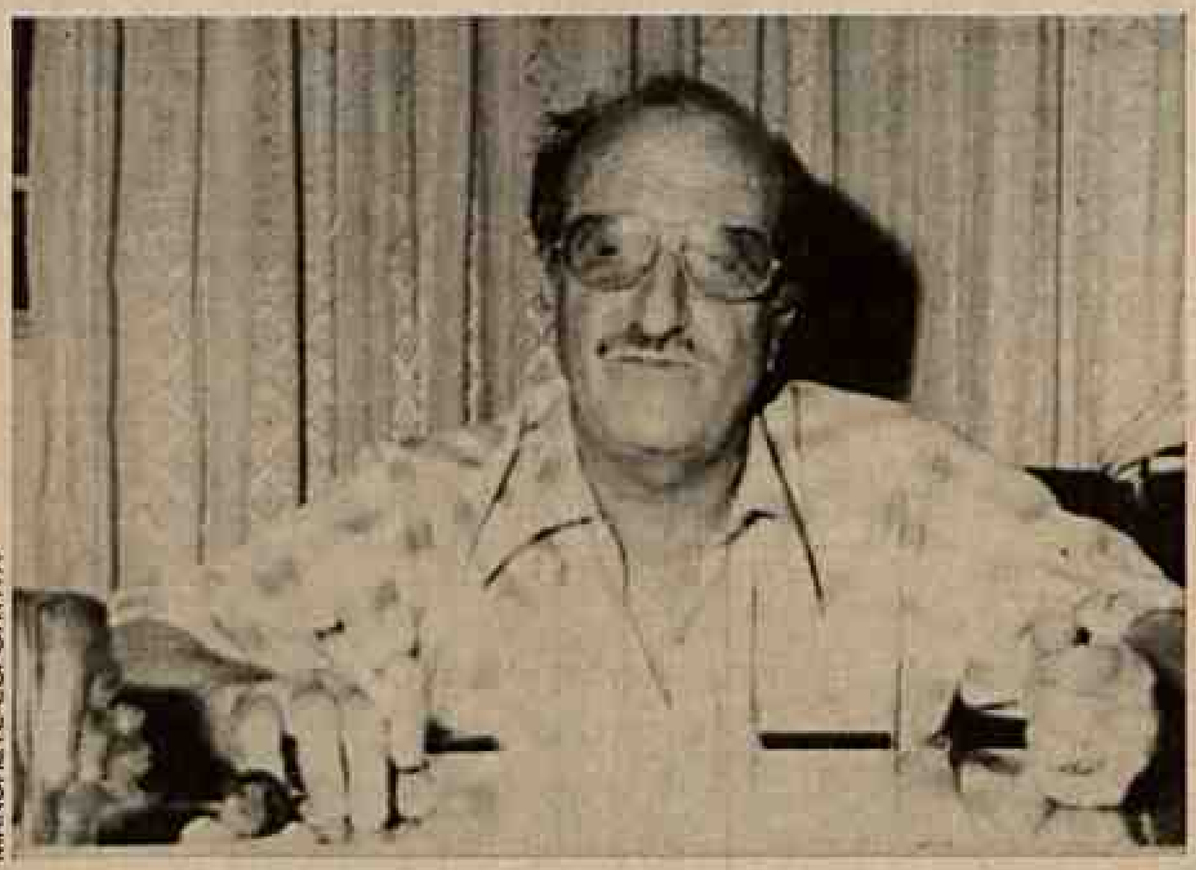
MANCHETE ESPORTIVA



MANCHETE ESPORTIVA



MANCHETE ESPORTIVA



MANCHETE ESPORTIVA

Se o torcedor visse a delegação paulista entrar irritada na CBD e sair sorridente, certamente diria que os cartolas se entendem. Mettidieri (à esquerda, no alto) chefiou a missão dos oito, entre os quais Vicente Mateus (à direita), mas sem a presença de Ítalo Ripoli, inimigo fidalgo do presidente da FPF. André Richer (acima), junto com Heleno Nunes e Osório de Almeida, participou da reunião de quatro horas que esfriou o ânimo dos paulistas.

CBD aconselha paulistas a fundar conselhos arbitrais para

O grupo de oito dirigentes paulistas chegou agitado à sede da CBD, no Rio. Mas depois de quatro horas de conversa com Heleno Nunes, André Richer e o assessor jurídico Carlos Osório de Almeida, a paz voltou a reinar entre os cartolas. Se ela será mantida ou não, é outro problema. O fato é que Alfredo Mettidieri (presidente da FPF), Vicente Mateus (Corintians), Lemo Galvão (São Paulo), Abib Cury (Comercial), Osvaldo Teixeira Duarte (Portuguesa de Desportos), Cláudio Amantini (Noroeste de Bauru), Corte Real (Santos) e Nicolini di Giaimo (Palmeiras) saíram satisfeitos da reunião.

A delegação paulista chegou com reivindicações claras: queria criar em São Paulo uma federação exclusiva para o futebol profissional; desejava o adiamento do início do Campeonato Nacional para o final de outubro; queria que a CBD aceitasse o estatuto do Ginásio Pinhalense; e que nos novos estatutos da FPF pudesse ser incluído um artigo proibindo os presidentes de clubes de credenciarem alguém para representá-los nas assembléias.

Em pouco tempo, Carlos Osório de Almeida mostrou aos dirigentes paulistas que a CBD não estava contra nenhuma das suas pretensões. A verdade é que são poucos os cartolas brasileiros que entendem de legislação esportiva. Quase todos procuram apenas encontrar nas leis uma maneira de se beneficiar, sem se preocupar em usá-las para promover justiça. Como o Conselho Nacional de Desportos não aceitou as modificações que queriam introduzir no estatuto da FPF, os paulistas passaram a criticar a CBD, achando que havia um tratamento preconceituoso contra São Paulo.

Na reunião, Osório de Almeida informou aos dirigentes que quem aprova ou não um estatuto é o CND e não a CBD, a quem cabe apenas encaminhar o processo. Por isso, para que um documento não chegue ao CND e seja devolvido, a CBD, segundo ele, procura mostrar ao clube filiado os pontos vulneráveis que existem. Quanto à questão levantada pelos paulistas, de impedir que um clube



dirigir campeonatos de cada divisão

ou uma liga participe de uma assembléia através de representante credenciado, Osório de Almeida explicou:

— O certo é que nessas reuniões, como as de eleições para presidente de federações, o representante é a figura jurídica do clube. Por isso, se o Sr. Mateus tem um problema qualquer e não pode comparecer, indica um substituto. O que não pode é o Corintians ficar sem um representante naquela reunião. Agora, não se pode também admitir que a procuração seja dada para uma determinada pessoa e não para o clube.

Os dirigentes concordaram, mas levantaram uma questão, a ser contemplada no novo estatuto da FPF, já que foi aceita pela direção da CBD: quando um presidente não puder comparecer à assembléia, seu substituto deverá ser uma pessoa do próprio clube, e não um estranho. Mettidieri explicou que em Goiás há gente comprando votos para representar determinado clube ou liga e, com isso, garantir a eleição, por procuração.

Sobre a criação de uma federação exclusivamente para o futebol profissional, em São Paulo, Osório de Almeida disse que a legislação não permite a existência de duas federações em um estado, uma para o amador e outra para o profissional. Explicou que nos próprios Jogos Olímpicos, o torneio de futebol amador é organizado pela FIFA, que só reconhece uma entidade por país, o que demonstra ser impossível cuidar distintamente de amadores e profissionais. O argumento não foi questionado pelos paulistas, que o aceitaram.

Sobre o Ginásio Pinhalense — que vinha funcionando como um colégio, sem a estrutura de clube — Osório de Almeida disse que a CBD apenas recomendou que ele saísse da FPF, para retornar com estatutos como manda a lei, pois o que a entidade havia recebido estava completamente superado. Mettidieri explicou que a FPF tinha se equivocado e enviado para a CBD o estatuto antigo do clube e que, posteriormente, encaminharia o novo documento, feito à base da legislação vigente.

A missão paulista reivindicou que o Campeonato Brasileiro comece no final de outubro e não em 29 de setembro, como está marcado. Disseram que precisavam de mais um mês, a fim de poderem realizar as finais do Campeonato Paulista de 1979, que terá apenas quatro meses de duração. André Richer disse que a próxima competição nacional terá uma fase regional no início e qué só depois ocorrerá o verdadeiro campeonato. Diante disso, ele prometeu estudar uma maneira de organizar os jogos dos clubes paulistas de forma a não prejudicar a decisão do campeonato estadual. Disse que, antes de elaborar definitivamente o plano das rodadas do Nacional, terá um entendimento com a FPF.

Depois de aceitar as ponderações de Heleno Nunes, André Richer e Osório de Almeida, a delegação paulista resolveu encaminhar esta semana à CBD o novo estatuto da FPF. Mettidieri espera que o documento seja aprovado na reunião extraordinária do CND, no dia 15, pois pretende realizar eleições na FPF até o final de janeiro.

Após a reunião de quatro horas com os paulistas, Carlos Osório de Almeida observou que a FPF deveria mudar a maneira de comandar seus campeonatos. Na sua opinião, a FPF não deveria deixar que o problema fosse resolvido apenas pelo presidente, como ocorre atualmente.

— O ideal em São Paulo seria organizar vários conselhos arbitrais, correspondentes às várias divisões. Assim, os clubes da especial decidiriam sua forma de competição, assim como os das divisões inferiores. Cada Conselho Arbitral é que deveria dirigir seu campeonato e não deixar toda essa responsabilidade nas mãos do presidente da FPF.

Osório de Almeida também expôs sua opinião sobre a questão das ligas:

— Sou a favor de que se organize uma união de ligas por região. Não é possível qualquer cidadezinha ter sua liga. O ideal seria que as ligas de uma determinada região se agrupassem e passassem a dirigir todo o futebol daquela zona. Isso melhoraria muito a qualidade da competição. E também diminuiria o número de ligas que, com direito a voto, acabam se aproveitando disso para mandar em clubes de maior investimento. A liga de uma região poderia se transformar num grupo forte, em condições de participar bem das assembléias, ao contrário do que acontece agora, com elas sendo representadas por gente sem a menor qualificação. (Oldemário Touguinhó). ■

FESTA

Os craques do Rio fizeram vibrar a multidão que foi ao

A ESPORTIVA DÁ BANHO





O Flamengo foi bem representado, com Júnior (acima), Tita (abaixo) e Zico (foto menor). A galera gostou.



A festa foi um sucesso e, além de proporcionar às milhares de pessoas que compareceram à praia de Copacabana, na altura do posto 3,5, a satisfação de torcer por seus ídolos à beira do campo, também serviu para provar que craque é craque em qualquer situação.

Sem chuteiras, sem grama, sem concentração, o time do **Gerashow** (em homenagem ao ex-jogador do Flamengo, Geraldo) deu um banho de bola, nas areias de Copacabana. E, ainda por cima, enfrentou um time que sabe das coisas: nada mais nada menos do que o Juventus, campeão carioca de futebol de praia.

Na verdade, o que houve na **pelada** de fim de ano foi realmente um encontro de amigos e fãs, uma promoção do presidente do Juventus, Araldo Moreira, justamente com Júnior, lateral-esquerdo do Flamengo e MANCHETE ESPORTIVA.

Quando a bola rolou para a partida principal (a preliminar foi realizada entre os veteranos do futebol brasileiro e os do Juventus — 0 a 0) sob o comando do Juiz Orlando Lobo, o popular **Chuchu**, estavam, pelo lado do Juventus, Alicínio, Paulinho, Batalha, Liminha (Pinduca), Borel, Geraldo, Ro-

campo de praia do Juventus assistir à peladá de fim de ano

DE BOLA EM COPACABANA





naldo, Luís Fernando (Naninho), Nena, Valtinho e Merréia; pelo lado do **Gerashow**, Paulo Sérgio, Marinho, Osmar, Edinho, Júnior, Pintinho, Adílio, Zico, Tita, Luisinho e Paulo César Lima. Com eles estavam ainda Nelinho, Falcão, Toninho e Flávio que, apesar de não terem jogado, participaram da festa e deram muitos autógrafos.

O ídolo da tarde, porém, foi mesmo Zico, que entusiasmou os torcedores com os dois gols que marcou, na vitória do seu time, por 2 a 1. Mas Adílio, Paulo César, Júnior e Geraldo (Juventus) proporcionaram um espetáculo à parte, com jogadas que fizeram vibrar a multidão que cercava o campo.

A festiva e organizada promoção, que começou às 14 horas e só acabou às 18, contou, também, com o incentivo da

Cerca de dez mil pessoas aplaudiram, abraçaram, conversaram e ganharam autógrafos dos craques que deram um show em Copacabana, no último dia do ano



No time dos craques, Adílio (Flamengo) e Osmar (Botafogo).



Paulo César Lima foi destaque, com Tita e Luisinho (no fundo da foto).





O presidente do Juventus, Arildo Moreira na festa, com Zico, Nelinho e Marinho, ao lado.

Riotur e da Administração Regional de Copacabana, além da colaboração da Secretaria de Saúde e Administração, Divisão de Controle de Diversões Públicas, 19.º Batalhão da Polícia Militar e 12.ª Delegacia de Polícia. Gente, samba, cerveja e futebol foi o que não faltou, com o testemunho de aproximadamente dez mil pessoas e de toda a imprensa carioca.

Mas, finalmente, vale um aplauso especial para a homenagem prestada ao ex-craque Geraldo, do Flamengo, numa prova de que ele não foi esquecido, principalmente por seus companheiros, eternos admiradores de seu futebol e saudosos de sua companhia, da qual tão cedo se viram privados.

No mais, a promoção foi, também, o grande gol de MANCHETE ESPORTIVA no final de 78. Os **gols de placa** ficaram para 79... ■

SAUDADES

De olho no futebol e na música, Escurinho já sonha com a volta

COM 28 anos e saturado de conversas sobre futebol, o centroavante Escurinho, do Palmeiras, mandou um recado aos amigos do Sul: quer voltar ao futebol gaúcho para ali encerrar sua carreira esportiva dentro de três ou quatro anos, e depois se dedicar apenas à música, como cantor. E em que clube pretende jogar?

— Seria uma boa voltar a jogar no Internacional. Mas eu não me importaria de ir, por exemplo, para o Caxias. Só acho que não jogaria no Grêmio.

Em matéria de música, hoje o tema predileto de Escurinho, ele fez excelentes contatos em São Paulo. Mas garante que não há o menor fundamento na história de que a música está atrapalhando o seu futebol, pois músico não é necessariamente boêmio, como julgam certos gaúchos. Sobre a má fase do Palmeiras, Escurinho explica que o cansaço de fim de ano influiu negativamente no ânimo dos jogadores.

— A verdade é que o excesso de jogos começa a afetar a cuca de todos. Jogamos as últimas partidas praticamente na base do moral.

A torcida, na opinião de Escurinho, precisa entender que jogador também cansa, pois é um ser humano como todo mundo. Não é robô e nem máquina para jogar sempre com a mesma disposição. **(E.B.)**

NOVIDADE

Garotada gaúcha adere ao skate e ganha pista com todos os recursos

A onda do **skate** também atinge a garotada do Rio Grande do Sul. Agora, os meninos e meninas não vão mais precisar fazer suas "peripécias" pelos parques, calçadas e ruas de Porto Alegre. A pista mais moderna de **skate** do Brasil — situada na proximidades da capital gaúcha — já foi inaugurada e oferece todo conforto (e perigo) aos praticantes do esporte. A Swell Skate Park (nome da pista) possui 70 metros de comprimento, **coping** (borda de piscina) e azulejos, o que proporciona condições de realização de manobras como o **carving** e o **aéreo**, as mais difíceis e importantes do **skate**. O **bowl** da pista tem seis metros de diâmetro por três e meio de profundidade, além de 70 centímetros em 90 graus. Na inauguração, a Swell Skate Park já realizou o primeiro campeonato estadual. Para o próximo ano, está prevista a realização de um campeonato nacional, com os melhores skatistas do país. Paulo Sefton e seu irmão Mico, os idealizadores da pista, acham que brevemente o parque será um sucesso no Brasil inteiro. **(E.B.)**

CONVOCADO

Chamado da Argentina pode levar Dreyer a enfrentar outra guerra

EDUARDO Francisco Dreyer, 28 anos, argentino de Córdoba, radicado no Brasil desde 1972, veio para o Coritiba, oriundo dos inferiores do River Plate. Em 75, brigou com Diede Lameiro e Hélio Alves, passando uma temporada no Colorado, Noroeste de Bauru e Londrina antes de se estabelecer no Atlético, dirigido pelos mesmos Diede e Hélio. Agora, o que ele mais lamenta não é a perda do campeonato, para o Coritiba: na manhã seguinte à decisão, ainda todo dolorido e amargurado com a derrota, veio atender à porta de casa e encontrou o carteiro com uma convocação da Argentina — não para a seleção argentina e sim para o Exército.

— Acontece que sou oficial da reserva. E como a disputa está fervendo no canal de Beagle, me chamaram. (Vinícius Coelho)

INSISTÊNCIA

Rocha tem convite dos EUA, mas quer ainda jogar pelo São Paulo

QUEM esperava que o uruguaio Pedro Rocha desistisse do futebol após o Coritiba, enganou-se, pois ele pretende continuar a carreira, agora nos Estados Unidos. Pedro Rocha renunciou ao plano inicial de passar as férias em Montividéu e preferiu viajar para São Paulo, onde verificou a necessidade de promover uma reforma na sua loja de artigos esportivos. Na capital paulista, um empresário o solicitou a continuar no Brasil, pois a qualquer momento chegariam passagens em seu nome para os Estados Unidos. E porque Pedro Rocha não volta a jogar no São Paulo?

— No futuro, talvez — responde o jogador. E explicou: **— Enquanto o Minelli estiver lá, prefiro passar longe do Morumbi. Não gosto nem de seus métodos de trabalho e nem da forma como dirige uma equipe. (Vinicius Coelho)**

CRUCIFICADO

Quem falha num Gre-Nal não tem mais vez e Corbo é mais um deles

SER goleiro de time que perde campeonato no Rio Grande do Sul é uma desgraça: a torcida o massacra e o destrói profissionalmente. Em 77, o goleiro Manga, do Inter, foi acusado de mil indecências e a diretoria do clube não teve outra alternativa senão dispensá-lo, com passe livre. Em 78, o goleiro uruguaio Walter Corbo, 28 anos, do Grêmio, sofreu dois gols (os dois de Valdomiro, do Inter) na decisão do campeonato gaúcho, virou bode expiatório da derrota e não tem mais ambiente para continuar no clube. E o Grêmio já garantiu que ele não fica no clube em 79, para "não ser prejudicado profissionalmente".

As acusações contra Corbo chegam a ser desumanas e dificilmente alguma coisa conseguirá salvá-lo das injustiças, já que a própria direção do clube parece conivente quando o acusa de ter sofrido 15 gols nos clássicos Gre-Nal de 78.

A destruição da carreira de Corbo não chega a ser um fato isolado na vida do Grêmio nos últimos 10 anos, quando a equipe perdeu nove títulos regionais. Em 1970, por exemplo, o goleiro Brenc sofreu um gol de Valdomiro num Gre Nal, e não teve mais permissão para vestir a camisa do Grêmio. Picasso (ex seleção brasileira), torturado pela torcida sob a acusação de não enxergar bem à noite, foi dispensado. Jair, atualmente no Caxias, também não agüentou muito tempo na equipe titular do Grêmio: considerado baixo demais, era sistematicamente perseguido pelas críticas. Gasperin, hoje campeão no Inter, e Alexandre Borini também foram dispensados pelo Grêmio, acusados de serem fracos demais, mas os dois acabaram tapando a boca dos que os criticavam, mostrando que continuam bons goleiros. Além de ter-se tornado um "cemitério de goleiros", o Grêmio também não dá chance aos juvenis: Reni e Ivo, os dois reservas de Corbo em 78, foram desprezados porque prevalece no clube a tradição de que santo da casa não faz milagre nessa posição. **(E.B.)**

EXCURSÃO

Inter vai à Arábia e garante que só volta com todos os dólares

MESMO com o risco de receber as cotas dos jogos com cheques com (ou sem) fundos, o Internacional, campeão gaúcho, resolveu aceitar proposta do empresário Elias Zacour para fazer uma excursão pelo Oriente Médio, a partir de 26 de fevereiro. O Inter fará cinco jogos na Arábia Saudita, Kuwait e Dubai, e mais um ou dois na França, recebendo, por apresentação, cota de Cr$ 250 mil — a mesma que recebe em qualquer amistoso no interior do Rio Grande do Sul. O Inter confia plenamente no empresário Zacour.

Antes da excursão, porém, o Inter receberá as faixas de campeão de uma equipe respeitável: a seleção da Tchecoslováquia, campeã da última Taça das Nações da Europa. A festa das faixas acontecerá a 29 de janeiro, no Beira-Rio. O Inter pagará uma alta cota aos tchecos e tem ainda a responsabilidade de conseguir outro amistoso para a seleção, evitando assim, que os europeus façam uma longa viagem para apenas um jogo. **(Eugênio Bartolon)** ■



CARECA

No seu primeiro treino no Guarani, em cinco jogadas fez dois gols. No dia seguinte, repetiu a dose e não saiu mais

A VOCAÇÃO PARA O GOL FEZ DELE UM ÍDOLO

de **Brasil de Oliveira** ● Fotos de **Flávio Canalonga**

CHATEADO, cabisbaixo, Careca voltou a Campinas, dispensado da Seleção Brasileira de Juvenis, por determinação médica. Seus meniscos precisavam de repouso absoluto por vinte dias. Meniscos de um garoto de 18 anos, precisando de repouso? Não poderia haver notícia pior. Nem ele poderia fugir a uma suspeita: seria um novo Reinaldo, tão cedo ameaçado por um problema que, comumente, aparece depois de vários anos de futebol?

Mesmo antes das férias profissionais, o técnico do Guarani, Carlos Alberto Silva, evitava muitos comentários:

"É só deixar o rapaz jogar, para a gente ver como ele reage. É um garoto novo."

Mas chegaram as férias e Careca não ficou bom. Na Seleção Juvenil, depois de examinado, recebeu a dispensa e retornou a Campinas. E passou a aguardar uma reunião, do Departamento Técnico com o médico na qual se decidiria a data para uma possível operação dos meniscos, que acabou não acontecendo.

Foi somente esta a decepção de Careca no ano de 78, onde tudo correu a seu favor, a ponto de ser eleito como a revelação do ano, depois de brilhantes exibições no Campeonato Brasileiro.

Antônio de Oliveira Filho, o Careca, chegou à Campinas no início de 76, trazido pelas mãos de Greco, um lateral-direito que havia recebido convite para treinar no juvenil do Guarani. Greco era muito amigo de Careca, seu companheiro de equipe, no infantil do Benfica de Araraquara. Por ser acanhado, Greco resolveu chamar o amigo para fazer companhia. Quando chegou no Guarani, Greco procurou o técnico Ladeira e foi se desculpando:

"Olha, seu Ladeira, eu trouxe um amigo — e apontou Careca — **pois a**





Careca é um garoto tranqüilo, mas já no início da carreira conquistou títulos importantes, como campeão brasileiro de 78, e acabou o ano sendo eleito a revelação da temporada. Agora, passa seu primeiro dissabor: os meniscos afetados o afastaram do escrete juvenil.

A verdade é que ele nem mesmo queria fazer o teste para jogar no Guarani, mas depois que entrou em campo agradou a todos e acabou se entusiasmando também

minha mãe não queria deixar eu vir sozinho. Ele joga bola também e acho que é bom centroavante.

Ladeira não acreditou muito na história, mas mandou os dois almoçarem, pois à tarde haveria treino. Curiosamente, Careca não pode treinar, pois comeu demais, encheu a barriga de melancia — que era a sobremesa do dia — e procurou o amigo Greco para avisar **"que a barriga estava pesada".**

Alí, por pouco, Careca não foi embora. A sua sorte foi que Ladeira resolveu dar mais uma chance a Greco, que havia feito um treino regular. No dia seguinte, Careca procurou comer menos, no almoço, para à tarde ter condições de treinar. Como estava sem chuteira, foi lhe dada uma apertada demais. Antes de começar o coletivo, Careca procurou o amigo Greco e foi logo dizendo:

— Greco, acho que não vou treinar, a chuteira está muito apertada.

Greco olhou feio e respondeu:

— Ô Careca, pare de brincadeira, vai de qualquer jeito, pois o homem — Ladeira — já está ficando impaciente.

Careca deu as costas e saiu dizendo:

— Eu não estou a fim de ficar aqui, por isso tanto faz treinar ou ir embora. Para mim, é a mesma coisa.

Greco começou treinando, enquanto Careca, na beira do Gramado, esperava a sua vez. Descalçou a chuteira e ficou aguardando ser chamado para o treino. Enquanto isso, no campo, Greco ia mal, levava um **baile** do ponta-esquerda. Dali a pouco, Ladeira tirou Greco, que saiu triste do campo e foi sentar-se perto do amigo:

"É, Careca, parece, que de hoje nós não passamos. Fui mal toda vida."

Careca procurou animar o companheiro dizendo que tudo aquilo era **panela**, quando ouviu o técnico Ladeira chamar o seu nome.

"Entre lá na ponta-direita no lugar daquele crioulinho."

O crioulinho era Paulo Borges, atualmente também no Guarani, mas Careca ainda respondeu para Ladeira que não era ponta-direita.

"Garoto, não tem importância — retrucou Ladeira — **vá lá na ponta e mostre alguma coisa, que depois você vai ter chance no meio."**

Desanimado, sem muita esperança, Careca foi para a ponta e em cinco bolas que recebeu conseguiu fazer dois gols. Ladeira chegou perto do garoto e falou baixinho:

Ia mandá-los embora hoje mesmo, mas você volta amanhã.

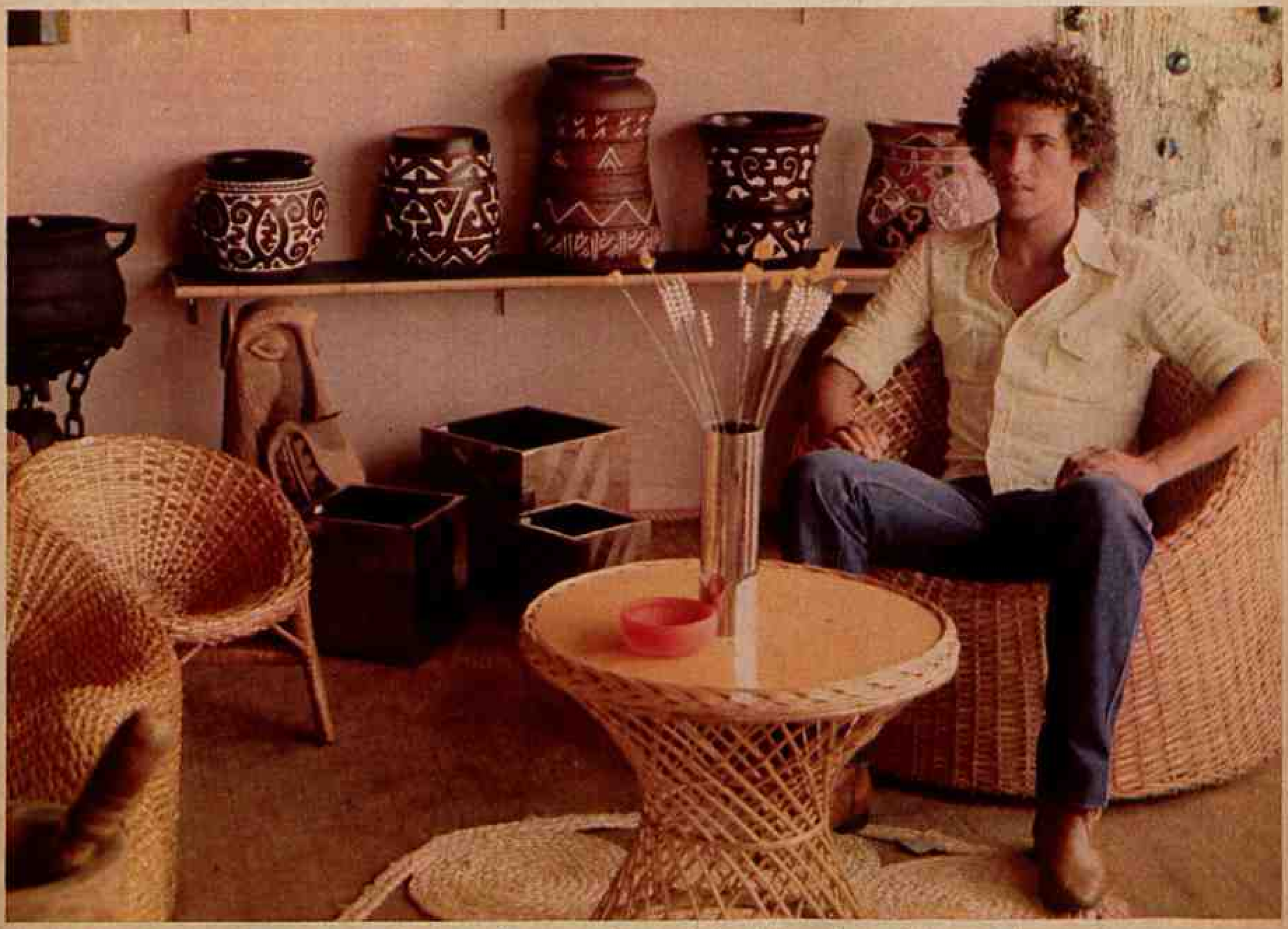
Careca ficou triste, pediu mais uma chance para o amigo e Ladeira, a contragosto, acabou concordando.

"Vou dar esta colher de chá, mas não tem outra."

No treino seguinte, num sábado, Careca começou treinando como meia-direita e fez dois gols. Greco foi mal, mais uma vez. Ladeira depois do coletivo definiu a situação:

"Careca fica e Greco vai embora. Volte na semana que vem com todos os documentos e com as unhas das mãos cortadas."

Dali a quatro dias, chegou Careca, de mala debaixo do braço. E lá ficou. Até hoje. ■



Em casa, Careca aguarda a decisão dos médicos, e vai, enquanto isso, curtindo a tristeza do seu afastamento do escrete.



Paulo César Borges — Marília — 18 anos.



Roberto O. G. do Carmo (Robertinho) — Fluminense — 18 anos.



Carlos Alberto Sollito (Sollito) — Corintians — 19 anos.



Everton Nogueiro — Londrina — 19 anos.



Jorge Leandro Martins Fraga (Leandro) — Corintians — 19 anos.



Dilson Jorge Serpa (Loti) — Atlético Paranaense — 18 anos.



Jorge Antônio Putinatti (Jorginho) — Marília — 19 anos.



Carlos Rodinei Zanardo (Rodinei) — Ponte Preta — 17 anos.



Antônio Carlos Dias Melo (preparador físico), Mário Travaglini (técnico), Eitel Seixas (preparador físico) e Giusepe Taranto (médico).



Paulo César da Costa (Paulinho) — roupeiro.



Abílio José da Silva (Nocaute Jack) — massagista.

pelo que se pôde ver nos últimos treinos coletivos. E, se conseguiu isso, pode também conseguir outras soluções para os problemas que por ventura surjam. De resto, é vencer em Paissandu, para poder conquistar o título depois, em Montevidéu, na fase final.

Mas, seja qual for a classificação, o mais importante continua sendo o trabalho de preparação dessa turma, para os certames que virão por aí, até a Copa da Espanha. ■

No Mundial do Chile, em 62, Amarildo se consagrava, aos 21 anos, dando a vitória ao Brasil no jogo em que substituiu Pelé

"MEUS GOLS CONTRA A ESPANHA VALERAM POR TODA A COPA"

de Glória Sílvia ● Fotos de Gil Pinheiro

JUNHO de 1962, época de festas juninas, o céu cheio de balões. Mas a atenção de cada brasileiro estava voltada para Viña Del Mar, no Chile, onde a Seleção tentava o bicampeonato Mundial de futebol. O Brasil jogaria contra a Espanha, que vinha bem no campeonato, e decidiria a vaga para as quartas de final.

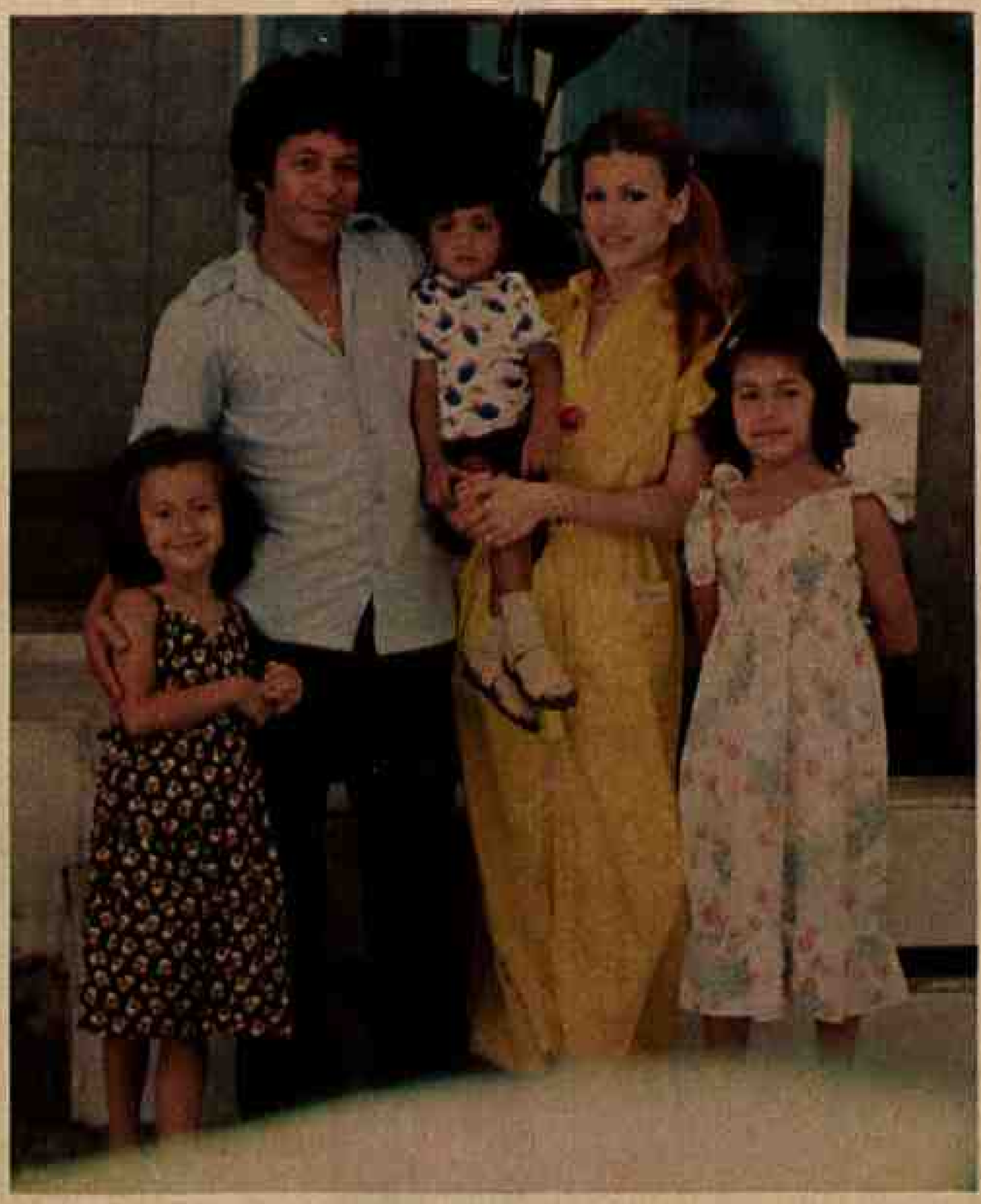
Para Amarildo Tavares Silveira, 21 anos, ex-pracinha do Exército e recém-promovido ao time titular do Botafogo, a data era mais importante ainda, pois iria substituir Pelé, o jogador mais famoso do Brasil e um dos maiores do mundo.

Atuar na Seleção brasileira no início de sua carreira já tinha sabor de vitória e o fato de substituir Pelé era mais significativo ainda.

— Foi no jogo contra a Espanha, em Viña Del Mar, em junho de 1962 que aconteceu meu Dia de Glória. Eu era muito novo ainda, não tinha a experiência necessária para estrear na seleção, mas tudo foi compensado pela ajuda dos companheiros. Muitos deles já jogavam comigo no Botafogo, como Nilton Santos, Didi e Garrincha. Então era como se eu estivesse disputando o Campeonato Carioca. Pelo menos, foi assim que procurei encarar a partida.

O grande momento de Amarildo, no seu dia de glória, foi o do segundo gol, contra a Espanha.

— Aquele dia não estávamos bem. A Espanha fez 1 a 0 e continuou dominando inteiramente. Gilmar já havia feito defesas importantes, garantindo a defesa, mas o ataque não conseguia dobrar os espanhóis. Todo o time começava a se desesperar e acho que ninguém mais acreditava num resultado positivo. Até que houve um córner, na ponta esquerda. Zagalo bateu e a bola veio certinha para mim. Pulei mais do que a defesa contrária, empatando o jogo. Foi um gol de oportunismo e aconteceu na hora certa, pois estávamos caminhando para o final da partida. Com esse gol eu já realizava o meu



Após passar nove anos na Itália, onde conheceu sua mulher, Flamma, Amarildo retorna ao Brasil e pretende que seus filhos Katiuscha (D), Jennifer (E) e o caçula Rildo se adaptem logo. Junto da família, ele pretende recomeçar a vida, só que desta vez como técnico de juvenis em algum clube do Rio de Janeiro. E sonha alcançar, na nova profissão, o mesmo sucesso que obteve como jogador de futebol.



No final, veio a decisão contra a Tchecoslováquia. E também ali Amarildo deixou a sua marca de artilheiro, empatando o jogo e lançando Zito no 2.º gol

maior desejo, que era não decepcionar os torcedores. A partir daí, todo o time passou a confiar na vitória. Estávamos com moral e precisávamos fazer logo o segundo gol. Aliás, quando marquei esse gol, o da vitória, foi uma loucura completa. Toda a delegação invadiu o campo para me abraçar, quase me sufocando. Nem consigo explicar a minha emoção naquele momento. Era a classificação do Brasil no Mundial de 62 e a minha consagração pessoal. Afinal, com 21 anos, começando no futebol, eu fazia a torcida esquecer de Pelé e a acreditar novamente no bicampeonato.

O desempenho de Amarildo naquele dia foi fruto também de um cuidadoso trabalho de preparação para que o estreante não sentisse o peso da responsabilidade de substituir Pelé.

— Os componentes da delegação achavam que eu era novo demais e o fato de substituir Pelé poderia me inibir. Fizeram tudo para que me sentisse à vontade e o Sr. Carlos Nascimento, supervisor da delegação, procurou evitar tocar no assunto, não permitindo também que eu tivesse contato com a imprensa ou lesse jornais a fim de não sofrer qualquer influência que viesse a me perturbar em campo. Dessa forma, eu fiquei praticamente uma semana isolado, sem pensar no jogo, sendo preparado para estrear na seleção. Toda a delegação participou desse trabalho psicológico, inclusive o preparador físico Paulo Amaral e o médico Hilton Gosling. Lembro inclusive que alguns companheiros procuravam me convencer de que seria fácil ganhar da Espanha e que nosso time era melhor. Com toda essa dose de otimismo eu não podia tremer. E só depois do jogo, com a vitória assegurada, é que fui perceber a responsabilidade que carregara. Se não tivéssemos ganho da Espanha eu poderia estar queimado para o resto da vida.

Mas as emoções de Amarildo não acabaram com o segundo gol. Mais tarde, quando tomava banho no vestiário, recebeu, ainda sob o chuveiro, o abraço de Pelé. Para ele, garoto ainda, o apoio de Pelé foi outra satisfação.

A Copa de 62 é cheia de boas recordações para Amarildo. Uma delas foi no jogo final, contra a Tchecoslováquia, quando marcou o gol de empate.

— A situação foi parecida com a do jogo contra a Espanha. Eles também fizeram 1 a 0, só que três minutos depois eu consegui empatar, com um gol difícil. No segundo tempo, Zito marcou o segundo gol, num lançamento meu. Há quem diga que houve impedimento no lance, mas o importante é que o juiz validou e o bicampeonato começava a se desenhar. Vavá completou o marcador, após um lance de Djalma Santos. Esse jogo também representou muito pra mim, porque, afinal de contas, era o título máximo e eu conseguira suprir a ausência de Pelé.

Tão cheia de bons momentos, a Copa do Mundo do Chile acabou representando a projeção definitiva para a carreira de Amarildo. Tanto assim que ainda em Viña Del Mar ele já tinha assinado contrato com o Juventus, da Itália:

— As minhas boas atuações chamaram a atenção dos clubes italianos e, através de Paulo Amaral, que seria o técnico do Juventus, assinei contrato com o clube italiano para que, tão logo terminasse a Copa, eu me transferisse. Mas a Federação Italiana acabou vetando a minha contratação e voltei para o Botafogo. Dois meses depois, o Milan me contratou pra valer, fazendo cair o veto da Federação.

Amarildo começou no juvenil do Flamengo, em 56, e, dois anos depois, foi transferido para o Botafogo, estreando em 58 pelo time de aspirantes, contra o próprio Flamengo. No ano seguinte, foi promovido por João Saldanha, técnico do clube na época, em substituição a Paulinho, vendido ao Boca Juniors. Pelo Botafogo, foi bicampeão em 61/62 e campeão do Torneio Rio-São Paulo de 62. Depois da seleção brasileira veio o exterior, tendo passado nove anos na Itália — quatro anos no Milan, três no Fiorentina e dois no Roma.



A Copa do Chile teve momentos inesquecíveis não só para ele, Amarildo, mas para todos que, do Brasil, acompanhavam através do rádio os dramáticos jogos do escrete.

Da Itália, ele também só tem boas recordações, tanto do tempo do Milan quanto depois, quando foi transferido para o Fiorentina, em 67. No ano seguinte, conquistou o título de campeão italiano, o segundo em toda a história do clube. Do Fiorentina, Amarildo foi para o Roma e aí ele já não estava muito bem. Com 31 anos, sofrera uma grave contusão nos meniscos, que o obrigou a parar por um ano e meio. Da Itália, Amarildo resolveu tentar novamente o Brasil e ingressou no Vasco da Gama, em 1972.

— Joguei algumas partidas, mas a contusão sofrida na Itália me prejudicou muito e sofri nova intervenção cirúrgica. Depois da operação, vi que não dava mais para continuar jogando e encerrei, em 74, minha carreira de jogador, ainda pelo Vasco. Em seguida, retornei à Itália onde fiz um curso para técnicos de juvenis, permanecendo três anos à frente da equipe do Fiorentina. Fomos campeões da categoria, em 76, e vice, em 77 e 78.

No final do ano passado, Amarildo resolveu radicar-se, com a mulher e os três filhos, definitivamente no Brasil, onde pretende dirigir um time juvenil, para poder aplicar a experiência adquirida em seus 19 anos de carreira.

— Desde a minha estréia, em 1958, até encerrar minha carreira, em 74, pelo Vasco, acumulei conhecimentos importantes que pude aplicar durante os três anos que atuei como técnico dos juvenis do Fiorentina. Acho que posso realizar um bom trabalho em clubes brasileiros e colaborar para o desenvolvimento do nosso futebol.

Com 39 anos, casado com uma italiana, Amarildo é um homem realizado financeiramente, mas que ainda espera alguns títulos, como técnico.

— Trabalhar com garotos é muito melhor porque eles não estão ainda carregados de defeitos ou vícios e nós podemos formá-los, de acordo com suas características naturais, para as diversas posições do time. Um juvenil bem preparado pode ser a garantia de sucesso para um clube de futebol, inclusive financeiramente, pois representará economia em investimentos vultosos na compra de craques. Eles podem surgir lá dentro mesmo. Estou ansioso por aplicar, entre os garotos o futebol espetáculo, aquele que consiste basicamente em bola-pra-frente e gol, com poucas teorias e muita objetividade, para alegria da torcida e motivação dos jogadores. ■



RICARDO SERRAN

SOMENTE DE ELEIÇÕES E PROJETOS IMOBILIÁRIOS VIVE O NOSSO FUTEBOL

NÃO vamos cair no chavão do ano novo, vida nova, porque as perspectivas continuam as mais sombrias. A turma do futebol não acredita, visivelmente, em calendário e, também, em folhinha. E não compreende como as coisas possam ter datas marcadas e as tabelas feitas com a antecedência necessária. A discussão, se é que cabe tal expressão, está baseada em anedotas de papagaio, porque os rapazes — alguns muito antigos para merecer a classificação — estão começando 1979 como acabaram o anterior, cada vez mais engraçados. Perguntem aos torcedores quando serão realizados os campeonatos tal e qual. Duvido que recebam respostas, tanto quanto ao número de disputantes como em relação aos períodos da competição. Mas, em compensação, cada um tem dados positivos sobre as respectivas reeleições e os votos com que contam. Vão gostar assim de urna...

No ano que passou se assistiu ao pitoresco de variadas atitudes, com o ponto alto dos **cheques dos shéiks**, depois de tumultuada e não menos divertida Taça do Mundo — esta pelos aspectos extracampo. Houve o monstro que foi o Campeonato Brasileiro de Clubes, com o final de 77 em fevereiro e o de 1978 ainda em agosto (ou terá sido setembro?). Aconteceu a fusão de cariocas e fluminenses, se é que aquilo que acontece nos andares da Rua Melvyn Jones (ex- Rua Chile) pode ser classificado assim. O que pode ocorrer em doze meses, nem contando com testemunhos sérios daria para alguém acreditar, ainda mais num 1979 que se iniciou com o tremendo e reconfortante dia de sol.

Citando alguns casos, estamos pretendendo dar apenas uma espécie de roteiro para o torcedor nos próximos meses. Preparem-se para o **replay** dos principais. Em janeiro teremos eleições em vários níveis e não sonhe com mudanças, pois vai prevalecer o continuismo, por defensável que seja em alguns momentos. Há cheques mais valiosos previstos para fevereiro e até agora não se conhece como acabará o Campeonato Paulista da temporada passada e menos ainda quem chegará a participar do primeiro Campeonato Fluminense. Nem tentem adivinhar o total dos candidatos ao Campeonato Brasileiro e esqueçam qualquer medida capaz de organizar um programa.

Assim será, até o dia em que os dirigentes tratarem mais do futebol do que de planos imobiliários e em que atentarem para o papel de coveiros que, voluntariamente ou não, estão representando em suas entidades. Há inclusive os que falam bonito e prometem o reino do céu aos seus associados e torcedores, mas não fomos nós que descobrimos que o inferno está cheio de gente de boas intenções. Como está não vai dar, talvez nem mesmo para mais um ano, que seria esse de 1979. Apesar dos arranhões que seriam dados na vaidade de cada um, não custaria muito reconhecer que algo precisa ser feito e com urgência. Contra a poluição do meio ambiente, há o recurso das máscaras. Agora, vejam vocês o que é o mundo: no futebol brasileiro a providência seria no sentido contrário. Ou seja, que as máscaras fossem retiradas.



Agência Globo

Khaled: autor do cheque

Um esporte pra ninguém botar defeito

SEXO

Sexo é uma das matérias-primas de ELE ELA, a revista que dá prazer e informação ao homem moderno.
Mais excitantes ainda do que as reportagens e seções que tratam de sexo, são as fantásticas mulheres (deliciosamente despidas) que estão nas páginas e no *poster* duplo.
Mas nem só de sexo vive o homem. Entre uma e outra, enquanto você recarrega suas baterias, alimente sua cuca com os melhores textos, contos, crônicas e reportagens da seleção de craques de ELE ELA: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Dalton Trevisan, Artur da Távola, Nelson Motta, Marcos de Vasconcellos, José Guilherme Mendes, Noênio Spínola, Luís Carlos Maciel, Roberto Pontual e outros cobras.

ela ele

prazer e informação para o homem

LOTECA

INFORMAÇÕES TÉCNICAS SOBRE O TESTE 425

Um serviço Sport Press especial para MANCHETE ESPORTIVA

INFORMAÇÕES

● O jogo entre as Seleções juvenis do Chile e do Brasil, na cidade uruguaia de Paissandu, pelo Campeonato Sul-Americano, é a grande atração do teste, cuja arrecadação líquida (35% por movimento de apostas) será destinada ao COB para os preparativos das equipes brasileiras que intervirão nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico.

● Completam a programação, cinco jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol de Juniors e outros sete da XI Taça Cidade de São Paulo de Futebol Juvenil.
● Seis jogos estão marcados para o sábado, dia 13, e os restantes para o domingo, dia 14.
● O volante do teste é na cor azul.
● Os gols marcados no jogo 1 — Chile x Brasil — não concorrerão aos prêmios de 3 mil cruzeiros para os autores do Gol Mais Rápido e do Último Gol, de acordo com o regulamento.

JOGO 1

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. Chile x Sel. Brasil

Estádio do Parque Artigas — Paissandu, Uruguai

RETROSPECTO

SELEÇÃO DO CHILE
06.11.78 — 0 X 0 U. ESPAÑOLA — N
23.11.78 — 1 X 2 ARICA — N
03.12.78 — 1 X 0 PERU — C
08.12.78 — 3 X 1 PERU — F
21.12.78 — 2 X 0 URUGUAI — F

SELEÇÃO DO BRASIL
03.12.78 — 1 X 0 SÃO LOURENÇO — N
10.12.78 — 1 X 1 FLU FRIBURGO — N
17.12.78 — 0 X 0 SERRANO — N
22.12.78 — 6 X 0 QUELUZ — N

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	30%	40%

JOGO 2

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. de Pernambuco
X
Sel. Rio G. do Norte

Estádio Eládio Barros Carvalho — Afitos, PE

RETROSPECTO

SEL. PERNAMBUCO
15.02.67 — 0 X 6 MINAS GERAIS — N
18.02.67 — 10 X 0 AMAPÁ — N
15.02.70 — 2 X 1 EST. DO RIO — N
21.01.70 — 0 X 1 PARANÁ — N
23.12.78 — 3 X 0 PARAÍBA — C

R. G. DO NORTE
17.12.78 — 0 X 1 AMÉRICA — N
23.12.78 — 1 X 2 SERGIPE — C
30.12.78 — 0 X 1 ALAGOAS — C

COTAÇÕES		
1	X	2
45%	30%	25%

JOGO 3

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. Alagoas x Sel. Paraíba

Estádio Rei Pelé — Maceió, AL

RETROSPECTO

SEL. ALAGOAS
14.02.70 — 3 X 10 SÃO PAULO — N
19.02.70 — 4 X 2 AMAPÁ — N
19.12.78 — 2 X 0 ASA — F
23.12.78 — 2 X 1 BAHIA — F
30.12.78 — 1 X 0 R. G. DO NORTE — F

PARAÍBA
23.12.78 — 0 X 3 PERNAMBUCO — F
30.12.78 — 6 X 3 BAHIA — F

COTAÇÕES		
1	X	2
50%	25%	25%

JOGO 4

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. Sergipe x Sel. Bahia

Estádio Lourival Batista — Aracaju, SE

RETROSPECTO

SEL. SERGIPE
17.12.78 — 1 X 2 SERGIPE — N
23.12.78 — 2 X 1 R. G. DO NORTE — F
30.12.78 — 0 X 0 PERNAMBUCO — C

SEL. BAHIA
10.12.78 — 0 X 1 REDENÇÃO — N
17.12.78 — 1 X 2 LEÔNICO — N
23.12.78 — 1 X 2 ALAGOAS
30.12.78 — 3 X 0 PARAÍBA — C

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	40%	30%

JOGO 5

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. Maranhão x Sel. Pará

Estádio Nhozinho Santos — São Luís, MA

RETROSPECTO

SEL. MARANHÃO
07.12.78 — 0 X 1 SEL. ANIL — F
10.12.78 — 1 X 1 V. MAR — V
23.12.78 — 0 X 4 CEARÁ
30.12.78 — 0 X 0 AMAZONAS — F

PARÁ
23.12.78 — 0 X 2 AMAZONAS — F

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	40%	30%

JOGO 8

Sábado
13 de janeiro de 79

Juventus x Londrina

Estádio Conde Rodolfo Crespi — São Paulo, SP

RETROSPECTO

JUVENTUS
29.07.78 — 0 X 1 P. PRETA — C
05.08.78 — 2 X 0 SÃO BENTO — C
12.08.78 — 1 X 0 P. SANTISTA — F
19.08.78 — 0 X 0 PALMEIRAS — N
20.09.78 — 2 X 0 GUARANI — C

LONDRINA
05.11.78 — 4 X 1 SEL. LONDRINA — N
26.11.78 — 1 X 0 SEL. ALVORADA — F
03.12.78 — 1 X 0 ARAPONGA — C
13.12.78 — 1 X 1 MATSUBARA — C
16.12.78 — 2 X 1 MARINGÁ

COTAÇÕES		
1	X	2
40%	30%	30%

JOGO 11

Sábado
13 de janeiro de 79

Vasco x Inter

Estádio da Polícia Militar — São Paulo, SP

RETROSPECTO

VASCO
16.11.78 — 1 X 0 BANGU — N
19.11.78 — 1 X 0 C. GRANDE — N
22.11.78 — 2 X 0 PORTUGUESA — N
25.11.78 — 0 X 0 FLUMINENSE — N
02.12.78 — 0 X 0 FLAMENGO — N

INTER (R$)
11.11.78 — 2 X 0 GAÚCHO — C
18.11.78 — 2 X 0 SÃO BORJA — C
25.11.78 — 1 X 0 GRÊMIO — N
02.12.78 — 4 X 0 GUARANI — C
16.12.78 — 0 X 1 GRÊMIO — N

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	40%	30%

JOGO 6

Domingo
14 de janeiro de 79

Sel. Piauí x Sel. Amazonas

Estádio Alberto Silva — Teresina, PI

RETROSPECTO

SEL. PIAUÍ
10.12.78 — 2 X 2 POTY — N
17.12.78 — 2 X 0 GEVATA — N
19.12.78 — 2 X 1 PICOS — N
21.12.78 — 1 X 1 JORGE FREITAS
30.12.78 — 1 X 2 CEARÁ — C

SEL. AMAZONAS
18.02.70 — 0 X 4 RIO — N
21.02.70 — 1 X 2 GUANABARA — N
23.12.78 — 2 X 0 PARÁ — C
30.12.78 — 0 X 0 MARANHÃO — C

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	35%	35%

JOGO 7

Sábado
13 de janeiro de 79

Santos x Grêmio

Estádio Conde Rodolfo Crespi — São Paulo, SP

RETROSPECTO

SANTOS
05.08.78 — 0 X 3 GUARANI — F
09.08.78 — 3 X 0 CORÍNTIANS — C
12.08.78 — 1 X 1 SÃO PAULO — C
19.08.78 — 1 X 0 PAULISTA — F
13.09.78 — 2 X 0 SÃO BENTO

GRÊMIO
19.11.78 — 1 X 0 GUARANI — C
25.11.78 — 0 X 1 INTER — N
02.12.78 — 3 X 0 SÃO BORJA — C
09.12.78 — 1 X 0 GUARANI — F
16.12.78 — 1 X 0 INTER — N

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	40%	30%

JOGO 9

Sábado
13 de janeiro de 79

Palmeiras x Cruzeiro

Estádio do Canindé — São Paulo, SP

RETROSPECTO

PALMEIRAS
06.08.78 — 5 X 1 PAULISTA — C
12.08.78 — 2 X 0 P. DESPORTOS — N
19.08.78 — 0 X 0 JUVENTUS — N
26.08.78 — 0 X 1 CORÍNTIANS — N
10.09.78 — 3 X 1 P. SANTISTA — C

CRUZEIRO
01.10.78 — 1 X 2 MERIDIONAL — F
08.10.78 — 1 X 1 ITAUNA — F
15.10.78 — 2 X 1 ATLÉTICO MG — N
22.10.78 — 0 X 1 ATLÉTICO MG — N
29.10.78 — 1 X 1 ATLÉTICO MG — N

COTAÇÕES		
1	X	2
45%	30%	25%

JOGO 10

Sábado
13 de janeiro de 79

São Paulo x P. Desportos

Estádio do Canindé — São Paulo, SP

RETROSPECTO

SÃO PAULO
23.07.78 — 7 X 1 P. SANTISTA — C
12.08.78 — 1 X 1 SANTOS — F
19.08.78 — 0 X 0 GUARANI — F
26.08.78 — 1 X 0 P. DESPORTOS — C
02.09.78 — 0 X 0 NACIONAL — F

P. DESPORTOS
05.08.78 — 0 X 0 NACIONAL — F
12.08.78 — 0 X 2 PALMEIRAS — N
19.08.78 — 2 X 1 SÃO BENTO — F
26.08.78 — 0 X 1 SÃO PAULO — N
02.09.78 — 0 X 1 GUARANI — C

COTAÇÕES		
1	X	2
40%	30%	30%

JOGO 12

Sábado
13 de janeiro de 79

Nacional x Fluminense

Estádio Lauro Gomes de Almeida — São Caetano, SP

RETROSPECTO

NACIONAL
05.08.78 — 2 X 0 SÃO BENTO
12.08.78 — 0 X 0 P. DESPORTOS
19.08.78 — 1 X 1 P. PRETA — C
26.08.78 — 2 X 0 PAULISTA — C
02.09.78 — 0 X 0 SÃO PAULO — C

FLUMINENSE
16.11.78 — 2 X 0 MADUREIRA — N
19.11.78 — 1 X 1 AMÉRICA — N
25.11.78 — 0 X 0 VASCO — N
29.11.78 — 0 X 1 BANGU — N
02.12.78 — 0 X 1 BOTAFOGO — N

COTAÇÕES		
1	X	2
35%	35%	30%

JOGO 13

Sábado
13 de janeiro de 79

Corintians x Atlético MG

Estádio Lauro Gomes de Almeida — São Caetano, SP

RETROSPECTO

CORÍNTIANS
09.08.78 — 0 X 3 SANTOS — F
19.08.78 — 1 X 1 P. SANTISTA — F
26.08.78 — 1 X 0 PALMEIRAS — N
02.09.78 — 0 X 1 PAULISTA — F
07.09.78 — 0 X 0 P. PRETA

ATLÉTICO MG
24.09.78 — 0 X 0 AMÉRICA — N
08.10.70 — 1 X 0 VILA NOVA — N
15.10.78 — 1 X 2 CRUZEIRO — N
22.10.78 — 1 X 0 CRUZEIRO — N
29.10.78 — 1 X 1 CRUZEIRO — N

COTAÇÕES		
1	X	2
30%	35%	35%

TABELA DE APOSTAS

DUPLOS	TRIPLOS	N.º DE APOSTAS	VALOR
1	—	2	Cr$ 10,00
—	1	3	Cr$ 15,00
2	—	4	Cr$ 20,00
1	1	6	Cr$ 30,00
3	—	8	Cr$ 40,00
—	2	9	Cr$ 45,00
2	1	12	Cr$ 60,00
4	—	16	Cr$ 80,00
1	2	18	Cr$ 90,00
3	1	24	Cr$ 120,00
—	3	27	Cr$ 135,00
5	—	32	Cr$ 160,00
2	2	36	Cr$ 180,00
4	1	48	Cr$ 240,00
1	3	54	Cr$ 270,00
6	—	64	Cr$ 320,00
3	2	72	Cr$ 360,00
—	4	81	Cr$ 405,00
5	1	96	Cr$ 480,00
2	3	108	Cr$ 540,00
7	—	128	Cr$ 640,00
4	2	144	Cr$ 720,00
1	4	162	Cr$ 810,00
6	1	192	Cr$ 960,00
3	3	216	Cr$ 1.080,00
—	5	243	Cr$ 1.215,00
8	—	258	Cr$ 1.280,00
5	2	288	Cr$ 1.440,00
2	4	324	Cr$ 1.620,00
7	1	384	Cr$ 1.920,00
4	3	432	Cr$ 2.160,00
1	5	486	Cr$ 2.430,00
9	—	512	Cr$ 2.560,00
6	2	576	Cr$ 2.880,00
3	4	648	Cr$ 3.240,00
—	6	729	Cr$ 3.645,00
8	1	768	Cr$ 3.840,00
5	3	864	Cr$ 4.320,00
2	5	972	Cr$ 4.860,00
10	—	1.024	Cr$ 5.120,00
7	2	1.152	Cr$ 5.760,00
4	4	1.296	Cr$ 6.480,00

Valor de cada aposta ..... Cr$ 5,00
Jogo mínimo — 2 apostas — (1 duplo) ..... Cr$ 10,00
Jogo máximo — 1.296 apostas (4 duplos e 4 triplos) ..... Cr$ 6.480,00

ZEBRAS

	1		X		2	D	T
1		Sel. Chile/Juv		Sel. Brasil/Juv			
2		Sel. Pernambuco/Juv		Sel. R. G. Norte/Juv			
3		Sel. Alagoas/Juv		Sel. Paraíba/Juv			
4		Sel. Sergipe/Juv		Sel. Bahia/Juv			
5		Sel. Maranhão/Juv		Sel. Pará/Juv			
6		Sel. Piauí/Juv		Sel. Amazonas/Juv			
7		Santos/SP/Juv		Grêmio/RS/Juv			
8		Juventus/SP/Juv		Londrina/PR/Juv			
9		Palmeiras/SP/Juv		Cruzeiro/MG/Juv			
10		S. Paulo/SP/Juv		P. Desportos/SP/Juv			
11		Vasco/RJ/Juv		Inter/RS/Juv			
12		Nacional/SP/Juv		Fluminense/RJ/Juv			
13		Corintians/SP/Juv		Atlético/MG/Juv			

O CRAQUE RESPONDE

CELSO

(Fortaleza)

Quando você começou a jogar? Gostaria de renovar contrato com o Fortaleza? Quantos anos você tem?

(Francisco Batista Uchoa — Fortaleza—CE)

"Olha, Francisco, comecei a jogar no Santos, onde nasci, em 1971. Sinceramente, gostaria de renovar contrato com o Fortaleza pois acho o ambiente daqui excelente. Todos o companheiros, como também a diretoria, sempre me apoiaram e acredito que, continuando por aqui, venha a ter um bom futuro. Sou novo ainda e acho que preciso só de apoio para poder me firmar na profissão. Vontade, pelo menos, eu tenho — o que já é meio caminho. Aqui, no Fortaleza, tenho maiores chances de vencer na carreira. Além disso, trata-se de um grande clube no estado e é importante para um jogador atuar. Outra coisa: pretendo participar de muitas campanhas para a conquista de títulos de campeão estadual e dar muita alegria à torcida do Fortaleza, ainda este ano."



JÚNIOR

(Flamengo)

Em qual clube começou sua carreira? Qual o jogador melhor do Brasil em sua posição e quantos gols marcou em sua carreira?

(Narciso Alves de Almeida Júnior — Estância—SE)

"Eu comecei jogando futebol de praia e depois fui para o juvenil do Flamengo. Acredito que o maior jogador em minha posição, em todo o país, seja o lateral Marinho, que jogou no Botafogo e Fluminense e hoje atua no Cosmos, de Nova Iorque. Olha, Narciso, com relação ao número de gols que marquei até hoje, sinceramente não posso dar uma resposta definitiva, pois não costumo fazer essa contagem. Mas acredito ter marcado uns 35 gols."

MARCIANO

(Colorado)

Quantos times você defendeu? Qual o clube de que você gosta no Rio? Gostaria de jogar no Botafogo?
(Marco Antônio Soares — Mossoró-RN)

"Caro Marco Antônio, até agora já defendi dez clubes nos mais diferentes pontos do Brasil. Comecei minha carreira no Lauro Müller, depois fui para o Figueirense, em seguida Internacional, Fortaleza, Ceará, Paissandu, Flamengo, Botafogo de Ribeirão Preto e, ultimamente, Colorado. A gente sempre gosta do time que está defendendo mas temos sempre aquele clube para quem torcíamos quando éramos criança. E eu também tinha o clube de minha preferência. Era o Flamengo. Por sinal, quando atuei pelo rubro-negro carioca fiquei muito contente porque pude, finalmente, defender as cores do clube do qual gostava. Jogar novamente no Rio seria muito bom. Quem não gosta de jogar no Rio, onde se é costantemente promovido? O Botafogo me daria satisfação se me convidasse."



FUMANCHU

(Fluminense)

Você já marcou algum gol jogando pelo Vasco, contra o Fluminense?
(Marcelo Vidal da Silva Andrade — Rio de Janeiro-RJ)

"Caro Marcelo, o único gol que marquei contra o meu atual clube foi exatamente quando jogava pelo Vasco da Gama. Foi em 1976 e eu marquei o gol da vitória do time cruzmaltino. Jogando pelo Santa Cruz, lembro que em três jogos chutei três bolas na trave e o Santa Cruz acabou perdendo. E quando era juvenil do Vasco fiz dois gols contra o Fluminense. Agora estamos do mesmo lado, pois acredito que você seja tricolor, e meu sonho é fazer muitos gols contra meus dois ex-clubes: Vasco e Santa Cruz."

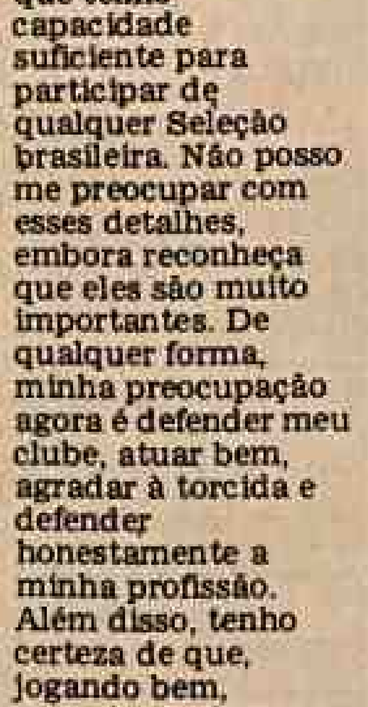
FALCÃO

(Internacional)

Você não tem mágoa de Coutinho por ele não o ter relacionado nem entre os 22 da Seleção?

(Carlos César Messias de Oliveira — Nova Brasília — DF)

"Bem, Carlos, confesso que quando fiquei sabendo da relação definitiva, cheguei a ficar chateado e andei dando umas declarações imaturas contra o técnico da Seleção brasileira. Não é que tenha me arrependido do que fiz, mas mais tarde percebi que aquilo não levaria a nada, nem acrescentaria qualquer coisa à minha carreira. Era um fato já consumado e não adiantava discutir. Agora, esse episódio da minha não-convocação para a Seleção está superado. Sei que sou bom jogador, tenho consciência do que posso fazer e sei que tenho capacidade suficiente para participar de qualquer Seleção brasileira. Não posso me preocupar com esses detalhes, embora reconheça que eles são muito importantes. De qualquer forma, minha preocupação agora é defender meu clube, atuar bem, agradar à torcida e defender honestamente a minha profissão. Além disso, tenho certeza de que, jogando bem, estando em forma, acabarei sendo lembrado outra vez para a Seleção brasileira."





AILTON LIRA

(Santos)

Como se sente ao vestir a famosa camisa 10 de Pelé? Você acredita que poderá ser campeão paulista pelo Santos este ano?

(Katya Avanci Caxias — Belo Horizonte — MG)

"Olha, Katya, vestir a camisa 10, que foi de Pelé durante muito tempo, acho que é a vontade de quase todos os jogadores aqui do Santos. É, sem dúvida, uma responsabilidade muito grande, devido ao mito Pelé. Principalmente se levarmos em conta todos os títulos que ele ganhou. Mas é para isso que estamos aqui no Santos. Este ano vejo o time com boas possibilidades."

SAPATÃO

(Bahia)

Como foi eleito presidente da APAF-BA e o que acha do seguro contra acidentes para os jogadores?

(André Luís Brandão — Brasília — DF)

"Tudo aconteceu, amigo André, durante uma reunião que tivemos — eu e mais alguns companheiros — na Delegacia Regional do Trabalho, quando a chapa apresentada, e que trazia meu nome na cabeça, foi escolhida por unanimidade. Só que a sigla dela é APAFEB. Quanto ao seguro, já deveria existir há muito tempo, mas acho que tem que variar de acordo com a contusão."

Faça uma pergunta a seu craque favorito. MANCHETE ESPORTIVA se encarrega de fazê-lo responder. E depois publicar.

Manchete esportiva

O CRAQUE RESPONDE

A correspondência deve ser enviada para MANCHETE ESPORTIVA: Rua do Russell, 804, 4.º andar — 22.214 — Rio de Janeiro, RJ. Só encaminharemos aos jogadores perguntas feitas através deste cupom, devidamente preenchido.

Gostaria que o jogador ..... do .....
..... respondesse à seguinte pergunta:
.....
.....
.....
.....

Nome: .....Clube.....
Rua: .....n.º ..... apto.º .....
Cidade: .....Estado .....
Profissão: .....Idade .....

ALEX

(América)

Qual sua ficha técnica? E qual é seu título mais importante desde o começo de sua carreira como jogador profissional? Você se sente bem no América?

(Antônio Ulisses Solino de Sousa — Miracema do Norte — GO)

"Tenho 32 anos, peso 82 quilos e minha altura é 1,80. Bem, o América, infelizmente, não vem tendo muita sorte nas disputas dos campeonatos estaduais e por isso a maior conquista que já tive foi a de campeão da Taça Guanabara em 1974 — quando, aliás, merecíamos ganhar o título estadual, mas no final o Flamengo acabou ganhando, mesmo sem ter a melhor equipe do ano. Sinto-me muito bem no América e tenho sido muito feliz no clube, apesar das campanhas ruins que viemos fazendo. Mas a gente sempre espera que no ano seguinte a coisa mude e a gente consiga maior sorte para o clube. De qualquer forma, não tenho nenhuma reclamação contra o clube: sempre fui muito bem recebido, tanto por colegas como por dirigentes, torcida e funcionários. Espero poder continuar por lá mais algum tempo e encerrar minha carreira defendendo as cores do América. Talvez eu ainda jogue uma temporada e depois pare de vez, se possível atuando pelo clube que me projetou."





REINALDO

(Atlético Mineiro)

Se você tivesse que sair do Atlético para um clube do Rio, qual seria o escolhido e por quê?

(Elizabeth Cravo — Rio de Janeiro — RJ)

"Olha, Elizabeth, sinceramente eu não tenho nenhuma preferência por clube do Rio. Eu viria para aquele que eu achasse conveniente na época em que surgisse a questão. E é claro que procuraria ficar no que me oferecesse maiores vantagens. Mas até hoje não pensei nisso. Sinto-me bem no Atlético Mineiro e não pretendo sair, pelo menos por enquanto."

PIRES

(Palmeiras)

Qual o seu grande sonho no futebol e qual o título mais importante em sua carreira?

(Jayme Vaz Júnior — São Paulo — SP)

"O meu grande sonho? Ah, acho que o grande sonho de todos os jogadores de futebol é a Seleção Brasileira. Algum dia espero realizar esse desejo de defender o nosso país. Sobre títulos, um que me marcou bastante, por incrível que pareça, foi o primeiro que consegui: o de campeão juvenil, pelo Palmeiras. Depois, veio o paulista e o do torneio do Japão."

DÉ

(Botafogo)

O que você acha de um jogador ser boicotado? Como reagiria, se fosse?

(Osmar Ribeiro Lage — Rio de Janeiro — RJ)

"Mas quem pode gostar de ser boicotado? Aliás, Osmar, não são só os jogadores que se revoltam quando são boicotados. Acredito que em qualquer setor da vida profissional ninguém queira ser boicotado. Afinal de contas, ninguém quer ser passado pra trás, né? Mas é claro que tudo depende da reação de cada um. Há pessoas que sentem que estão sendo prejudicadas, percebem a intenção mas não reagem, ficam caladas e fingem que não estão vendo nada. E há ainda aqueles que botam a boca no mundo e espalham logo a má intenção que está havendo contra eles. Eu sou desses. Faço logo fuzuê e não deixo por menos. Quando sinto que estão me jogando para o alto eu reajo logo, mas a minha reação não é, ao contrário do que muita gente pensa, a de partir pra briga e outras atitudes parecidas. Reajo no papo, na conversa, porque essa ainda é a melhor maneira de resolvermos um problema, pelo menos pra mim que não costumo tirar satisfação na base da força física."





PAULINHO

(Vasco)

Por que você não quis assinar um autógrafo pra mim, quando esteve em Minas, jogando contra o Uberlândia? Fiquei muito decepcionado, já que sou fã de seu futebol.

(Wellington Alves — Santa Vitória — MG)

"Sinceramente, Wellington, eu não me lembro desse acontecimento, mas de qualquer forma aproveito para me desculpar, caso lhe tenha magoado. Acontece que nem sempre podemos dedicar a atenção que os torcedores merecem, porque a gente está sempre às voltas com algum treinamento ou concentração. Espero que tenha sido um mal-entendido e que esteja esclarecido."

JOEL MENDES

(Santa Cruz)

Onde começou sua carreira no futebol e o que faço para conseguir uma camisa sua, já que tenho a de todos os goleiros?

(José Leonel Tibúrcio da Silva — Caruaru — PE)

"Eu comecei jogando no Coritiba, pois sou paranaense. Por sinal, foi nesse clube que acabei me projetando no cenário futebolístico brasileiro. Quanto à camisa, não posso prometer nada, pois muitos torcedores também já fizeram o mesmo pedido. Mas vou estudar o assunto. Escreva para o Estádio do Arruda, na Avenida Beberibe, Recife e verei o que fazer."

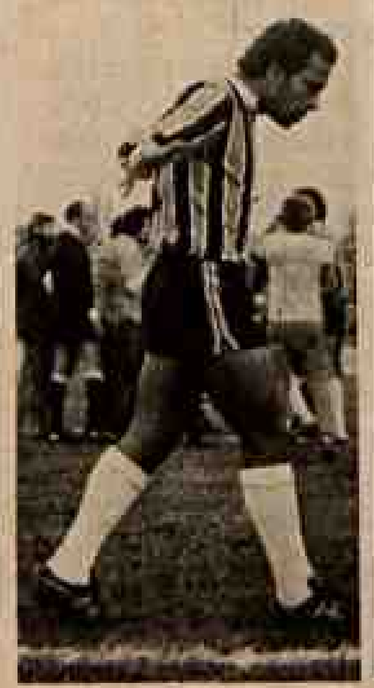
ANDRÉ

(Grêmio)

Em qual dos clubes que passou sentiu-se mais à vontade junto à torcida? Quantos gols marcou na sua carreira? Pretende permanecer no Grêmio?

(Erno Muller — Marechal Cândido Rondon — PR)

"Olha, Erno, joguei em vários clubes na minha carreira mas, por incrível que possa parecer, só consegui jogar tranqüilo e em paz no Grêmio. Aqui no Sul, sou um ídolo e a torcida até sente a minha falta quando não jogo e cobra a minha presença. Posso dizer que o Grêmio e seus torcedores foram muito carinhosos comigo e por isso garanto, com a mais absoluta convicção, que em Porto Alegre eu encontrei a felicidade no futebol. Aqui no clube gaúcho, pude apresentar todo o meu futebol, pois havia ambiente para isso e eu sempre me senti à vontade. Sou goleador, ganho bem e pretendo encerrar por aqui mesmo a minha carreira de jogador profissional. Não vejo motivos para sair do clube. Mesmo porque estou com 32 anos e dificilmente acharia uma proposta compensadora. Não sei ainda quando vou parar com o futebol, mas calculo que tenho forças para jogar mais uns dois ou três anos. Marquei muitos gols, mas não sei o total porque nunca me preocupei em contar."



ZÉ EDUARDO

(Corintians)

Quando foi sua estréia no Corintians e qual a sua maior atuação?

(Pedro Antonio Tromy Dias — Cuiabá — MT)

"Minha estréia no Corintians foi num jogo contra o Fluminense, no Rio de Janeiro. Lembro-me, inclusive, que era a estréia de Rivelino também, atuando com a camisa tricolor. Joguei só meio tempo e lembro que tomamos uma goleada, acho que de 4 a 0. A minha maior atuação foi no jogo final do Brasileiro de 76, quando jogamos contra o Internacional no Beira-Rio."

CARLOS

(Ponte Preta)

O que você sente quando faz grandes defesas? Eu acho você o goleiro mais lindo do mundo. Você é livre ou casado?

(Monica Lys Gonçalves Furtado — Teresina — PI)

"Agradeço o seu elogio, Mônica, e aproveito para dizer que sou solteiro. Quando faço uma grande defesa, sinto-me recompensado pelo trabalho que realizo. Essa é a grande hora da satisfação profissional e pessoal também. A minha obrigação é fazer defesas. Estou no gol para evitar o sucesso dos atacantes contrários, mas sempre me alegro com as boas defesas."

Eles começaram em Brasília, um há onze anos, outro somente no ano passado, mas ambos chegaram juntos ao sucesso em suas categorias

PIQUET E ALEX EM ALTA VELOCIDADE

A imagem que Emerson Fittipaldi criou na Europa, da boa qualidade do piloto brasileiro, vem sendo conservada por dois jovens que se destacaram na temporada passada e depositam em 1979 grandes esperanças: Nélson Piquet e Alex Dias Ribeiro. Piquet ganhou o Campeonato Mundial de Fórmula Três, conquistando o primeiro lugar em 13 provas, e batendo o recorde que pertencia a Emerson, com nove vitórias numa temporada dessa categoria. Seu desempenho o levaria a ingressar, ainda em 1978, no clube fechado da Fórmula Um. Disputou cinco provas nessa categoria: quatro pela MacLaren e a última pela Brabham, atendendo a convite pessoal do titular Niki Lauda, que o levou para sua equipe. Aos 26 anos de idade e sete de automobilismo, Nélson Piquet alcança a Fórmula Um com humildade, achando que 1979, "vai ser um ano de aprendizagem".

Alex Dias Ribeiro está há 11 anos no automobilismo, dos quais cinco vividos na Europa. Em 1978, fez uma boa campanha na Fórmula Dois e disputou alguns grandes prêmios de Fórmula Um. Além da profissão, Piquet e Dias Ribeiro têm outro ponto em comum: ambos foram criados em Brasília, para onde retornaram neste final de ano, a fim de passar as festas com as famílias. E aproveitaram para uma longa conversa com os repórteres André Dusek, Dilma Duarte e Francisco Sant'Anna, da Sucursal de MANCHETE ESPORTIVA na capital federal.

M.E. — O que acham da performance do Emerson e do Copersucar?

Piquet — Ele é um dos mais respeitados pilotos de F1 da Europa e o considero um dos cinco pilotos mais velozes do mundo. Só aqui no Brasil é que ele é motivo de piada. Acho que o Emerson vai realizar o sonho da sua vida, que é ganhar um GP com um carro nacional, que está melhorando muito.

Alex — Ninguém entendia nada de automobilismo no Brasil e só passamos a saber o que era uma corrida de F1, quando o Emerson foi campeão do mundo. Quando ele estava na MacLaren, era um piloto de ponta, mas com o Copersucar começou a andar atrás, e todo mundo criticou. Acontece que o Brasil não tem tradição no automobilismo e não é um país desenvolvido em termos de tecnologia. A grande verdade é que eles souberam sobreviver à fase mais crítica e estão evoluindo. O Copersucar F5 é um carro bastante bom e o F6 promete ser ainda melhor.

M.E. — O piloto brasileiro enfrenta mais dificuldade do que um europeu para chegar à F1?

Piquet — Enfrenta, porque sente as diferenças de clima, de costumes, de língua e, além disso, os caras estão correndo na casa deles.

M.E. — Existe muita diferença entre F3, F2 e F1?

Alex — A diferença é grande na primeira vez que você guia, porque um F3 tem 170 cavalos, um F2 tem 320 e um F1 tem 500, e os pesos dos carros variam de acordo com a potência. Fiquei muito impressionado quando mudei da F3 para a F2.

Piquet — A primeira vez que andei na F1 foi em Silverstone. O carro não tinha freios tão bons e não era maleável de guiar, mas não senti tanta diferença. Em F1 os problemas aumentam geometricamente. Na F3 há corridas de 20, 25 minutos e você não tem problemas de desgaste do carro. Dá para andar o tempo todo no limite, sem problemas. Em F1 é preciso fazer uma corrida superpensada, tem de poupar os pneus, tem de usar tanto o talento quanto a cabeça, porque senão não faz nada.

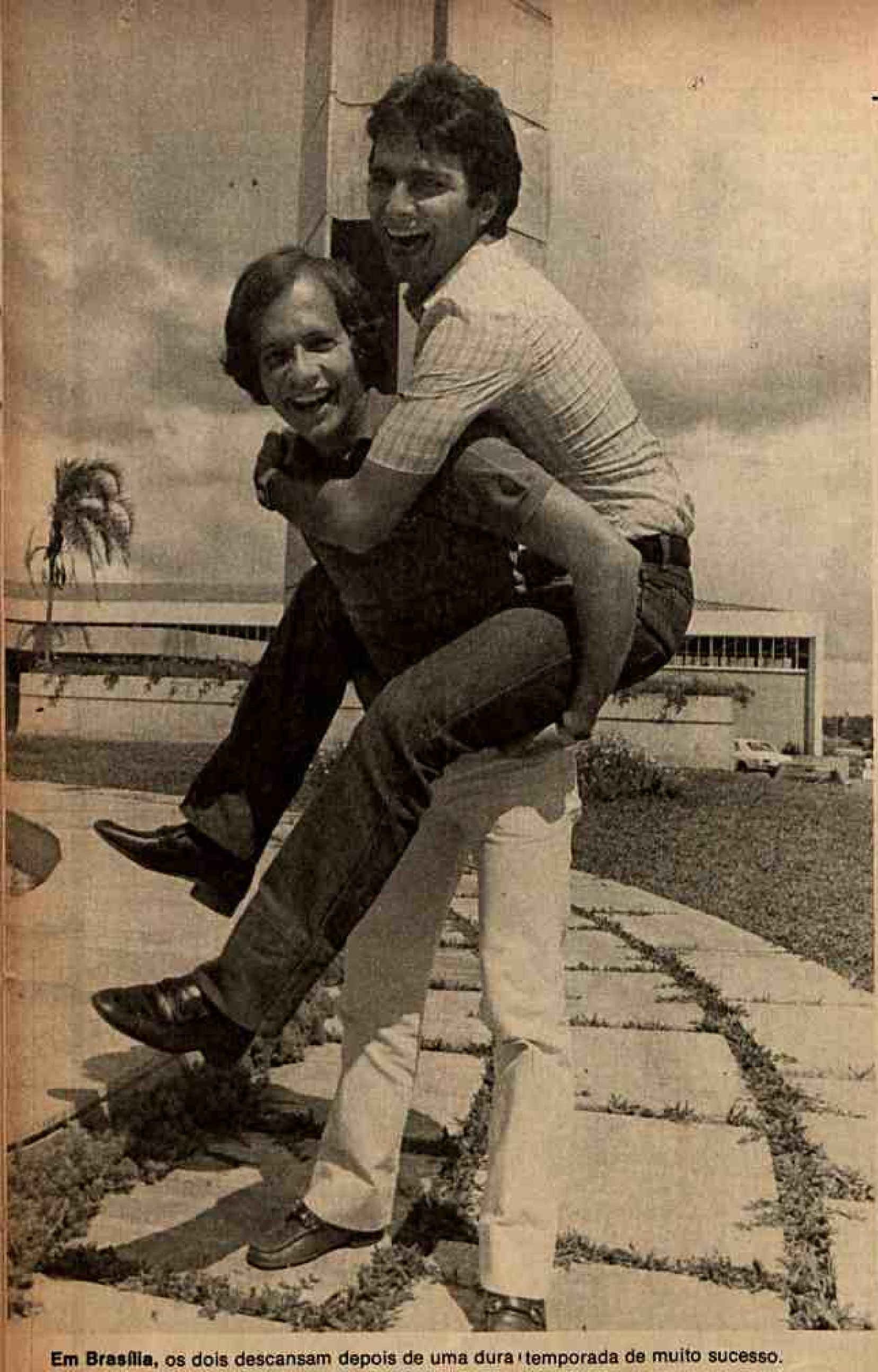
M.E. — Como está o problema de segurança nas pistas, no Brasil e na Europa?

Alex — Acho que aqui está muito melhor do que na Europa. No Brasil, quando o Emerson abre a boca para dizer que é preciso fazer alguma coisa, no GP seguinte já está feita. Lá fora, fala-se muito mas se faz muito pouco. Infelizmente, o piloto não tem lá a força que tem aqui.

Alex está há cinco anos na Europa e ajudou muito a Piquet, quando este chegou lá.



Herminio de Oliveira



Hermínio de Oliveira

Em Brasília, os dois descansam depois de uma dura temporada de muito sucesso.

M.E. — Entre Rio, São Paulo e Brasília, qual o autódromo mais seguro?

Alex — O melhor autódromo brasileiro é o de Goiânia, em termos de segurança e de instalações. O circuito não é muito interessante, pois tem menos de cinco mil metros e não dá para a F1, mas tem muito boa visibilidade.

M.E. — E lá fora, qual seria o melhor circuito?

Piquet — Para mim é o de Nurburgring, na Alemanha. Realmente, é lindo, mas é perigoso demais. Agora, o mais seguro, pelo que ouvi dizer, pois nunca estive lá, é o de Paul Ricard, na França.

M.E. — O que é um circuito interessante para vocês?

Alex — Um circuito interessante é o que você tem que guiar mesmo, é o que depende mais do piloto do que do carro.

M.E. — Qual a média de idade de um piloto de F1?

Alex — Vai dos 20 aos 40 anos. O problema da F1 é que o piloto se desgasta rapidamente, com as várias formas de pressão que existem fora das pistas. Pressão política, da imprensa, do patrocinador, econômica. Se você observar o Emerson, vai notar que em sete anos ele envelheceu um bocado. Por isso, acho que um piloto não agüenta mais de 10 anos na F1. A não ser que tenha uma cuca muito fresca e nem ligue para os problemas.

M.E. — Depois que o Emerson foi para o Copersucar, diminuiu no Brasil o interesse pela F1, não é verdade?

Piquet — O problema é que o brasileiro está acostumado com vitórias e se esquece que são 30 que correm e só um que ganha.

Alex — Na Argentina há um piloto novo, que eles estão lançando, o Ricardo Zunino, um bom piloto. Quando ele chega em 11.º lugar na F2, eles botam na primeira página, manchete de jornal.

M.E. — Vocês já sentiram medo de morrer?

Piquet — De morrer, não. Mas toda vez que sento num carro de corrida, eu penso: o que estou fazendo aqui, em cima desse carro? Por que não estou em casa, com a minha família? Mas depois que entro na pista isso passa.

Alex — Tenho outra visão da coisa, porque acredito na vida eterna e pra mim tudo bem, não tenho medo de morrer. A pior batida é aquela em que você bate e fica. Então, a desaceleração é grande. Uma vez, não sofri nada, mas fiquei desacordado um minuto. O corpo sofreu um impacto da desaceleração tão grande que fiquei sem ânimo para sair do carro. Quando saí, estava tonto. Atravessei a pista e quase fui atropelado. Só aí é que acordei.

M.E. — Quando um piloto morre numa pista o circuito fica temido?

Alex — Fica aquele mal-estar. Ninguém gosta de perder um amigo ou, pelo menos, um cara que você conhece. Se foi ele, poderia ter sido eu. Mas isso é só no dia e não chega a influir no desempenho dos outros.

M.E. — No âmbito nacional, quais os pilotos com chance de partir para a Europa?

Piquet — Acho que os que têm mais chance são os pilotos jovens, como o Roberto, que foi campeão brasileiro de kart, no ano passado; o Fernando, irmão do Alex, que vão para a Europa fazer Fórmula Ford. Os pilotos que passam aqui 10 anos correndo de Super V têm 28 ou 30 anos, são casados e vão para a Europa, não se dedicam como devem, não aprendem o que é o automobilismo e não têm futuro. Não conseguem ir para a Europa fazer só automobilismo. Eu passei cinco meses, no ano passado, dedicado exclusivamente ao automobilismo das nove da manhã às dez da noite, todos os dias, sem sábado, sem domingo e sem feriado.

Alex — É que geralmente os caras estão com a vida ganha, têm um padrão de vida bom, querem manter esse tipo de vida lá e é impossível. Quando fui para lá, era solteiro e morava dentro de um caminhão. Viajávamos pela Europa inteira e a única coisa que eu conhecia era o meu carro de corrida. No caso do Nelsinho (Piquet), a mesma coisa. Ele foi pra lá com dedicação integral e é só isso que está fazendo. Acho que quem tem condições de fazer isso de novo são justamente os caras novos, que ainda estão naquela fase do encanto pelo automobilismo. E eu acho que eu e o Nélson ainda não perdemos esse encanto. (de **André Durck, Dilma Duarte e Francisco Sant'Anna,** da Sucursal de Brasília) ■

RECEBEMOS e retribuímos as mensagens de Boas Festas enviadas por: Márcio Braga, presidente do Flamengo; Pedro Gama Filho, vice-chanceler da Universidade Gama Filho; Carlos Arthur Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei; Associação de Garantia ao Atleta Profissional do Rio de Janeiro; Mariza, Relações-Públicas do Rio-Sheraton Hotel; Adidas do Brasil; Geraldo Pedrosa, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro; José Carlos Vilella; Jaime Meir; Carlos Alberto Torres; Equipe de Esportes da Televisão Bandeirantes; Ana Lima Alves de Souza; Oto Glória, técnico do Monterrey do México; Cacilda Fernandes de Souza Giannetto, Diretora-Presidente do *Jornal dos Sports*; Waldir Amaral, chefe da equipe de esportes da Rádio Globo; André Vento, da Souza Cruz; José Gomes Nogueira; Francisco Amaral e Sr.ª; Ana Maria Lima do Rêgo; César Machado Prieto; Heroíto de Oliveira e Sr.ª; José Jorge Relações Esportivas; Raul Ramirez Filho e Sr.ª; Avertano Barreto; Casa de Saúde e Maternidade Nossa Senhora do Rosário; José Luís Arruda; Fausto Alves da Silva e Sr.ª; Júlio Lopes, técnico da equipe infanto-juvenil do Flamengo; Amauri Barreto e Solimar Leal de Moura.

Para completar meu arquivo de endereços de federações internacionais, solicito sejam publicados os endereços... (José Vaz, Rua Conde de Bonfim, 214/808, Tijuca-Rio)

Alemanha Ocidental — Deutscher Fussball-Verband der, Storkower Strasse 118, Berlim; **Argentina** — Associacion del Futbol Argentino, Viamonte, 366/76, Buenos Aires; **Áustria** — Oesterreichischer Fussball-Bund, Mariahilferstrasse, 99, Wien; **Escócia** — The Scottish Football Association Ltd, Park Gardens, 6, Glasgow; **Holanda** — Koninklikjke Nederlandsche Voetbalbond, Woudenbergseweg, 56-58, Zeist; **Irã** — Iranian Football Federation, Av. Sepahbod Zahedi, 269, P.O. Box — 11:1642, Teerã; **Iugoslávia** — Yugoslav Football Association, Terazije, 35, Belgrado; **Peru** — Federación Peruana de Futbol, Estadio Nacional, Puerta 7, Calle José Diaz, Lima; **Tunísia** — Federation Tunisienne de Football, Rue Lenine, 28, Tunis; **Uruguai** — Asociacion Uruguaya de Futbol, Guayabos, 1531, Montevidéu.

Solicito que seja publicada a relação dos 22 jogadores convocados pelas seleções da Áustria, Escócia, Espanha, Irã, México, Tunísia e Suécia para a Copa do Mundo de 1978 na Argentina. (Glauco Nelson Fachinelli, Rua Dr. Campos Velho, 1611, Porto Alegre-RS)

Áustria — Koncilla, Sara, Obermayer, Breitenberger, Pezzey, Hattenberger, Hichersberger, Prohaska, Krankl, Kreuz, Jara, Krieger, Happich, Strasser, Weber, Persidis, Oberacher, Shachner, Pirkner, Baumeister, Fuchsbicher, Baumgartner.

Escócia — Rough, Jardine, Donachie, Buchan, McQeen, Rioch, Masson, Dalglish, Jordan, Hartford, Johnston, Blyth, Kennedy, Forsyth, Gemmill, Macari, Johnstone, Sounnes, Robertson, Clark, Harper e Burns.

Espanha — Arconada, Cruz, Alvarez, Arsensi, Migueli, Biosca, Dani, Juanito, Castro, Santillan, Cardenosa, Guzman, Miguel Angel, Leal, Marañon, Olmo, Marcelino, Pirri, Rexach, Ruben Cano, Isidro e Javier.

Irã — Hejazi, Movadat, Karbekandi, Nazarj, Ghesghaian, Eskandarian, Kazerani, Abdollahie, Shjaee, Naibagha, Parvin, Allahvardi, Danaifar, Ghasimpour, Fariba, Sadeghui, Rowshan, Faraki, Jahabi, Bishkar, Noorai e Taymouri.

México — Requenes, Siller, Garduno, Escobedo, Vasquez Ayala, Mendizabal, De la Torre, Zarza, Rangel Ayala, Martinez, Sanchez, Diez, Cisneros, Casillas, Ignacio Flores, Cardenas, Rivera, Lugo Gomez, Corona, Rojas, Isiordia e Moreno.

Suécia — Hellmstrom, Borg, Andrsson, Nordqvist, Erlandsson, Rapper, Linderoth, Bo Larsson, Sjoberg, Wendt, Hagbert, Andersson, Aman, Nilsson, Tortensson, Moller, Nordin, Karlsson, Anderson, Aslund e Edstrom.

Tunísia — Attouga, Dhouib, Kaabi, Gasmi, Labidi, Gommidh, Temine, Ben Rehaifa, Akid, Dhiab, Ben Aziza, Labidi, Liman, Karoui, Ben Moussa, Chahaibi, Ellouz, Chelbi, Hasni, Jebali, Ben Aziza e Naili.

Desejo saber o nome completo e a data de nascimento do goleiro Leão, do Vasco (Sueli de Assis Pontes, Rua Martins Torres, 542, 201, Niterói-Rio de Janeiro)

Emerson Leão nasceu em Ribeirão Preto no dia 11 de julho de 1949.

Aos leitores que continuam mandando as mesmas perguntas, informamos que suas cartas estão sendo pesquisadas e serão publicadas oportunamente. Nossa intenção é atender a todas as solicitações, sem distinção de clubes ou jogadores. Com respeito aos números atrasados e pedidos de *posters*, os leitores interessados devem entrar em contato com o nosso Departamento de Circulação, na Rua Frei Caneca, 511 e nos Serviços Editoriais, na Rua do Russell, 804, Glória.

Continuamos neste número a publicar as partidas disputadas pelo título mundial de xadrez entre o soviético Anatoly Karpov e o dissidente soviético Victor Korchnoi. Depois de 32 partidas, Karpov, 27 anos, conseguiu manter o título por mais três anos, com a vitória de 6 a 5. Os retrospectos são da nona e décima partidas que terminaram empatadas.

Nona partida

Korchnoi Brancas		Karpov Pretas
1	— P4BD	C3BR
2	— C3BD	P3R
3	— C3B	P4D
4	— P4D	B2R
5	— B4B	0-0
6	— P3R	P4BD
7	— PDxP	BxP
8	— D2B	C3BD
9	— T1D	D4T
10	— P3TD	B2R
11	— C2D	P4R
12	— B5C	P5D
13	— C3C	D1D
14	— B2R	P3TR
15	— BxC	BxB
16	— 0-0	B3R
17	— C5BD	D2R
18	— CxB	DxC
19	— C5D	TR1D
20	— B3D	C2R
21	— CxBxq	DxC
22	— PxP	PxP
23	— TR1R	T2D
24	— T4R	C3B
25	— D2R	P3CR
26	— T1R	R2C
27	— P4CD	P3CD
28	— D4C	TD1D
29	— P4BR	P4TR
30	— D3C	D3D
31	— P4BR	T2R
32	— TxT	CxT
33	— T5R	P4TD
34	— TxPTR	PxP
35	— PxP	DxPC
36	— T5CD	DxPC
37	— R2T	D6R
38	— TxP	T1TD
39	— DxD	PxD
40	— T2C	T6T
41	— B4R	

No 41.º movimento Karpov propôs o empate e Korchnoi aceitou.

Décima partida

Karpov Brancas		Korchnoi Pretas
1	— P4R	P4R
2	— C3BR	C3BD
3	— B5C	P3TD
4	— B4T	C3B
5	— 0-0	CxP
6	— P4D	P4CD
7	— B3C	P4D
8	— PDxP	B3R
9	— CD2D	C4B
10	— P3B	P5D
11	— C5C	PxP
12	— CxB	PBRxC
13	— PxP	D6D
14	— C3B	DxD
15	— BxD	B2R
16	— B3R	C6D
17	— B3C	R2B
18	— TD1D	C6xPR
19	— CxC	CxC
20	— B4BR	C5B
21	— BxC	PxB
22	— T4D	B3D
23	— B3R	TR1CD
24	— TxPB	T7C
25	— P4TD	T7T
26	— P3CR	T1CD
27	— T1D	T1-7C
28	— T14D	TC-8TD
29	— R2C	TC-8TD
30	— T4T	P3T
31	— B5B	P4R
32	— B7T	R3R
33	— T4B-4CR	B2R
34	— T5T	B3B
35	— T4BD	R2D
36	— B8C	P3B
37	— T4R	TxPT
38	— P4BD	T4T
39	— BxPR	BxB
40	— T5xB	TxT
41	— TxT	T5T
42	— T4R	T4T
43	— P4TR	P4T
44	— T4BR	

Novamente o empate foi proposto por Karpov, que o fez através do Grande Mestre iugoslavo Filip, já que não queria dirigir a palavra a Korchnoi.

AMÉRICA

Tradição das fofocas ameaça perturbar a recuperação do time

O América continua o mesmo: toda vez que o time melhora um pouco, começam as ondas entre os cartolas, tradição melancólica, que vem dos tempos da Alameda e que nunca abandonou o clube nesses tempos críticos. Agora, uma sucessão de entrevistas, nos jornais e emissoras, colocou de novo, ferozmente, os oposicionistas tradicionais contra o presidente Ilânio Starling.

No confronto, destaca-se, como sempre, entre os oposicionistas, Carlos Cavalcanti, cujo sonho é tomar o lugar de Starling. Na corrente situacionista, quem reage é, principalmente, o vice-presidente de futebol — e homem forte do clube no momento — Paulo Afonso da Silva. Para ele, as fofocas servem apenas para perturbar o trabalho do técnico Jair Bala, que a duras penas conseguiu formar um time razoável em 1978, em condições de disputar o título no Quadrangular decisivo.

— Que ninguém se atreva a prejudicar o trabalho de Jair Bala e do preparador físico Beneci Queiroz. Eles são intocáveis e estão sob a minha proteção — adverte Paulo Afonso. **(Marco Octavio Teodoro)**

MELHORES

Escrete do ano, sem o encanto dos tempos de Tostão, não entusiasma

NOS tempos de Tostão, Dirceu Lopes & cia. era fácil escalar uma seleção mineira no fim do ano. Mas na fase atual do futebol de Minas, quando ficou tão reduzido o número de craques, a tarefa é bem mais complexa. O craque do ano, inegavelmente, foi o atleticano Toninho Cerezzo — especialmente no final da temporada, quando seu futebol brilhante carregou o time do Atlético nas costas. Houve várias revelações, em parte graças ao declínio dos medalhões, mas a mais agradável foi mesmo Luís Alberto, artilheiro do campeonato, cujos gols acabaram por classificar o Valeriodoce para o Quadrangular decisivo. Como técnico, Jair Bala conseguiu tirar o América do ostracismo, dando personalidade ao seu time. E o escrete pode ser formado assim:

João Leite — Com a saída de Raul, titular de qualquer seleção mineira durante uma década, o atleticano João Leite conquistou o lugar, ao reeditar as suas boas atuações do ano anterior.

Celso Augusto — Disputou a preferência com Mariano, mas reuniu a maioria dos votos por um conjunto de qualidades — marcação segura, apoio regular, lealdade e um espírito de luta contagiante.

Zezinho — Também conhecido como Zezinho Figueroa, ganhou a posição com larga vantagem sobre os demais competidores. Considerado um dos melhores do país.

Marco Antônio — O quarto-zagueiro do América foi um dos mais regulares, mesmo sem mostrar muito brilho.

Toninho Braga — A lateral esquerda, outra posição em crise, pode ser atribuída a Braga, que, sem conhecer bem todas as manhas, revelou-se como jogador de futuro.

Toninho Cerezzo — Jogou um futebol maravilhoso no fim do ano, ratificando que está entre os melhores do Brasil na posição.



Gervásio Batista

Toninho Cerezzo: craque do ano em Minas.

Luís Carlos — Uma das surpresas do ano. Futebol vistoso, chute forte e certeiro e boa estatura — qualidades que deram consistência ao meio de campo do América.

Eduardo — Quando joga na ponta, com seu dribles desconcertantes, revela grandes qualidades.

Roberto César — Um dos melhores do Cruzeiro no momento, capaz de criar situações difíceis para qualquer defesa — inclusive pela ótima visão de gol.

Luís Alberto — Bastaria o fato de ter sido o artilheiro do campeonato, apesar de jogar num time pequeno, para garantir-lhe o lugar.

Joãozinho — A cada dia mais aperfeiçoa seus dribles e acerta os chutes a gol. Mais disciplinado taticamente, passou a render o dobro. Talvez o melhor ponta-esquerda do Brasil. **(MOT)**

DÚVIDA

Atlético examina 4 nomes para escolher seu novo treinador

OS nomes de Orlando Fantoni, Telê Santana, Carlos Alberto Silva e Hilton Chaves têm sido citados como possíveis candidatos à direção técnica do Atlético, no lugar de Jorge Vieira, que ficou dois meses no clube e cuja saída era considerada certa desde que acusou a diretoria de não cumprir seus compromissos no Departamento de Futebol.

Em sua defesa, Jorge Vieira alega não ter sido atendido quando pediu jogadores capazes de dar ao Atlético o **status** de grande equipe. "Não quero um time como mero participante dos campeonatos. Assim, preciso de jogadores de alto nível em certas posições. Mas a direção do clube, por uma questão ou outra, não me atendeu e acabei ficando em situação difícil."

A situação mais difícil que Jorge Vieira teve de enfrentar foi na defesa do time — uma defesa frágil nas quatro posições. "Tenho um nome a zelar, conseguido em muitos anos de trabalho. Não sou mais um técnico de fazer experiências com juvenis", acrescentou.

Com a dispensa de Jorge Vieira, está mais uma vez tomando o rumo de São Paulo, pois alega ter proposta do Palmeiras. Enquanto isso, o Atlético examina quatro nomes para substituí-lo. **(MOT)**

CRUZEIRO

Renovação de Zezinho até dia 14 de janeiro é promessa de Brandi

O primeiro contrato, de dois anos, do zagueiro Zezinho com o Cruzeiro será renovado a 14 de janeiro, conforme promessa do presidente Felício Brandi. Antes do início das férias, Brandi conversou com o jogador, que tem apenas cinco anos como profissional, chegou para o Cruzeiro a 1976 e atualmente é considerado titular absoluto e um dos melhores do país na posição.

O próximo contrato importante a vencer no Cruzeiro é o de Roberto César, a 28 de março. Mas esse assunto por enquanto não preocupa a diretoria do clube, às voltas com outros problemas. O Cruzeiro terá de decidir, por exemplo, a que fazer em relação aos 40 jogadores atualmente emprestados a outros clubes (entre eles, 13 ao São Cristóvão). Alguns poderão ser reemprestados, outros poderão voltar ao clube. **(MOT)**

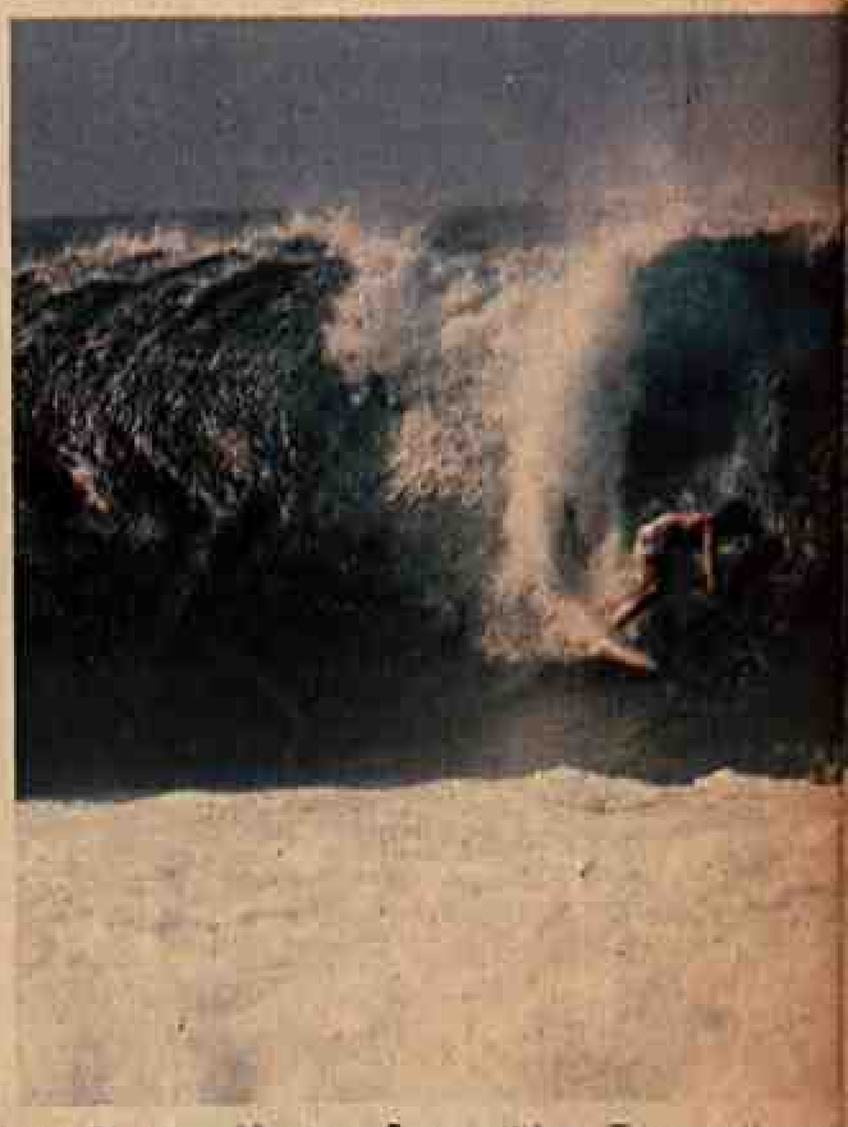
SURF INTERNACIONAL

Os melhores surfistas do mundo estavam lá. Mas o jov

O AUSTRALIANO QUE

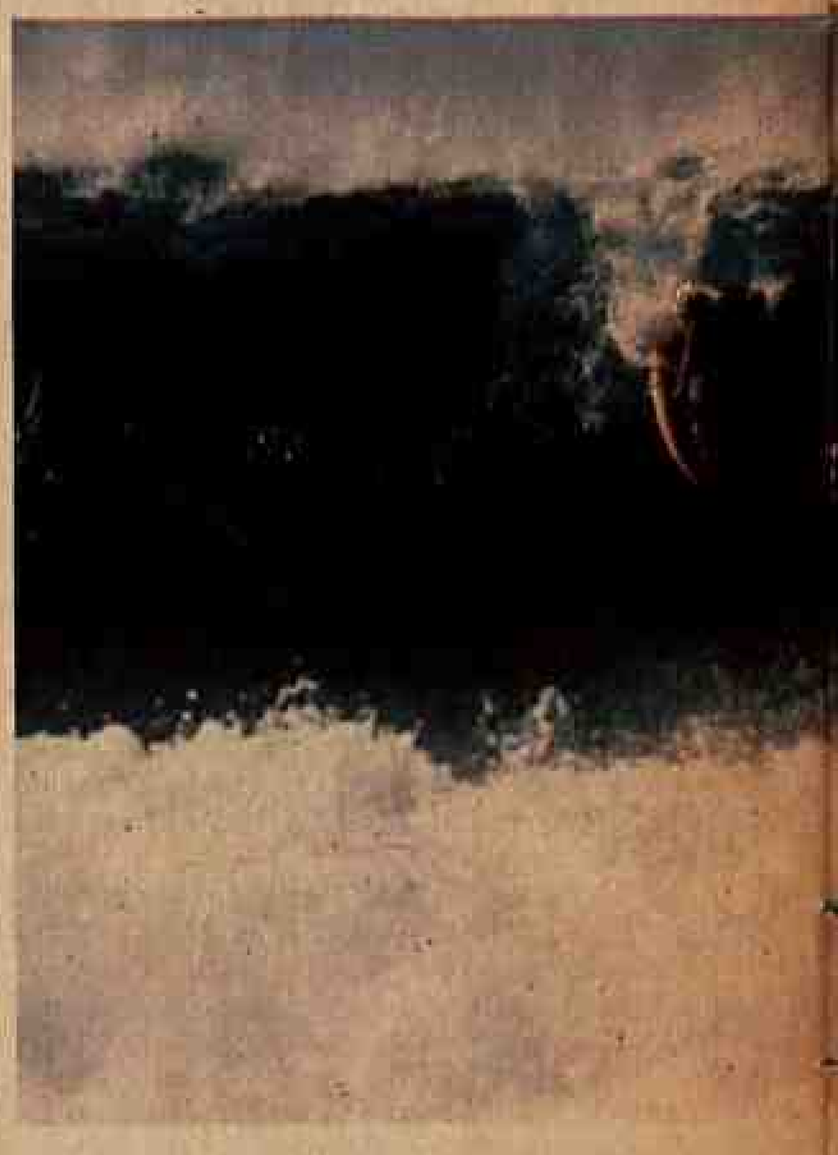
Fotos de **Steve Lissau**





Embora o Havaí permaneça sendo o paraíso do surfe, as ondas não foram ideais na **Off Shore Pipeline Masters Competition.** E os melhores



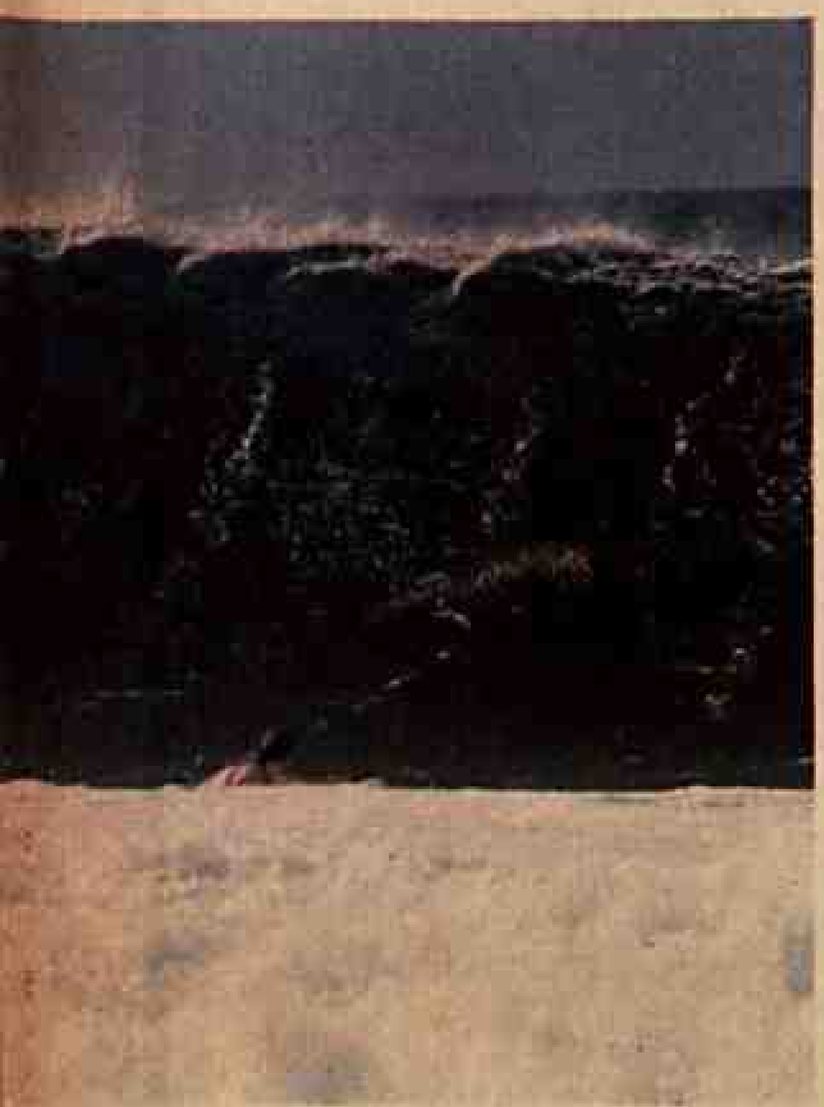


SEIS dos melhores surfistas do mundo participaram da **Off Shore Pipeline Masters Competition,** na Ehukai Beach Park, costa norte da ilha de Oahu, em disputa dos 4 mil dólares de um dos prêmios mais cobiçados do mundo. E a vitória, para a surpresa da maioria dos espectadores, coube a um australiano de 20 anos de idade, Larry Blair, que participava pela primeira vez de uma prova no Havaí.

"Eu estava nervoso e excitado. Sempre sonhei ganhar essa prova, mas estava competindo pela primeira vez aqui — contou o vencedor, ao exibir

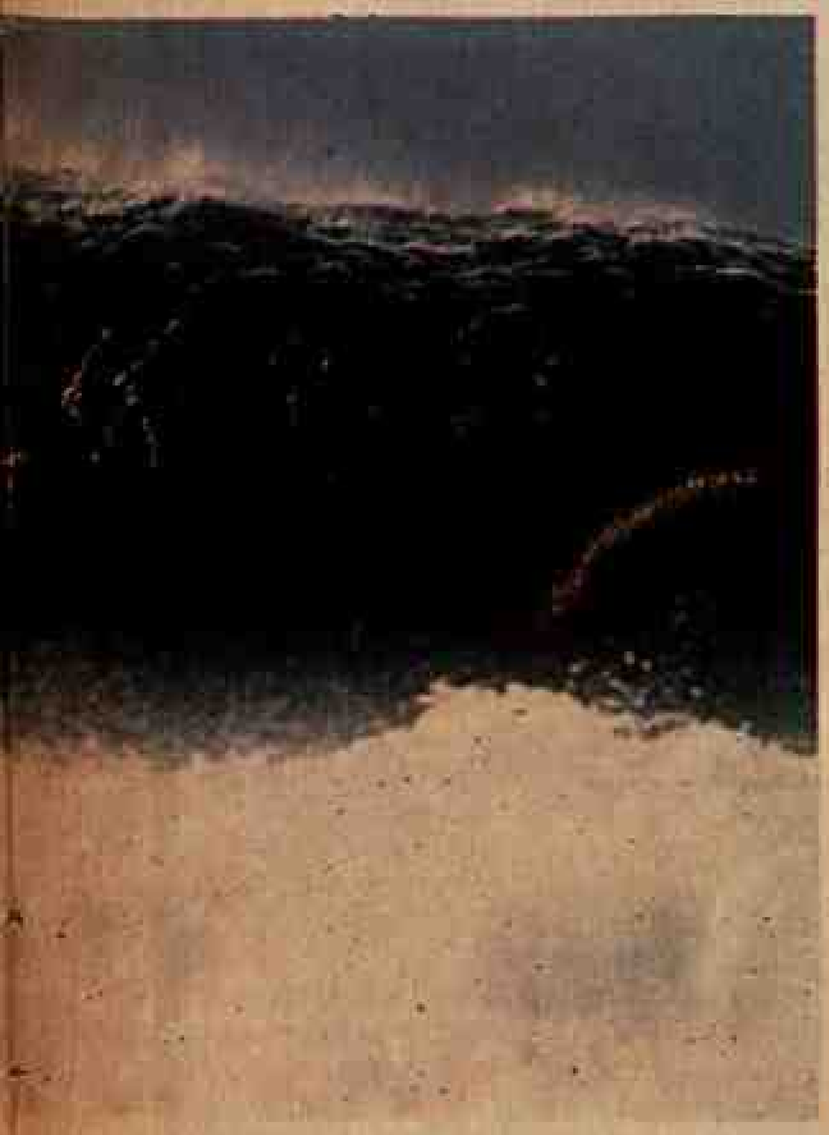
em Larry Blair estava preparado e venceu todos eles

CONQUISTOU O HAVAÍ





surfistas do mundo tiveram de mostrar sua extrema habilidade para não serem fechados pelas ondas. No final, a vitória do australiano Blair.





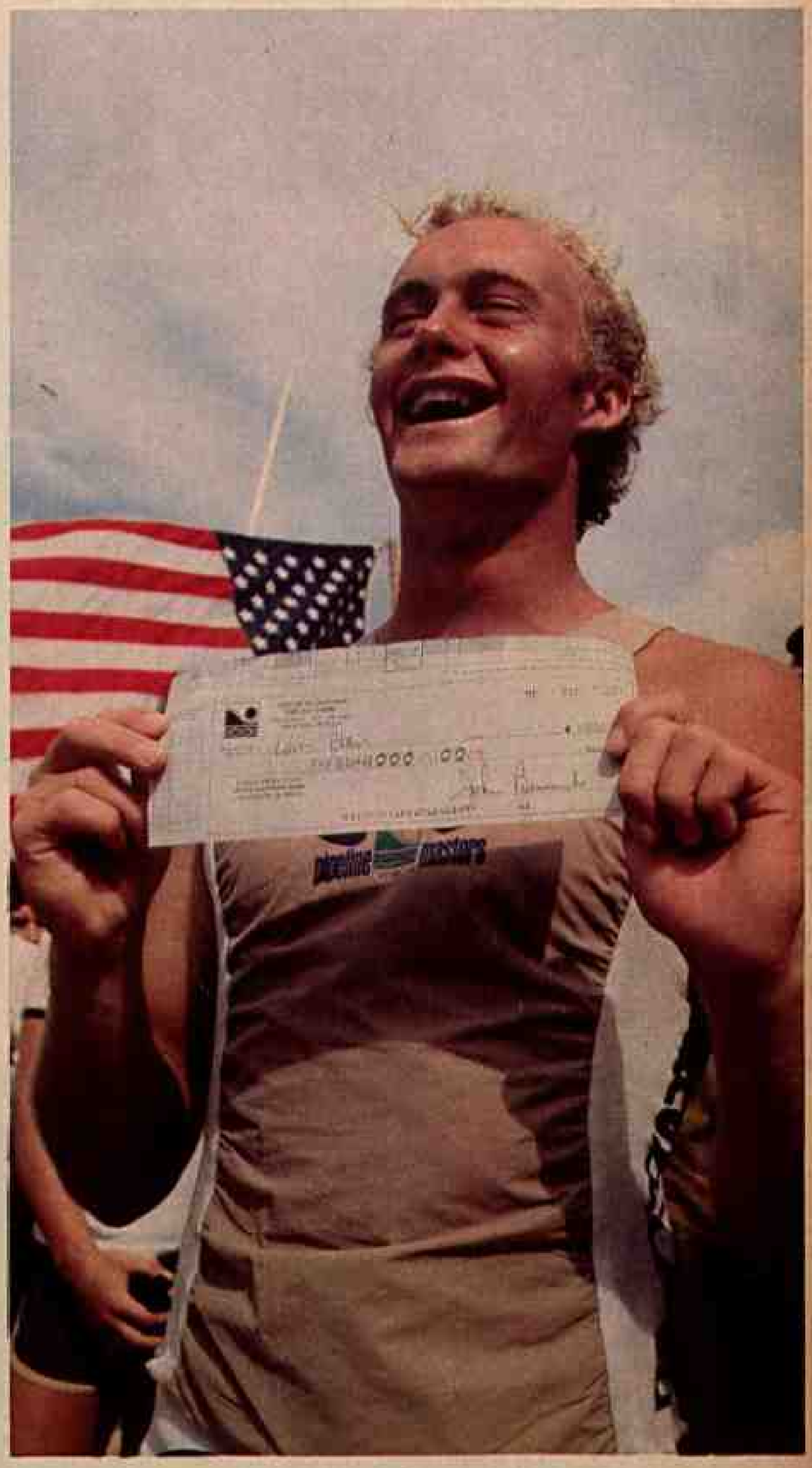
o cheque de 4 mil dólares.
O segundo lugar coube ao havaiano Rory Russell, campeão do ano passado. Em seguida, classificaram-se: 3.º — Hans Hedemann, também do Havaí; 4.º — Gerry Lopez, outro havaiano, que vencera a prova duas vezes em anos anteriores; 5.º — Joey Burren, americano da Califórnia; 6.º — Dan Kealoha, do Havaí.

Os surfistas tinham permissão para permanecer na água durante uma hora e meia, exigindo-se um mínimo de cinco ondas de cada finalista. As condições não eram ideais, já que as ondas

Pela primeira vez os surfistas brasileiros ficaram até o fim



Lynn Boyer, vencedora da prova feminina, compete há 10 anos.



Larry Blair, o grande campeão, exibiu o seu cheque com orgulho.

quebravam logo e com mais velocidade, fechando-se freqüentemente sobre os competidores. O prêmio foi concedido a Larry Blair por decisão de conceituados juízes internacionais.

— Anteriormente, eu só tinha competido em duas provas. Ganhei as duas — disse ele à imprensa.

Blair mostrava-se eufórico com o resultado. O brasileiro Robert de Baise, também inscrito na prova, teve de desistir em virtude de um acidente que o deixou gravemente contundido, sem condições para enfrentar seus experientes adversários.

A havaiana Lynn Boyer, de Kailua, ganhou na Praia do Crepúsculo a **Off Shore Women's Masters Surfing Classic,** realizada pela terceira vez este ano no Havaí. Todas as 12 participantes eram competidoras veteranas, entre elas a famosa Margo Oberg, que até agora liderava a divisão feminina na contagem global de pontos do mundial.

Boyer, que vencera recentemente a prova de Cuervo, é considerada uma das melhores competidoras na entidade mundial desse esporte, a IPSA **(International Professional Surfing Association).** O segundo lugar coube à americana Jeriche Poppler, de Long Beach, Califórnia, que ganhara duas vezes a prova de Cuervo. E a terceira classificação ficou para Brenda Scott, americana de Santa Cruz, Califórnia. Também foram finalistas as surfistas Linda Davoli, de Nova Jersey; Rell Sunn, do Havaí; e Betty Depolito, da Califórnia. Nas duas baterias eliminatórias da parte da manhã, segundo os competidores, as condições eram pouco propícias a um bom surfe.

— A melhor onda, para mim, foi a última que apanhei, após terminar a bateria final — disse Boyer. **— Não posso realmente me lembrar de nenhuma efetivamente boa, pois as condições de fato não eram adequadas.**

da temporada. E ganharam uma boa experiência

As ondas do Havaí continuam a fascinar as melhores surfistas do mundo: doze delas estiveram este ano empenhadas na Woman's Masters.



A coragem do brasileiro Roberto de Baise não bastou para enfrentar as ondas em dia pouco propício ao surfe. Mas os brasileiros, com patrocinadores e tudo, pretendem agora participar regularmente de toda temporada anual

A prova seguinte do circuito, a Hang Ten World Cup, volta a colocar frente a frente as ágeis Oberg e Boyer.
O Brasil esteve presente apenas na parte masculina. Apesar de nenhum brasileiro ter se destacado entre os principais colocados, foi a primeira vez que uma equipe nacional participou de toda a temporada internacional de surfe, inclusive com patrocínio comercial. Os surfistas brasileiros, fundamentados na experiência internacional agora adquirida, pretendem participar regularmente das competições futuras, convencidos de que terão boas chances. ■

Os filhos de Nilton Batata, Dênis e Agnes, ajudam a quebrar a monotonia de João Paulo.

Em suas posições já jogaram craques como

NOVA GERAÇÃO

João Paulo e Nilton Batata são jovens, craques e têm

SANTOS, DE PONTA A

de **Artur Apolinário** ● fotos de **Wilson Chumbo**

PARA muitos torcedores, a inexperiente equipe do Santos Futebol Clube até que foi longe demais no primeiro turno do Campeonato Paulista: Para outros, mais fervorosos, o título de vice-campeão é apenas o primeiro passo no caminho de grandes conquistas. Realista, o técnico Formiga — Seu Chico para os garotos — afirma que o time só será **grande** no próximo ano, condição muito relativa no atual futebol paulista. Para João Paulo de Lima Filho, carioca de nascimento e santista de coração, e Nilton Pinheiro da Silva, o Batata na escalação do time de Vila Belmiro, antes de tudo, esse Santos de hoje é o resultado de uma união e uma força de vontade que ainda vai dar muito o que falar.

E o entrosamento entre os dois pontas demonstrado nas trocas de posição durante os jogos, estende-se também fora dos gramados. Na visita a Cláudia Maria Castro da Silva, esposa de Batata, o casal João Paulo e Maria Elisabete procura quebrar um pouco a monotonia do cotidiano. Ele aproveita para treinar alguns chutes com o pequeno Dênis, filho de Nilton, que só sabe chutar com a esquerda, enquanto ela se diverte com a caçula Agnes, de dez meses. É tempo de

Dorval e Pepe, no próprio Santos, mas isto não os assusta.

futuro garantido, jogando onde jogam e como jogam

PONTA, O MELHOR

férias e, no descanso os dois craques elaboraram programas que dificilmente podem realizar durante o campeonato. Coisas simples como ir à praia com a família ou curtir piquenique descontraído.

— Antes de me casar com o João Paulo — afirma Beth — eu já sabia que teria de ficar muito tempo sozinha. Quando não são as concentrações, são as viagens e, se a gente não tiver companhia para se distrair, fica muito chato.

Ela e Cláudia dividem a solidão ocasionada pelas obrigações profissionais de seus maridos, numa cidade como Santos, diferente de Marechal Deodoro e Curitiba, onde nasceram.

— Eu sempre gostei de ir ao cinema mas nunca tenho muito tempo — diz João Paulo. **Para voeê ver, o último filme que assisti e gostei foi** Terremoto **e agora, com as férias, espero me atualizar porque tem muita coisa boa passando nas telas.**

Nos planos de Nilton Batata, uma semana de suas férias será exclusivamente dedicada para seu lazer predileto: um ▶

Durante as férias, apenas uma corridinha para manter a forma e voltar bem no começo da temporada, pois o Santos quer o título.

Para eles, o Santos não é mais uma promessa, mas uma realidade. É um time jovem e de muita garra, que vai lutar de igual para igual pelo título

churrasco na fazenda dos sogros, em Curitiba.

— Em Santos, não tem lugar para fazer essas coisas ao ar livre. Nem lugar e, é claro, nem tempo disponível. Agora, eu quero matar as saudades dos tempos do Paraná.

Porém, mesmo nas férias, eles não conseguem deixar de pensar em futebol. João Paulo lamenta a derrota para o Palmeiras, que marcou a decaída do time e a má atuação contra a Ponte Preta, nas semifinais do primeiro turno. Nilton Batata, por sua vez, acrescenta:

— Aquela série de partidas invictas foi muito importante pra gente porque ninguém vinha botando muito fé em nosso time. Qualquer que fosse o adversário eles partiam pra cima com tudo mesmo. Com a invencibilidade, passamos a ser mais respeitados e o adversário já pensava duas vezes antes de sair pro jogo.

O futebol dos dois garotos foi muito importante para a ascensão do time santista. Os dribles e cruzamentos de Nilton Batata pela direita transformaram esse paranaense de 23 anos de idade numa grande arma de Formiga para contra-ataques que arrasaram o São Paulo de Minelli em pleno Morumbi, por três a zero. Pelo outro lado, João Paulo conseguiu associar às qualidades de bom ponteiro a condição de um dos artilheiros do time. Desde os tempos de São Cristóvão, apesar de sua posição, João Paulo sempre tentou o gol, procurando aprimorar seu chute de longa distância.

— Realmente, vivemos numa época em que ninguém quer que o filho seja ponta — ressalta João Paulo. **O que se vê é todo mundo querendo armar o jogo ou então ser centroavante artilheiro.**

João Paulo e Batata: muita união.



Talvez porque pensem que nessas posições eles possam aparecer mais. Mas o importante não é a fama mas sim a boa colocação do time.

Apesar da conquista do vice-campeonato do primeiro turno, os dois amigos não mudaram seu jeito de ser. João Paulo continua a participar das peladas na calçada com os garotinhos vizinhos e a cumprimentar aqueles que o reconhecem nas ruas. E Nilton Batata não comprou nenhum carrão último tipo com o **bicho** das vitórias. Continua aplicando para o futuro. No futebol, Batata procura também se aprimorar na posição. Por isso, admira o futebol do tricolor Zequinha: o drible seco e o pique rápido. E João Paulo quer acumular mais experiência para enfrentar seu mais difícil marcador, o eficiente Zé Maria.

Por enquanto, porém, eles querem deixar de lado um pouco o futebol para lembrar das coisas que ficaram esquecidas. Nilton Batata quer curtir a gravidez de Cláudia e ensinar Dênis a chutar com os dois pés. João Paulo e Maria Elisabete visitaram os parentes no Rio de Janeiro. Longe das concentrações, dos treinos, das viagens e dos estádios, eles descansam. Mas não se iludam: se houver um **racha** por perto, eles não perderão a oportunidade de matar as saudades da bola. ■

MELHORES DO ANO

Santa Cruz dá um banho e coloca cinco na seleção Norte-Nordeste

EM todos os finais de ano, invariavelmente, há a escolha dos melhores jogadores. Por isso, Sergipe, Bahia e todo o Norte-Nordeste do país fizeram suas seleções.

A de Sergipe, formada por jogadores do Vasco, Itabaiana, Sergipe, Confiança e Santa Cruz é a seguinte: Paulo (Vasco) Sílvio (Vasco), Ademir (Vasco), Aílton (Itabaiana) e Cabral (Sergipe); Gustinho (Itabaiana), Deri (Sergipe) e Carlos Alberto (Santa Cruz); Nininho (Confiança), Dao (Santa Cruz) e Dedé (Itabaiana).

Na Bahia, a seleção ficou assim: Gélson (Vitória); Edvaldo (Itabuna), Édson Furquim (Vitória), Sapatão (Bahia) e Ricardo Longhi (Bahia); Baiaco (Bahia), Rommel (Fluminense de Feira) e Douglas (Bahia); Wilton (Vitória), Chiquinho (Leônico) e Jésum (Bahia). João Guimarães, técnico do Leônico, um clube modesto que chegou ao vice-campeonato, foi eleito o treinador do ano.

Com cinco jogadores do Santa Cruz, de Recife, três do Bahia, um do Ceará, um do Fortaleza e um do Clube do Remo, de Belém, a seleção do Norte-Nordeste foi a seguinte, na opinião de jornalistas especializados: Joel Mendes (Santa Cruz); Toninho (Bahia), Paranhos (Santa Cruz), Celso (Fortaleza) e Pedrinho (Santa Cruz); Givanildo (Santa Cruz) e Amilton Melo (Ceará); Betinho (Santa Cruz), Bira (Remo), Douglas (Bahia) e Jésum (Bahia). **(Antônio Matos/Robson Sampaio)**

POLITICAGEM

Cartola se omite e não resolve problemas do futebol de Pernambuco

O presidente da Federação Pernambucana de Futebol, Rubem Moreira — o mais criticado cartola da atualidade —, resolveu utilizar a tática da omissão para tentar se livrar dos ataque constantes dos dirigentes dos clubes do estado. Reuniu a imprensa local para fazer dois comunicados, no mais genuíno estilo de Pilatos.

— Em 79, disse ele, **os clubes vão ser responsáveis pelas arrecadações nos campos. Cada proprietário do estádio, junto com o clube co-irmão, ficará responsável por todo o movimento. A FPF apenas entregará os ingressos de cada jogo e, a partir daí, tudo correrá por conta dos clubes. Quero ver, agora, eles falarem em esvaziamento de rendas. Além disso, todos os assuntos referentes ao futebol este ano serão tratados diretamente com o nosso vice-presidente, Amândio Fernandes. A presidência não se envolverá mais em futebol com os clubes.**

Os clubes, imediatamente, reagiram à idéia das arrecadações serem feitas por eles mesmos. O diretor de futebol do Santa Cruz, João Caixero, protestou:

— **Isso não resolve, o que resolveria era a FPF diminuir os números absurdos de taxas e reduzir seus valores. O mesmo serve para a CBD. Porque, de outra forma, os clubes vão mesmo à falência**

Mas Rubens Moreira não parou aí. Através de um jornal local, enumerou 10 favores que teria prestado ao Esporte Clube Recife, que não disputou o campeonato do ano passado, em protesto contra a política por ele implementada na FPF. O assunto, obviamente, provocou boas gargalhadas na diretoria do Esporte. Os favores de Moreira, segundo ele mesmo, foram os seguintes:

— **Em três anos, o Esporte foi campeão estadual duas vezes, com grandes arrecadações; a flotilha olímpica de remo foi obtida através do CND; fornecimento de verba de Cr$ 220 mil para construção da garagem de remo, com dormitórios, refeitório, etc; outra verba, de Cr$ 140 mil, para a construção do tanque de remo; 10 passagens aéreas para o hóquei sobre patins disputar o Campeonato Nacional, em Santos; passagens para o atletismo rubro-negro ir a Curitiba; prêmio extra de Cr$ 50 mil para os jogadores do Esporte que conseguiram a classificação na Copa Brasil; intermediação entre a diretoria do clube e a imprensa, financiando as novas cabines da ilha do Retiro; manutenção do mando de campo para a Ilha do Retiro, modificando até o regulamento elaborado por Valed Perry, que determina que os jogos decisivos sejam no estádio de maior capacidade; e adiantamento de dinheiro, várias vezes, para o pagamento dos jogadores, na véspera de grandes jogos. (Robson Sampaio)**

VIDA NO EXTERIOR

Zagueiro revela que jogadores brasileiros vão bem em Portugal

AOS 28 anos de idade e ainda em excelente forma física, o zagueiro Ugiete, que jogou no Santa Cruz e no América de Recife, retornou definitivamente de Portugal, onde jogou quatro anos no União de Leiria. Sobre a situação dos jogadores pernambucanos que atuam no futebol português, ele diz que quem está em melhores condições é Baixa, ex-zagueiro do Esporte.

— **Aos 40 anos de idade, ele está iniciando a carreira de técnico, e com toda a moral. O Baixa teve sorte. Casou com a filha do dono do Covilhã e, hoje, é um dos donos do clube também. Anteriormente, ele tinha chegado até a ser capitão do time, que é uma coisa rara, porque os dirigentes e treinadores portugueses não dão chance aos estrangeiros, nem mesmo aos brasileiros.**

Ugiete disse que Duda, Nivaldo, Mirobaldo e Djair são jogadores que estão bem financeiramente, pois souberam economizar. Outro que vai bem, segundo ele, é Gijo, que comprou um bar. Em situação ruim estão Zinho, João Paulo, Ailton, Joca e Beró. Ugiete vai terminar sua carreira no Campinense, de Campina Grande. **(Robson Sampaio)**

MUDANÇA DE RAMO

Dirigente afirma que agora só quer saber de seus 80 galos de briga

HOMEM forte do futebol do América do Recife no ano passado, Ozias Ribeiro rompeu com a diretoria do clube, dizendo que prefere ficar com os seus 80 galos de briga, que são amigos mais fiéis. Ribeiro ficou famoso pelas brigas que manteve com os treinadores, notadamente com o técnico João Lobo, primo de Zagalo, que o acusou de levar os jogadores a assitir às rinhas que promove, onde as apostas correm soltas.

Além de cartola, Ribeiro é um dos maiores proprietários de galos de briga do Recife. Derrotado nas eleições para a presidência do clube, ele quer de volta os Cr$ 150 mil que emprestou ao América.

— **O clube teve mais de Cr$ 900 mil de ajuda para o futebol em 1978. E agora surge essa de déficit. Quero saber, no preto e no branco, onde foi empregado o dinheiro.**

Ozias Ribeiro tem lá as suas razões para exigir uma verdadeira sindicância nas contas do América. Afinal, seu candidato a presidente do clube perdeu a eleição para um apadrinhado de Rubem Moreira, sob quem pesam as mais variadas acusações de corrupção na Federação Pernambucana de Futebol. Moreira é torcedor e homem influente do América e, coincidência ou não, o fato é que tão logo seu candidato foi eleito para a presidência, surgiu a informação de déficit orçamentário. Mas com Ozias Ribeiro a coisa vai ser dura, pois ele é o que se pode chamar de um homem que gosta de briga. **(Robson Sampaio)**

DEBATES

Bahia quer promover em fevereiro congresso de cronistas de esportes

COM a experiência adquirida pela participação, em dezembro passado, no II Congresso da Confederação Pan-Americana de Jornalistas Esportivos, realizado em Bogotá, Oswaldo Júnior, presidente da Associação Baiana de Cronistas Desportivos, pretende promover em Salvador, na primeira quinzena de fevereiro, o Congresso Brasileiro desses profissionais.

A ABCD já manteve os primeiros entendimentos com o governo da Bahia, que, através da Secretaria de Informações, prestará todo o apoio à promoção. Além de jornalistas de todo o país, deverão participar do encontro o colombiano Armando Moncada Campuzano, eleito recentemente presidente da Confederação Pan-Americana, e o chileno Pedro Pablovitch, um dos mais conceituados cronistas esportivos de seu país. **(Antônio Matos)** ■

XADREZ / VALÉRIO DE ANDRADE

A IDADE DE OURO — I

Nos enxadristas modernos não se encontram mais as fantásticas combinações da Escola Romântica

SEGUNDO a definição clássica, o xadrez é, ao mesmo tempo, um jogo, uma arte e uma ciência. Na disputa de uma partida, sobre um tabuleiro de 64 casas, cada jogador com 16 peças, não existe sorte ou azar. Perde aquele que cometer o primeiro — ou o último erro.

Para ser um grande jogador, é preciso, entre outras coisas, que o indivíduo seja dotado de uma vocação especial. Como na pintura, na música, na literatura, o xadrez, justamente por ser uma arte, exige um tipo de aptidão que não se adquire através do estudo ou da prática. Estudo e prática são indispensáveis — mais não é suficiente para fazer brotar um gênio como Bobby Fischer.

Nos últimos tempos, pode-se dizer que, de uma certa maneira, a ciência tem predominado sobre a arte. As conquistas teóricas, a sofisticada técnica do jogo posicional, têm alterado substancialmente o estilo das partidas. A precisão do jogo moderno dificulta que encontremos, na atualidade, as fantásticas combinações inerentes ao estilo da Escola Romântica.

A chamada Idade de Ouro do xadrez pertence ao passado. Para nossa sorte, suas obras-primas não desapareceram juntamente com os seus criadores. Graças aos pesquisadores e a dedicação dos colecionadores, tais partidas foram imortalizadas em livros e hoje podemos reproduzi-las em revistas e jornais.

Na série que se inicia nesta coluna, sob o título **A Idade de Ouro**, o leitor reviverá obras célebres, habitualmente só encontráveis em publicações especializadas e livros estrangeiros. O sucesso alcançado pela série **Partidas Inesqueciveis**, publicada há algum tempo na coluna da **Manchete**, levou-nos a empreender novas buscas em torno das obras-primas do passado. Fruto de vasta e meticulosa pesquisa, a série atual atenderá à solicitação dos colecionadores e permitirá ao crescente número de novos enxadristas, que não têm acesso às publicações estrangeiras, a grata oportunidade de travar conhecimento com os maiores enxadristas de todos os tempos.

O gênio do sacrifício

A partida que inaugura a coluna é conhecida nos meios enxadrísticos como **A Imortal** e pertence ao Torneio de Londres de 1851. É uma insuperável obra-prima que há mais de século vem sensibilizando a emoção estética da arte enxadrística. Nos seus 23 lances, as Brancas executam uma inacreditável série de sacrifícios, ou seja, Bispo, Dama e as duas Torres — enquanto em todo o decorrer da batalha, as Pretas perdem apenas três Peões!

Seu autor, Adolph Anderssen (1818-1879), nasceu em Breslau, Alemanha, e, segundo o escritor e psicólogo Reuben Fine "os sacrifícios eram o principal veículo de seu gênio". Embora seja praticamente desconhecido entre os novos enxadristas, Anderssen foi, sem dúvida alguma, um jogador genial. E não foi apenas nesta partida contra Kieseritzky que deixou impressa a marca de seu gênio, como, por sinal, teremos a oportunidade de constatar nas próximas colunas.

Torneio de Londres: 1851

Brancas: **Anderssen**		Pretas **Kieseritzky**
1. P4R	—	P4R
2. P4BR	—	PxP
3. B4B	—	D5T xq
4. R1B	—	P4CD
5. BxPC	—	C3BR
6. C3BR	—	D3T
7. P3D	—	C4T
8. C4T	—	D4C
9. C5B	—	P3BD
10. T1C !	—	PxB
11. P4CR	—	C3BR
12. P4TR	—	D3C
13. P5T	—	D4C
14. D3B	—	C1C
15. BxP	—	D3B
16. C3B	—	B4B
17. C5D	—	DxP
18. B6D !!	—	DxT xq
19. R2R	—	BxT
20. P5R !!	—	C3TD
21. CxP xq	—	R1D
22. D6B xq !!	—	CxD
23. B7R	—	Xeque-Mate

VESTIBULAR DO FUTEBOL

Coordenação de Antônio Roberto Arruda

1 — O goleiro Manga, que aos 43 anos foi o destaque do Campeonato Paranaense, jogando pelo Coritiba, defendeu a seleção brasileira...
a — 35 vezes ( )
b — 30 vezes ( )
c — 20 vezes ( )

2 — Jésum, ponta-direita do Bahia, começou sua carreira no interior de Minas Gerais, jogando no...
a — Tupi de Juiz de Fora ( )
b — V. Nova de Nova Lima ( )
c — Nacional de Muriaé ( )

3 — Procópio, atual técnico do Atlético Mineiro — ex-jogador do Cruzeiro — na década de 60 jogou no Rio de Janeiro no...
a — Flamengo ( )
b — Vasco ( )
c — Fluminense ( )

4 — Batista, meio-de-campo do Internacional, antes de ingressar no juvenil do clube, jogou no...
a — Grêmio ( )
b — Cruzeiro ( )
c — Pelotas ( )

5 — Roberto Dinamite marcou o gol da vitória brasileira sobre a Áustria, no Mundial da Argentina, aos...
a — 42 minutos ( )
b — 44 minutos ( )
c — 40 minutos ( )

6 — Santos, Fluminense, Cruzeiro, Santa Cruz, Coritiba, Paissandu, Fortaleza, Fluminense de Feira de Santana e CRB foram campeões regionais no ano de...
a — 1969 ( )
b — 1963 ( )
c — 1971 ( )

7 — Dino Sani, cogitado para ser técnico do Vasco, na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, participou de...
a — duas partidas ( )
b — uma partida ( )
c — nenhuma partida ( )

8 — Chute a gol. O juiz apita validando o gol. Depois verifica que a bola ficou parada sobre a linha da meta. Ele marca...
a — bola ao chão ( )
b — gol ( )
c — tiro de meta ( )

9 — O goleiro bate o tiro de meta. Antes da bola sair da área um zagueiro coloca a mão e a segura. O juiz marca...
a — pênalti ( )
b — repetição do lance ( )
c — tiro indireto ( )

10 — O atacante Douglas, do Bahia, artilheiro do Campeonato Baiano de 1978, com 21 gols, foi o líder de artilharia da temporada com...
a — 40 gols ( )
b — 46 gols ( )
c — 41 gols ( )

11 — Jogando no fim da década de 30, em São Paulo, e no começo da de 40, no Rio, o jogador que conquistou os títulos de campeão brasileiro pelos dois estados foi...
a — Leônidas da Silva ( )
b — Domingos da Guia ( )
c — Tim ( )

12 — O armador Danilo Menezes, que jogou no Vasco de 1968 a 1972, atualmente, aos 36 anos, está jogando em Natal no...
a — ABC ( )
b — América ( )
c — Alecrim ( )

1(a), 2(b), 3(c), 4(b), 5(c), 6(a), 7(b), 8(a), 9(b), 10(b), 11(c), 12(a)

GABARITO

AVALIAÇÃO

Cobra (12 pontos), Regra-Três (8 pontos), Juvenil (6 pontos) Dente-de-Leite (4 pontos), Perna-de-Pau (menos de 4 pontos)

MARECHAL HERMES

Sede do Botafogo é a esperança de um bairro sem opções de diversão

A ida do Botafogo para Marechal Hermes pode significar a solução para o problema da falta de lazer naquela região. Sem um clube que sirva de ponto de encontro para a população do bairro e adjacências, a construção da sede social do Botafogo é a grande esperança de todos, em termos de diversão.

Atualmente, a população local só conta com o Maran e o Deodoro Futebol Clube como opções de lazer, assim mesmo só para os jovens, porque os dois clubes só programam bailes e discotecas. Ambos não têm outro tipo de atividade social.

Por causa dessa carência de lazer é que os moradores mais velhos vivem sonhando com a sede social do Botafogo, onde teriam piscina, salão de jogos, quadras, sauna e até cabeleireiro para as senhoras. A sede também serviria de ponto de encontro para os aposentados, que geralmente se reúnem no botequim ou na praça do bairro, que nem bancos tem mais.

Mas não é só no que diz respeito a lazer que a presença do Botafogo influiu na vida desse bairro, habitado, em sua maioria, por uma classe média baixa. A Rua Xavier Curado, por exemplo, onde está localizado o Estádio Glorioso, foi devidamente asfaltada, depois que o Botafogo ali se instalou.

Situada na parte nobre do bairro, a Rua Xavier Curado também ganhou nova iluminação e, além disso, foi canalizada. Dino, dono de uma birosca — único lugar nas proximidades do estádio, onde se pode tomar uma cervejinha ou um refrigerante — já está pensando seriamente em transformá-la numa churrascaria.

Para Rolando, um aposentado que, praticamente, nasceu em Marechal Hermes, só com a instalação do campo a coisa já mudou de figura.

— Pra quem gosta de futebol a coisa começou a mudar há muito tempo. Antes, encontrava os amigos no botequim, mas agora nos encontramos aqui no estádio. E agora só tem o campo. Imagina quando a sede estiver pronta.

Para a grande maioria dos moradores de Marechal Hermes seria uma frustração se o Botafogo desistisse do projeto. Com apenas um cinema, o Lux ou **Bolinha**, segundo os freqüentadores, por causa do formato arredondado do teto, a população é obrigada a se deslocar para outros bairros em busca de diversão.

O Teatro Armando Gonzaga, que ficou desativado muito tempo, foi reaberto e serviu para minorar um pouco o problema. Lá se apresentaram Costinha, Derci Gonçalves, Roberto Ribeiro, entre outros. Mas o funcionamento do Armando Gonzaga não é o suficiente para uma gente tão carente de opções de lazer.

Ir à praia é uma odisséia na vida dos habitantes da região. Para chegar à Barra da Tijuca precisam tomar duas conduções: uma até Cascadura e, de lá, outra até a praia. Com isso, são gastas quase duas horas e meia. A outra opção é a praia de Ramos, pouco recomendável, pelo alto índice de poluição.

Por isso, a piscina do Botafogo é como se fosse o sonho dourado dessa gente simples. No aspecto sócio-econômico a sede social do Botafogo já se transformou numa realidade. Um exemplo marcante desse fato é a valorização de alguns imóveis próximos do clube. Segundo Rolando, uma casa que custava cerca de Cr$ 180 mil passou para mais de Cr$ 400 mil e assim mesmo o proprietário conseguiu vender com facilidade.

Dino, o dono da birosca, há algum tempo vendia o seu estabelecimento por Cr$ 200 mil. Hoje, só faz negócio por mais de Cr$ 1 milhão. Na Rua Xavier Curado, a maioria dos moradores é de proprietários e, por isso, é muito difícil conseguir alugar uma casa ali. Mas Rolando garante que quem conseguir não vai pagar pouco.

Coincidência ou não, foi apressada a construção de uma faculdade, ao lado da sede do Botafogo. Segundo alguns moradores, o projeto tem, pelo menos, uns quatro anos, mas o interesse do Botafogo pelo terreiro apressou as obras e, com isso, a população deverá ganhar uma faculdade muito breve.

A vida dos biscateiros locais também melhorou por causa do Estádio Glorioso. Eles conseguiram mais uma atividade: a de guardadores de carros. Vários deles, inclusive, já derrubaram muros de terrenos desocupados e nos dias de jogos faturam os seus trocados, tomando conta de veículos.

Nos dias de jogos e treinos importantes, a birosca do Dino também aumenta o faturamento. Vendendo a cerveja um pouco mais barata do que o bar do estádio, ele foi obrigado a abrir uma outra entrada no estabelecimento para servir os fregueses.

Mas não serão só os botafoguenses que vão freqüentar o clube. Segundo Rolando, muitos rubro-negros e vascaínos estão esperando ansiosamente que a sede fique pronta.

— Tenho dois amigos portugueses, donos de bares, que são sócios do Vasco e saem daqui pra São Januário. Mas tenho certeza de que eles vão ficar por aqui mesmo quando a sede ficar pronta. Um deles, inclusive, já está sendo pressionado pelos filhos para entrar logo de sócio do Botafogo.

O Clube dos Suboficiais e Sargentos já foi a grande opção de lazer para quem mora em Marechal Hermes e adjacências. Mas com a mudança da sede para Cascadura, só mesmo os militares que moram na região continuaram a freqüentá-lo.

Lugar tranqüilo, sobretudo pela presença de um grande número de militares — a 30.ª Delegacia Policial não registra alto índice de criminalidade — Marechal Hermes pode se tornar, em pouco tempo, um lugar sofisticado e ponto principal de uma região, onde a falta de opções de divertimento é marcante. As obras da sede do Botafogo estão em andamento. E só esperar para ver. (de **Carlos Alberto Rodrigues**) ■

GOLFE

■ O golfe feminino norte-americano teve como grande destaque em 1978 a norte-americana, de descendência mexicana, Nancy Lopes. Tanto o jornal **New York Post** quanto a revista **Golf Digest** consideraram Nancy a melhor atleta do ano. O **New York** chegou até a premiá-la, coisa que jamais fez com nenhum desportista. Nancy tem 21 anos e conseguiu vencer na última temporada nove torneios de golfe — entre eles o LPGA Championship — cinco deles consecutivos. Ela foi ainda a vice-campeã do U.S. Open Feminino, o que a ajudou a somar 189 mil 813 dólares em prêmios, estabelecendo quase um recorde, tratando-se de novatas. Sua média alcançou 71,76 tacadas por torneio — o que significa a melhor média que se registrou na história do golfe feminino.

CICLISMO

■ O destino do ciclismo carioca andou meio tumultuado nos últimos dias. Para começar, dos doze clubes existentes no Rio, somente seis — Vasco, Flamengo, Vila, Madureira, Pegasus e Bertrand Peugeot — estavam em condições regulares na Federação de Ciclismo do Rio de Janeiro. Ou seja, outros seis foram impedidos de escolher o presidente da entidade. Vários dos representantes dos clubes, que votaram, queriam retirar a candidatura de César Magalhães Penha à vice-presidência, o que afinal não foi conseguido. Ele ajudará Raymond Back Van Buggenhout no comando da entidade, já que Raymond ficou definitivamente na presidência (com a renúncia de Roberto Garófalo, ele já ocupava o cargo há quatro meses). Entre os planos dos novos dirigentes, está a construção do Velódromo da Cidade do Rio de Janeiro, no Fundão.

BASQUETE

■ Tudo leva a crer que o Municipal, vencedor da primeira fase do Campeonato Carioca de Basquete Masculino Adulto, sairá como campeão no dia 27, após a disputa da sétima e última rodada da etapa final. É evidente o empenho dos jogadores e, mais ainda, do técnico Tude Sobrinho, que pretende deixar o basquete do Rio e atender a uma proposta da Associação Atlética da Bahia. Como lembrança, é claro, Tude quer deixar com o Municipal o primeiro título carioca da categoria, feito que já conseguiu várias vezes em todos os clubes onde foi técnico — Botafogo, Flamengo e Fluminense. Na segunda fase, a equipe de Tude vem reforçada pelo pivô Hutch, que chegou dos Estados Unidos em 1971, e, em dupla com Thompson, conquista pontos decisivos para o time. Como já é vice, pela vitória na primeira fase, resta a Tude um caminho pequeno. **(Mára Bentes)**

VÔLEI

■ A presença do Centro Israelita Brasileiro — CIB — no torneio triangular que apontará no dia 11 (se não houver novo empate) o campeão estadual de vôlei masculino de 1978 causou, de certa forma, alguma surpresa, já que o clube jamais conquistou o título carioca na primeira divisão. O time está bastante reforçado com o retorno de Mones e Pina — dois de seus melhores jogadores — e, como não teve no ano passado nenhum atleta em Seleção Brasileira, o técnico Carlos Sotto pôde realizar um treinamento intensivo. O mesmo não aconteceu com Botafogo e Flamengo — que também disputam o Estadual. **(Mára Bentes)**

ATLETISMO

■ O jornal francês **L'Equipe** apontou o queniano Henry Rono como a Personalidade Esportiva Mundial de 1978, numa pesquisa em que ele superou em 16 votos o argentino Mário Kempes, do futebol. Rono bateu os recordes mundiais dos 3.000 metros, 3.000 metros com barreiras, 5.000 e 10.000 metros. O destaque feminino do ano foi a alemã Marita Koch, eleita por 28 especialistas em atletismo no mundo como a Melhor Atleta do Mundo, segundo um estudo feito pela revista norte-americana **Track and Field News**. Dois recordes mundiais valeram a Marita o título: nos 200 metros (22s06) e 400 metros (48s94). Apenas seis dos consultados não a elegeram como a melhor mas, mesmo assim, ela conseguiu superar Sara Simeone — a primeira mulher a ultrapassar a barreira dos dois metros no salto em altura, com o recorde mundial de 2,01 metros.

BOXE

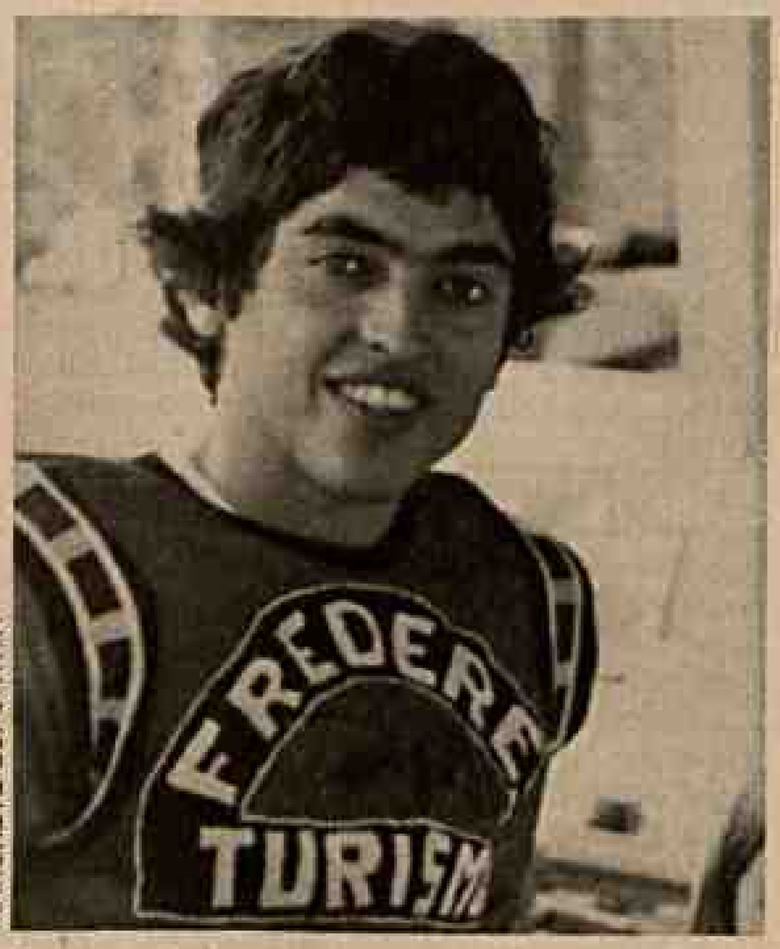
■ Mais despedidas que Muhammad Ali, somente Pelé. O pugilista — ex-Classius Clay, campeão mundial de todos os pesos — anunciou recentemente, em Londres, que deixaria o boxe "para sempre" e nem sequer faria mais exibições. Fala-se agora em uma "última despedida", no dia 13 de março. E no Brasil, ou mais exatamente no Morumbi, em São Paulo. O organizador do encontro, Colin Hyme, entusiasmado, já está qualificando o encontro de "a luta do século", mas não divulgou o nome do adversário. O empresário Giora Brell, porém, irritado, garante que seria o único em condições de negociar a vinda de Ali e desmente a notícia. Segundo ele, recusou a promoção de uma luta entre Ali e seu **sparring**, Jimmy Ellis, por não achar o espetáculo interessante para o público brasileiro.

MOTOCROSS

Gaúcho se consagra como o melhor piloto da América Latina

O gaúcho Pedro Bernardo Raimundo, o Moronguinho, está consagrado como um dos melhores pilotos de motocross da atualidade, na classe 125cc. Em 1978, defendendo a equipe Frederes Turismo/Saco & Cuecão, ele conquistou o campeonato gaúcho, o brasileiro e chegou ao título máximo de campeão latino-americano de cross. No torneiro internacional, Moronguinho enfrentou os maiores pilotos do continente, nas etapas disputadas na Argentina, Colômbia, Peru e Uruguai. Nesta última ele superou com tranqüilidade seu mais temível adversário, o peruano Juan de Coll, que o perseguiu ao longo de todas as provas da competição.

Um dos principais jornais uruguaios, **El Pais**, referiu-se à sua atuação, nas duas baterias, dizendo que ele foi tecnicamente sem falhas, frio, calculista, e com uma habilidade espantosa. No campeonato brasileiro, Moronguinho conseguiu o título por antecipação, na categoria 125cc, apesar de enfrentar pilotos excelentes, como o paranaense Nivanor Bernardi. Devido aos inúmeros compromissos assumidos em 78, ele não conseguiu disputar todas as provas do certame gaúcho, mas, mesmo assim, conquistou o título estadual, vencendo todas as corridas de que participou.



MANCHETE ESPORTIVA

Moronguinho: mais uma vez consagrado.

KART

O bicampeão teve que fugir de casa aos 17 anos para ser piloto

FOI à custa de muito sacrifício que Joca Ferraz, aos 31 anos de idade, chegou ao título de bicampeão pernambucano de kart. Seu pai era daqueles



MANCHETE ESPORTIVA

Joca Ferraz: talento desde os 17 anos.

que preferia o filho morto a vê-lo como piloto profissional. Por isso, aos 17 anos, Joca falsificou uns documentos e fugiu de casa para realizar seu sonho, que não começou exatamente no kart. Obteve vários títulos no automobilismo, correndo na força livre, em Fortaleza, e na extinta pista da Cidade Universitária do Recife, até conquistar o de campeão do norte-nordeste.

Como as corridas de Fortaleza ficaram suspensas muito tempo, Joca Ferraz ingressou no kart, em 1974. Em 1977, ganhou cinco das sete provas oficiais de Pernambuco e tirou dois segundos lugares. No ano passado conquistou o bicampeonato, vencendo toda as provas da competição. Pai de duas filhas, Joca tem o apoio da mulher, Vânia, presença constante nas corridas.

— Tive dois grandes motivos para ser piloto de kart. Primeiro, porque o meu amigo Zeca Néri disse que eu era um bom piloto de carro, mas muito fraco no kart. E provei o contrário. O segundo motivo é que, como campeão, posso lutar com mais direitos junto às autoridades, para que construam o nosso kartódromo. (Robson Sampaio)

HOMENAGEM

Sócio fundador recebe do Santa Cruz cadeira no Estádio do Arruda

LUIZ de Gonzaga Barbalho Uchoa é o único sócio fundador do Santa Cruz que está vivo. O clube foi fundado por ele e mais 10 rapazes, em 3 de fevereiro de 1914, com as cores preta e branca. A vermelha veio posteriormente e transformou o mais-querido no tricolor de Pernambuco. Barbalho Uchoa foi homenageado (tardiamente) pela diretoria do clube que fundou, recebendo uma cadeira perpétua no Estádio do Arruda. Emocionado, lágrimas nos olhos, ele recordou passagens do seu tempo.

— O Santa Cruz nasceu e vai viver eternamente. Esta frase foi dita por Alexandre Carvalho, um dos fundadores, depois de dar um soco na mesa, quando, numa forte crise, se pretendia o fechamento do clube. E ele tinha lá as suas razões.

Ao lembrar a atuação de velhos desportistas que, em momentos de crise, souberam tirar o clube das dificuldades, Barbalho Uchoa elogiou um cartola atual: Aristófanes de Andrade. **(Robson Sampaio)**

ESQUI-AQUÁTICO

Um esporte caro que só agora começa a se desenvolver no país

O norte-americano Ralph Samuelson não se conformava em ter de esquiar somente durante o inverno, quando a neve transformava as encostas das Montanhas Rochosas numa imensa pista natural para a prática de seu esporte predileto. Em 1922, a obsessão por esse passatempo conduziu o ousado praticante a adaptar duas tábuas de pinho de 2,50m por 10cm de largura cada uma, criando o primeiro par de esquis para água. Loucura ou não, ele conseguiu curvar as extremidades das tábuas, mergulhando-as em água fervente e, após várias tentativas frustradas, provou aos mais céticos — e a si mesmo — que poderia deslizar na superfície da água, puxado por uma lancha veloz. Com algum tempo de treino e aperfeiçoamento, chegou até a executar manobras rápidas, como nas pistas de neve.

Desde as sucessivas tentativas de Ralph Samuelson até os dias de hoje, muita coisa mudou no esqui-aquático. Atualmente, nos Estados Unidos, são disputados mais de 125 torneios desse esporte, com a participação de mais de 20 milhões de praticantes, que utilizam esquis especiais para cada tipo de prova. Isso sem falar no crescente número de adeptos em águas européias. No Brasil, o esqui-aquático foi introduzido por imigrantes, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Eles viram na extensa costa e nos inúmeros lagos e represas um grande potencial para o desenvolvimento desse esporte. Mas foi só a partir de 1976 que o esqui-aquático começou a crescer no Brasil, com as competições realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, por iniciativa de Paulo Weigand, um contemporâneo do perseverante Samuelson.

Apesar de ser um esporte relativamente novo no país, a equipe brasileira conquistou o quarto lugar no Pan-Americano de Esqui-Aquático, realizado em águas venezuelanas, em junho do ano passado. Foi a primeira participação de esquiadores brasileiros numa disputa internacional e, segundo Guilherme Faizano, presidente da Federação de Esqui-Aquático do Estado de São Paulo, esse esporte começa a escrever muito bem sua história.

— Os esquiadores americanos ficaram impressionados com a técnica e habilidade demonstrada pelos brasileiros no Pan-Americano. A equipe brasileira, constituída somente de esquiadores paulistas, conseguiu se classificar na frente da forte equipe do Canadá, perdendo apenas para os Estados Unidos, Venezuela e México.

A Federação de Esqui-Aquático do Estado de São Paulo é o único órgão legalizado pela CBD para a realização de provas internas. Em outros estados, porém, já existe uma movimentação dos esportistas para legalizar suas federações, como ocorre em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Em São Paulo, a etapa final do Campeonato de Esqui-Aquático foi disputada nos dias 16 e 17 de dezembro, no Riacho Grande, no Município de São Bernardo do Campo. E Paulo Weigand, campeão paulista de 76, não permitiu que Rafael Negrão repetissse o feito de 77, e conquistou o título da categoria adulto, numa disputa que entusiasmou o público, que associou a emoção ao lazer de um banho de sol à beira da represa. Paulo Weigand somou um bom número de pontos na prova de truques (3.180), classificando-se em segundo na de **slalom**, da qual Rafael foi o vencedor Isso lhe deu condição de se poupar na prova de saltos, onde não obteve colocação entre os três primeiros.

Na prova de **slalom**, os esquiadores manobram num tipo especial de esqui, percorrendo um curso de seis bóias, três em cada lado da trilha da lancha, que os puxa a uma velocidade de 60km/h. Esse percurso mede cerca de 23m e, além das bóias, é pontilhado de outros obstáculos, cada vez mais próximos uns dos outros, demarcados em função do número total de bóias que o esquiador ultrapassa, antes de se descontrolar.

Na prova de truques os pontos são marcados em função da criatividade e variedade das manobras praticadas. Cada esquiador deve percorrer duas vezes o percurso de 182 metros, no tempo de 20 segundos para cada vez. Nessa prova, Paulo Weigand fez prevalecer sua calma e experiência e conseguiu uma diferença de 104 pontos sobre Rafael Negrão.

O mais extenso salto em esqui-aquático para homens foi dado pelo norte-americano Wayne Grimditch, que detém a marca de 51,816 metros. No Campeonato Paulista de 78, Max Ribeiro chegou aos 31,50m, marca considerada muito boa, principalmente pelo forte vento contra, que dificultou a sua projeção. Nesse tipo de prova, o esquiador é puxado a uma velocidade média de 50km/h. A trajetória do salto começa no momento em que ele ultrapassa as bóias que marcam o início da linha da rampa. A rampa é um plano inclinado de 6 a 7m de comprimento por 3,50m de largura, sobre a água.

Nas categorias Juvenil e Infantil, Marcos Homem de Melo e Sérgio Weigand confirmaram sua superioridade, vencendo todas as provas do torneio.

Para quem quer se iniciar no esqui-aquático, uma informação: o material é caro, quase todo importado, pela falta de bons produtos nacionais. O primeiro passo é procurar um clube onde já se pratica o esqui, como o Iate Clube Paulista e o Clube de Campo, ambos em São Paulo, que já possuem todo o material necessário. O resto, é por conta da dedicação do iniciante. É o aviso de Guilherme Falzoni, vice-campeão de 78 na categoria infantil, aos 12 anos de idade, não deixa de ter uma dose de sabedoria:

— Antes de querer aprender esqui-aquático, o mais importante é saber nadar. (Artur Appolinário) ■

TÊNIS

■ Carlos Eduardo Chabalboity fez um grande sucesso em Miami Beach. Ele derrotou cinco adversários — um colombiano, um sueco, um porto-riquenho e dois norte-americanos — e foi para a final enfrentar justamente seu compatriota Ricardo Acioly. Com a vitória — por 2 a 1, sets de 6/2, 4/6 e 6/4 — Chabalboity conquistou o Orange Bowl — o campeonato mundial de tênis juvenil. Ele tem 13 anos e foi o primeiro brasileiro a vencer o torneio em sua categoria. Em sua carreira, iniciada aos nove anos, no Clube Vizinhança, em Brasília, estão incluídos três títulos brasileiros — aos 11, 12 e 13 anos — e o título sul-americano, obtido na Colômbia. Quem o preparou no Brasil para a competição foi nada mais nada menos do que Thomas Koch. Harry Hopman treinou-o nos Estados Unidos.

HIPISMO

■ Luís Felipe de Azevedo, campeão brasileiro de saltos em 1977 e o cavaleiro que mais títulos conquistou em 1978, vai competir na Bélgica. Sua viagem está marcada para março e sua meta é saltar com os cavalos de François Mathy que, observando sua performance no Mundial realizado na Alemanha, em agosto último, fez o convite e acertou sua transferência. Pelo visto, Luís Felipe não volta mais e se vai como Nélson Pessoa Filho. Entre suas mágoas, ficam a perda do cavalo **Pirão**, com quem formou um conjunto considerado perfeito, e a falta de apoio à sua atividade pelas autoridades esportivas brasileiras. Suas principais queixas são justamente em relação ao Mundial, do qual participava pela primeira vez e só não chegou às semifinais por causa de meio ponto: recebeu apenas ajuda de custo.

AUTOMOBILISMO

■ O presidente Charles Naccache, da Confederação Brasileira de Automobilismo, já confirmou sua disposição em alugar três carros para que três pilotos participem do Campeonato Sul-Americano de Fórmula-2, prova que antecederá o Grande Prêmio da Argentina de Fórmula-1, a ser realizado no dia 21, em Buenos Aires, abrindo a temporada automobilística mundial. Ele acha oportuno enviar alguns pilotos brasileiros para a disputa, já que o GP reunirá em Buenos Aires cerca de mil jornalistas de todo o mundo. Para as três vagas, os mais cotados são o bicampeão brasileiro de Fórmula-Volkswagen 1.600, Alfredo Guaraná, de São Paulo; o também paulista Antônio de Castro Prato; e o carioca Maurício Chulam, vice-campeão brasileiro de Fórmula-V. **(Mara Bentes)**

MUDANÇAS

Jan Zwartkruis, o novo treinador, vai reformar o "carrossel holandês"

● Jan Zwartkruis é o atual treinador da Holanda. Tranqüilo, até muito modesto, foi auxiliar de Rinus Michels e de Ernst Happel, com os quais aprendeu muito. Assumindo a direção do **carrossel holandês**, Jan deve ter pensado muito no futuro da famosa equipe que foi vice em dois mundiais consecutivos. Até quando poderá continuar contando com os Neeskens (Barcelona) e Resenbrink (Anderlecht)? Daí ter tomado a deliberação de realizar uma **peneira** na seleção holandesa. Recentemente, na partida contra a Alemanha Oriental, o pacato treinador só faltou soltar foguetes de contentamento, porque lançou no comando do ataque um jovem chamado Adrie Koster (13.2.1959), no segundo tempo, em substituição a René van de Kerkhof. E Koster foi muito bem no jogo, recebendo elogios dos sisudos comentaristas dos Países Baixos. Koster, que joga no Roda JC, passou a ser considerado um craque de primeira linha, atualmente figurando como destaque, ao lado de Pieter Wildschut (25.10.1957), do Twente Enschede, que está jogando uma barbaridade. A Federação Holandesa não permitirá a transferência dos dois.

DESORGANIZAÇÃO

Brasil devia seguir o exemplo da Europa e fazer calendário sério

● Eu não deveria ter inveja, mas tenho. Eu não deveria falar mais sobre a questão, mas falo. Porque fico só pensando em como seria o futebol brasileiro, com uns 50%, ao menos, de organização. E conto para vocês anotarem: no dia 27 de fevereiro de 1980, às 19 horas (hora européia), a seleção da Alemanha Ocidental tem um encontro marcado com a equipe nacional de Malta. Em Dortmund. Aí terminará a Copa das Nações da Europa, também denominada de "Henry Delauney", uma competição iniciada a 24 de maio de 1978, com sete grupos de classificação, pelos quais já foram realizadas 35 partidas. As outras três Copas européias, as de clubes, já têm datas e locais marcados para suas decisões. Apenas a "Uefa" está indefinida quanto às cidades de decisão, porque é jogada em turno e returno, na finalíssima.

Não fosse tão longo e fastidioso, mostraria todas as rodadas, uma a uma, com datas e locais de cada Campeonato Nacional de um país europeu. Tudo feito cronometricamente, sem mistérios, sem invenções, sem nada. E contaria, também, que um árbitro escocês, muito famoso, por ter recebido presentes em Milão, foi suspenso até 1980. Por aqui, um árbitro é convidado para dirigir um clássico em Belém do Pará, pede 12.000 cruzeiros livres, vai, apita, coloca sete jogadores na súmula, dá um gol que foi anulado de uma bola que saiu pela linha de fundo, e retorna à sua sede mais rico que antes, porque não existe um quadro nacional, em que os juízes profissionais em suas federações apitem em outras pelas passagens e hospedagem. Mas até aí nada demais. Na realidade, essa questão de árbitro não tem nada a ver com a outra, a da organização futebolística da Europa, mas, desde que falei naquele jogo de 27 de fevereiro de 1980, vejo-me na obrigação de perguntar se existe alguém por aí que possa me dizer só uma coisinha:

— Quando começará a Copa "Brasil" de 1979?

Só isso, para não entrar em um problema que considero mais próximo, relacionado com o fim do Campeonato Paulista de 1978/79. O brasileiro é tido como um tipo inteligente. Quando descobrirá um calendário para o futebol? Nesse particular, de calendário, nem "quebrar o galho" estamos sabendo.

RODÍZIO

Polônia muda mais uma vez de técnico, que arma equipe de jovens

● Partindo de 1974, é curiosa a carreira dos treinadores da seleção da Polônia. O titular era Kazimierz Gorski, porém, bastou que ganhasse somente a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal, perdendo a de ouro para a Alemanha Oriental, para que tivesse que entregar o posto. Assumiu um moço muito estudioso e pesquisador, que fora auxiliar de Gorski: Jacek Gmoch. Contudo, ao findar o Campeonato Mundial de 1978, tambem Gmoch saiu, pois preferiu completar um curso de doutorado. E foi seu auxiliar no Mundial da Argentina, Ryszard Kulesza, quem assumiu a direção da seleção. E começou logo um trabalho de renovação, dando seqüência ao que vinha sendo feito anteriormente. Na vitória sobre a Suíça, por 2 x 0, a Polônia apresentou uma cara nova, diferente, com alguns jogadores que estão na casa dos 22 anos. Eis os jovens que apareceram como titulares: Roman Ogaza (10.8.1958), centroavante; Stefan Majeswski (31.1.1956), volante, com 1,86 de altura; Zbigniew Boniek (3.3.1956), volante, que jogou no Morumbi, em 1977, que sabe realmente jogar; Adam Nawalka (23.10.1957), volante; e Stanilaw Terlecki (13.11.1955), lateral-esquerdo. O treinador vai afirmando: **A Polônia terá outra cara em 1982.**

RESISTÊNCIA

Nordqvist não aceita o fim de carreira e vai para os Estados Unidos

● Bjorn Nordqvist (6.10.1942), 115 jogos com a camisa da seleção da Suécia (é recordista mundial), vai continuar brigando contra o fim de carreira. Não mais jogará na equipe nacional sueca, porque assim resolveu o treinador George Ericsson. Nordqvist teve só uma resposta para a "barração": **Está certo, já cumpri minha parte.** No entanto, vai mudar de ares, pois aceitou uma proposta do Minnesota Kicks, dos Estados Unidos, onde receberá um salário de 6.000 dólares mensais (cerca de Cr$ 120 mil). Há uns dois, três meses, Bjorn Nordqvist foi submetido a uma série de testes físicos e exames médicos. Resultados obtidos: o veterano zagueiro tem ótima saúde e um físico perfeito. E, ao receber a proposta do Minnesota, que terá a duração de um ano, comentou: **Um ano está bem, mas eu pretendo continuar jogando até os 40.**

ALEMANHA

Atenção para o jovem Allofs, que fez três gols no célebre Maier

● Seria bom ficar de olho em um jovem jogador alemão, um tal de Thomas Allofs, do Fortuna de Dusseldorf. Esse moço, recentemente, teve a glória (ele mesmo classificou assim) de visitar por três vezes a meta do célebre Sepp Maier, do Bayern Munique, num dia em que houve uma terrível surpresa (para os de Munique, é claro) no Campeonato Alemão: Fortuna, 7 x Bayern, 1. Allofs marcou o primeiro gol aos 30 segundos de partida, imediatamente após o pontapé de saída. O goleiro da seleção da Alemanha Ocidental nem viu como foi. E, ao dizermos que seria bom ficar de olho em Allofs, há um motivo especial: o moço nasceu no dia 17 de novembro de 1959. Tem apenas 19 anos.

No competitivo futebol alemão de hoje, a cada dia surge uma nova promessa.



Sven Simon-Katherine Young

CEARÁ

Assis deixa o futebol para ser auxiliar de H. Chaves no Esporte

O quarto-zagueiro Assis Paraense, que marcou época no Fluminense, do Rio, onde conquistou diversos títulos, sagrou-se campeão cearense com o Ceará Sporting e agora volta ao Sport Recife, que é o dono de seu passe. Ele quer continuar jogando, mas já foi informado de que os novos dirigentes do clube pretendem aproveitá-lo como assistente técnico, provavelmente de Hilton Chaves, o mais cotado para dirigir a equipe em 79. Assim, Assis está tranqüilo com relação ao seu futuro e pode até mesmo aceitar os planos da diretoria rubro-negra, iniciando um pouco mais cedo a carreira que havia escolhido para quando não pudesse correr atrás dos atacantes, **(Sport Press)**

PRORROGADO

Sergipe paga 40 mil e fica com os gols de Dão até final de março

NÃO há mais problemas, pelo menos até o último dia de março. Até essa data o Sergipe poderá continuar vibrando com os gols de Dão, que é do Santa Cruz e teve seu empréstimo prorrogado por mais três meses pelo clube pernambucano. Nesta transação, o Sergipe não gastou muito — pagou apenas Cr$ 40 mil — mas certamente vai ter que desembolsar um bom dinheiro para comprar definitivamente o excelente atacante. É que Evaristo Macedo, treinador do Santa Cruz, já viu Dão atuar e acha que ele poderá, no mínimo, ser um bom reserva para Neinha, o homem que ficou com a camisa 9 de Nunes, agora no Fluminense. **(Sport Press)**

SANTA CATARINA

Chapecoense vai ao ST brigar pelo título que o Joinvile diz seu

SANTA Catarina ainda não tem, oficialmente, o seu campeão de 1978, simplesmente porque a federação não o proclamou. Esta é uma história muito longa e complicada, que certamente terá o seu epílogo no Superior Tribunal da CBD.

O Avaí abandonou o campeonato e, segundo o regulamento (artigo 50, parágrafo único), todos os seus pontos ganhos e perdidos não devem ser computados. Essa disposição regulamentar dá o título ao Joinvile, que fica com um ponto de vantagem sobre o Chapecoense. Mas este clube se considera campeão porque, no momento em que o Avaí decidiu deixar o campeonato, tinha um ponto a mais que o Joinvile. É simples: enquanto o Joinvile perdeu para o Avaí, a Chapecoense venceu.

Agora, enquanto o Joinvile, baseado no regulamento, pressiona a federação para ser proclamado campeão, a Chapecoense, que seria bicampeã, anuncia ter farta documentação, pronta para dar entrada no TJD da FCF, pleiteando para si o título.

Os adeptos da Chapecoense consideram questão de justiça seu clube ser campeão, enquanto os joinvilenses acham que a justiça só pode ser feita respeitanto a letra da lei. E, em qualquer campeonato, a lei é o seu regulamento. Quem, afinal, estará com a razão?

GOIÁS

Baltazar deixa de lado a religião para ser o artilheiro do Atlético

SUA família, toda presbiteriana, sempre reservou o domingo para o culto religioso. Isso roubou do menino Baltazar Maria Morais Júnior a chance de fazer companhia aos seus coleguinhas nas tradicionais peladas dominicais. Mas não impediu que ele, com apenas 19 anos, se transformasse no maior artilheiro do futebol goiano.

— Durante a semana, eu dava umas fugidinhas e acabei no dente-de-leite do Atlético, mas nunca descudei dos estudos. Fiz o primário no Grupo Escolar Inhá-Inhá do Couto e depois o ginasial no Colégio Bandeirantes.



Sport Press

Baltazar no Atlético: "O futebol me fascina."

Os estudos e o futebol correram juntos na vida de Baltazar. Hoje, ele é o maior goleador em campeonatos estaduais em 78 — 29 gols — e está se preparando para o vestibular de engenharia, após complementar o curso técnico na Escola Técnica Federal de Goiás.

— O futebol me fascina, mas por imposição de minha família nunca pude descuidar dos estudos, o que foi muito bom para mim. De nada adiantava, para meus pais, eu fazer cinco gols num jogo se tirasse menos de 8 em matemática.

Embora muito jovem, Baltazar tem alguns títulos importantes. Foi vice-campeão sul-americano juvenil e terceiro no Campeonato Mundial da Tunísia. E já conquistou dois títulos de campeão de torneios incentivo em Goiás com a camisa 9 do Atlético.

— Em 75, fui lançado no time principal do Atlético e marquei três gols num jogo contra o Inhumas. A imprensa me deu força e fui convocado por Evaristo Macedo para a Seleção juvenil. Era reserva de Paulinho, hoje no Vasco, mas mesmo assim tive chance de marcar vários gols. Na volta, ganhei lugar no time do Atlético e nunca mais saí.

Neste momento, Baltazar tem um objetivo imediato: marcar pelo menos mais um gol no campeonato goiano, que prosseguirá após as férias, para superar o recorde de Foca, lendário atacante do Goiânia, na década de 50.

— Ele fez 29 gols e eu já cheguei lá, mas quando fizer o 30.º vou guardar a camisa e oferecer-lhe como lembrança. Ele é um cara muito legal. (Sport Press)

MATO GROSSO

Seis clubes decidem o título de campeão do estado pela última vez

ENVOLVENDO Operário CG, Dom Bosco, Mixto, Operário VG, Comercial e Barra do Garças, a fase decisiva do Campeonato Mato-Grossense do ano passado será iniciada a 4 de fevereiro. Os dois primeiros que forem vencedores do 1.º e 2.º turnos, respectivamente, estarão com um ponto de vantagem sobre os demais.

A situação de como ficará o futebol mato-grossense depois da divisão do estado — Norte e Sul — é de difícil previsão, segundo declaram os dirigentes. O Sul terá seu próprio campeonato e o Norte, cuja sede será Cuiabá, terá o seu ainda este ano. No Norte podem voltar às atividades o Comercial, de Poconé, o Cáceres e o Uirapuru, da Universidade Federal, que está profissionalizando seu time amador. No Sul, além de Operário, Comercial e SEI, podem surgir Dourados, Aquidauana, Ponta Porã e Três Lagoas.

O atual artilheiro do Campeonato Mato-Grossense, que ainda não terminou, é Tadeu Macrini, do Operário CG, com 16 gols. Uma curiosidade digna de registro: na goleada de 10 a 2 sobre o Palmeiras, Tadeu fez nada menos do que 7 gols. Mas o Dom Bosco é o único invicto: não perdeu nenhum dos 16 jogos que disputou. **(S.P.)** ■

REVIVIDO no começo de 70, o campeonato de aspirantes no Rio não vingou. Depois de vários anos sem ele, os clubes cariocas tentaram novamente realizá-lo, pois pensavam que assim poderiam colocar em atividade os chamados **come-dormes** — isto é, aqueles jogadores que nunca participavam dos jogos, apenas faziam parte do elenco e completavam o time reserva nos treinamentos. Mas a tentativa voltou a fracassar, pois os clubes reclamaram muito das grandes despesas que tiveram de fazer, contratando mais jogadores. No entanto, há o outro lado da moeda pois, com o fim do campeonato de aspirantes, renasceram alguns outros problemas: a) não há mais partidas preliminares, onde a torcida, motivada ia ver novos jogadores que surgiam e que poderiam substituir este ou aquele jogador que não fosse bem no time principal; b) vários juvenis que **estouraram** o limite de idade da categoria ficavam perdidos e tornavam-se apenas **come-dormes**, relegados a segundo plano, pois ainda não tinham experiência necessária ou condições técnicas suficientes para vestir a camisa titular. Agora os clubes pensam novamente em reviver o campeonato. Por isso, nós perguntamos:

É válida a volta do campeonato de aspirantes ?



Geraldo Romualdo da Silva
(Jornal dos Sports)

SIM Sou inteiramente a favor da volta do campeonato de aspirantes, pois vejo nele grandes benefícios para o futebol brasileiro. Os clubes têm em seus elencos mais de 23 jogadores, entre os quais 11 jogam e 5 ficam no banco. Os demais estão lá, relegados a plano inferior, pois servem apenas de complementação para os treinamentos da semana. Há jogadores que jamais vestiram a camisa titular do time por falta de oportunidade durante uma temporada e isso, inevitavelmente, não só é ruim para ele como para o próprio futebol brasileiro. Os campeonatos de aspirantes, antigamente, serviam para desenvolver todos os sentidos dos jogadores, física e tecnicamente, e isso levava o futebol brasileiro a um desenvolvimento mais rápido. Os jogadores não eram aquelas peças frias que ficavam no banco meses e meses antes de entrar numa ou outra partida. Agora, quando entram, estão na maioria das vezes fora de forma. Além disso, era um acesso gradual dos jogadores, que vinham das divisões inferiores, passando do infanto para o juvenil e daí para os aspirantes, à espera de vez no time titular. Acabou-se com isso e grande parte dos jogadores juvenis ainda não estão em condições de atuar no primeiro time, ficando lá, encostados nos clubes. Não ter o campeonato de aspirantes é um grande contra-senso dos times de futebol no Brasil, atualmente.



José Dias
(Sport Press)

NÃO O campeonato de aspirantes já deu provas de que é uma fórmula falida, e não cabe mais nos atuais moldes do futebol brasileiro. Ele foi realizado durante anos, quase sem motivação e só serviu para onerar ainda mais os clubes, obrigados a ter no seu elenco quase quarenta jogadores para atender às duas categorias: profissionais e aspirantes. E isso é tanto verdade, que os próprios clubes acharam por bem dá-lo por encerrado, aliviando assim as suas já altas folhas de pagamento. A solução seria aumentar a idade dos juvenis que, é bem verdade, ficam perdidos quando ultrapassam a idade limite e não têm condições de ser aproveitados imediatamente no time principal. Se assim fosse feito, os clubes não teriam que contratar mais jogadores e o problema dos juvenis seria resolvido, pois eles continuariam jogando, à espera de uma oportunidade. Inclusive, o campeonato juvenil, pelo menos no Rio, provou este ano que motivação não lhe falta: o Caio Martins ficou cheio na decisão entre Botafogo e Flamengo. Para reviver agora o campeonato de aspirantes, além dos problemas dos quais já falei, seria necessário ainda habituar novamente o torcedor a assisti-los: ora, este ano os números mostraram que eles foram menos ao estádio. Imaginem tentar levar o torcedor para ver jogadores veteranos, com quase 30 anos, jogando no time de aspirantes.

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria
ADOLPHO BLOCH
OSCAR BLOCH SISELMANN
PEDRO JACK KAPELLER

Diretores
DIRCEU TORRES NASCIMENTO
ISAAC EDUARDO HAZAN
MURILO MELO FILHO
PAULO PELLICANO

Departamento de Jornalismo
ARNALDO NISKIER

Diretor Responsável
MURILO MELO FILHO

MANCHETE ESPORTIVA
Reg. n.º DPF-DCDP-244 P209/73

Editor
Ziel Ghivelder
Editor Executivo
Ney Bianchi

Editor de Texto
Marcos de Castro
Reportagem
Glória Sílvia Nunes, Silvio Braun, Geraldo Manenti (Rio); Julio Bartolo, Horácio Marana, Celso Amaldo Araújo, Artur Apolinário e Cesar Teixeira (São Paulo); Otacílio Lage, e Marco Otávio Teodoro (Belo Horizonte); Marina Wodtke (Porto Alegre); Robson Sampaio (Recife); Marlene Gallezzi (Brasília); Isaac Soares (Belém); Eugenia Fernandes (Nova Iorque); Daisy Benvenuth (Milão); Sylvia Silveira (Paris)

Arte
J. A. Barros
Luiz Roberto de Oliveira

Promoções/Relações Públicas
Elcio Macedo

Fotografia
Gervásio Batista (chefe)
Gil Pinheiro, Sérgio de Souza, Frederico Mendes, Gaston Guglielmi (Rio); Mitsu Shigunhara, Flavio Canalonga, Wilson Chumbo, Vic Parisi, Antonio Parramon, Brasílio Ignio (São Paulo); Nelson Aranha (Belo Horizonte); David Olson (Recife); Chico Nascimento (Paris)

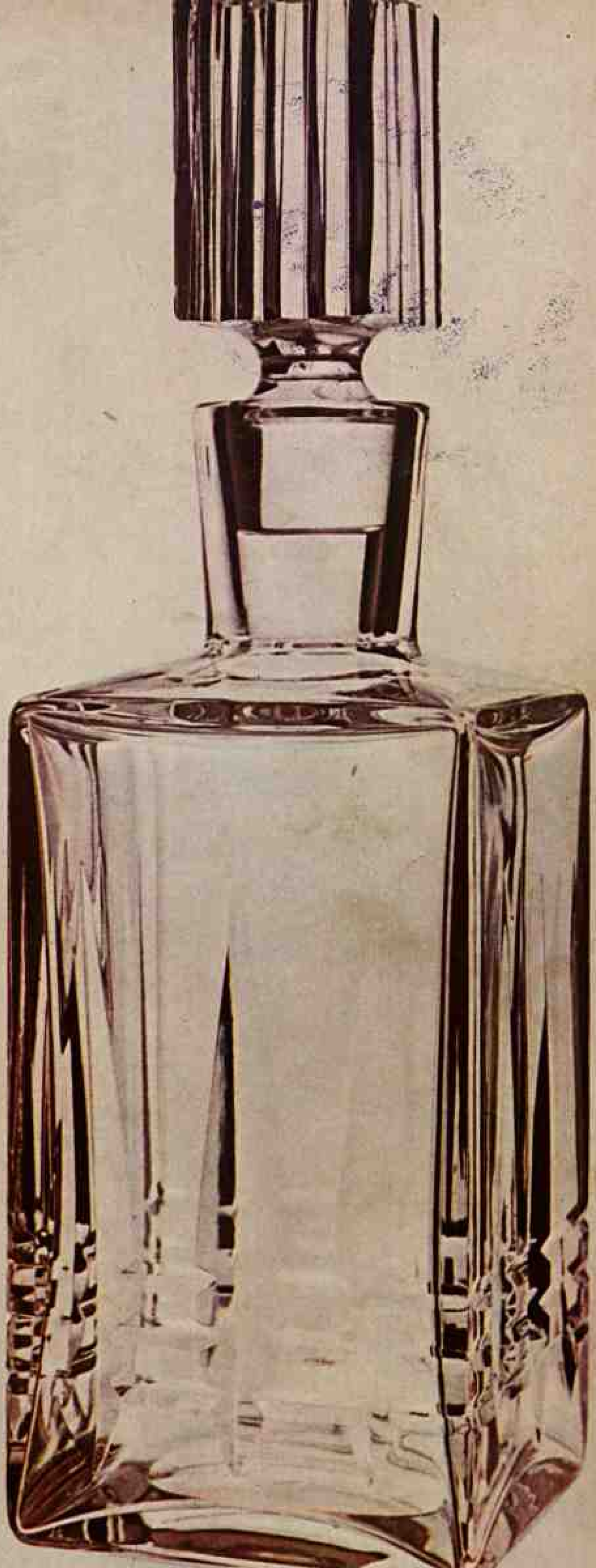
Produção
Lourival Bernardo
Serviços Editoriais
Célio Lyra
Departamento Comercial
Paulo Poucinha (São Paulo)
Expedito Grossi (Rio)
Publicidade
Roberto Antunes
Francisco Lins
David Klajmic (Rio)
Marketing
Marlene Bragmar
Administração e Redação
Rua do Russel, 804
Tel.: 265-2012
Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro

Circulação
Francisco Távora Heitmann
Parque Industrial
Rua Cordovil, 520 — Lucas
Tel.: 391-6000 — Telex: (021)22751 Rio de Janeiro
Distribuição
Distribuidora Imprensa
Rua do Resende, 100
Tel.: 244-3177 — Rio de Janeiro
Sucursais
Brasília
Sérgio Reis
Setor das Indústrias Gráficas
Lote 939 — Tel.: 223-5420
Telex: (061) 1058
São Paulo
Diretor: Pedro Jack Kapeller
Salomão Schvartzman
Arnaldo Vinilli
PUBLICIDADE
Decio Bittencourt
CASA DA MANCHETE
Av. Europa n.º 21 — Tel.: 282-3122
ESCRITÓRIOS ADMINISTRATIVOS
Av. Nove de Julho, 5.435
Administração e Redação — 5.º andar —
Tels.: 282-3150/282-3239 e 282-3430
Dep. Comercial, Tráfego, Gráficos e Marketing — 6.º andar — Tels.: 282-3464/282-3227 e 282-3522
Telex: (011) 21161
Belo Horizonte
Lúcio Portela
Av. Afonso Pena, 1.500 — 16.º andar
Tels.: 226-6677/226-6564
Telex: (031) 1058
Porto Alegre
Edgard Wallau Jr.
Rua Otávio Rocha, 116 — 18.º andar
Tel.: 24-4744
Telex: (051) 1042
Norte/Nordeste
Fernando Câmara Cascudo
Maria Daisy Cavalcanti
Av. Dantas Barreto, 298
2.º e 3.º andares
Tels.: 224-0404 e 224-0585 — Recife
Telex: (081) 1084
Salvador
Flavio Cavalcanti Jr.
Rua Chile, 22 — 1.º andar
Tels.: 243-3329/243-2795
Telex: (071) 1214
Belém
Isaac Soares
Rua Campos Sales, 268 conj. 901
Tel.: 22-6845
Curitiba
Bayard Dias
Rua Marechal Deodoro, 211 conj. 805
Tel.: 24-8283
Telex: (041) 5202
Nova Iorque
Sérgio Alberto da Cunha
680 Fifth Avenue, room 1302
Tel.: (212) 246-8870
Telex: (23) 224-4440 BLOCH UR
Paris
Sylvio Amaro da Silveira
4, Place de la Concorde
Paris 8ème, França
Tels.: 742-6174/742-6749
Telex: 280240
Milão
Daisy Benvenuti
Via del Bollo, 3
Milano 20121 — Itália
Tel.: 87-4007
Tóquio
Angel Esteves Dominguez
1-10-11 Higashigotanda
Shinagawa-Ku — Tóquio
Tels.: 445-4375/445-4383
Telex: 26736

Chutada, sofrida, agarrada, vaiada, pisada, abraçada, beijada...
Esta bola nos uniu em 78 e estará conosco em 79!

Equipe de esportes
REDE RECORD





Às vezes é mais elegante não usar uma elegante garrafa de cristal.

No mundo inteiro, envelhecido 12 anos. Produzido por Chivas Brothers Ltd., na Escócia.